Diário de Lisboa

ANO 63.° N.° 21 148
Maio 1983
Sábado

20$00

Fundador **Joaquim Manso** Director **A. Ruella Ramos** Director-adjunto **Fernando Pitelra Santos**

Ao inaugurar a exposição europeia

Eanes fala de "estados unidos" da Europa

«Este relance sobre o passado não deve imobilizar-nos no saudosismo impotente. Pelo contrário, se o soubermos ler correctamente, deverá dar-nos uma visão desinibida do que somos e do que podemos», afirmou esta manhã o Presidente da República, Ramalho Eanes, na cerimónia inaugural da XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, realizada no Mosteiro dos Jerónimos.

Depois de sublinhar que «esta exposição sobre o papel dos portuguses nos Descobrimentos é, assim, uma oportunidade para reafirmar uma vontade nacional que se continua», Ramalho Eanes acrescentaria que «é este o sentido novo que assume a presença de Portugal na Europa e o reforço das suas relações privilegiadas com os povos que melhor conhece, num mundo onde todos os povos são interdependentes e onde o progresso só pode ser uma acção organiada e conjunta».

Para o Presidente da República, «temos agora uma consciência crítica mais rigorosa» e «um conhecimento mais exacto do que é preciso fazer para que o progresso e a paz sejam possíveis nas relações entre os povos».

Ramalho Eanes concluiria a sua intervenção afirmando que «temos ainda uma noção mais clara do que pode ser feito com a efectiva cooperação política dos Estados Unidos Europeus, condição essencial para que à vontade política se possam associar os recursos e as capacidades necessárias».

A sessão solene de abertura da Exposição, a que assistiram, além de Eanes, o secretário-geral do Conselho da Europa, Franz Karasek, o primeiro-ministro, Pinto Balsemão, o ministro da Cultura e Coordenação Científica, Lucas Pires, e o comissário-geral da XVII Exposição, Pedro Canavarro, foi aberta pelo grupo «Os Metais de Lisboa», que interpretaram um *suite* de Haedel.

A primeira intervenção foi de Pedro Canavarro, que salientaria o facto do «nosso país, de

Continua na pág. 20

250 homens da GNR segunda-feira em Crestuma

Pág. 6

Soares levava a carta no bolso

Correio socialista hoje para o PSD

A mesa da Comissão Nacional do PS, esta manhã

Uma carta deve seguir ainda hoje da Comissão Nacional do PS para o Conselho Nacional do PSD, ambos reunidos em Lisboa: ela conterá o convite socialista aos sociais-democratas para um entendimento sobre a constituição do próximo Governo. A aceitarem o convite, os homens do PSD parecem já ter acertado agulhas quanto às suas «exigências»: querem Vaz Portugal na Agricultura, Mota Pinto vice-primeiro-ministro acumulando com outra pasta (Reforma Administrativa ou Justiça), além da Defesa e das Obras Públicas.

À entrada para a reunião do Largo do Rato, esta manhã, Mário Soares escusou-se a prestar declarações, o mesmo sucedendo com outros dirigentes socialistas. Eles preferiram, assim, respeitar o protocolo em vigor entre os dois partidos, mantendo o silêncio sobre aquilo que, afinal, já é do domínio público...

Págs 6 e 20

Carla e Fernando encantaram na grande noite do fado

Carla Marina Silva Costa (do Tejolense Atlético Clube) e Fernando Jorge Luís Amaral (Grupo Desportivo da Mouraria): os vencedores da «Grande Noite do Fado» Pág. 8

Acabou a farsa

Diários de Hitler são falsos

«Envergonhamo-nos de ter feito isto mas a culpa não é nossa», afirmou ontem o director da revista alemã «Stern», obrigado a reconhecer que são falsos os diários de Hitler que ele contava publicar e vender, em exclusivo, a inúmeros órgãos de informação. Acaba assim, em negro, para a «Stern», o que ameaçou ser uma das maiores mistificações sobre, e desde, a Segunda Guerra. Pág. 20

Peter Koch: a grande desilusão

Hoje a cores

«Sábado» oferece-lhe um completo «dossier» do caso do «diário de Hitler». Quando foi escrito, ainda se punha em dúvida aquilo que hoje já é reconhecido: a falsidade dos documentos. Daí as interrogações que prevalecem ao longo do texto. De qualquer modo, trata-se de um contributo que reputamos importante para um melhor esclarecimento dos nossos leitores.

AOS ARTISTAS
PLÁSTICOS
PORTUGUESES

CONCURSO
TROFÉU município de cascais

PRÉMIO 70000$00
3 Menções Honrosas

30 de maio 1983
DATA LIMITE PARA
ENTREGA DE ORIGINAIS

Regulamento e Informações:
PELOURO DA CULTURA
CÂMARA MUNICIPAL DE CASCAIS – P. 5 de Outubro
2750 Cascais

CÂMARA MUNICIPAL DE PALMELA

AVISO

CONCURSO PARA PROVIMENTO DE 6 LUGARES DE CANTONEIRO DE LIMPEZA DE 2.ª CLASSE

Para os devidos efeitos se torna público, de harmonia com a deliberação tomada por esta Câmara Municipal em sua reunião de 29 de Abril findo, que está aberto pelo prazo de 15 dias a contar da data da publicação do presente aviso no Diário da República, concurso de provimento para preenchimento de 6 lugares do quadro, de Cantoneiro de Limpeza de 2.ª classe, letra O a que corresponde o vencimento mensal de 19 200$00.

De conformidade com o disposto no artigo 6.º do Decreto Regulmentar n.º 68/80, de 4 de Novembro, a este concurso poderão ser admitidos os indivíduos que reunam os seguintes requisitos:

a) Nacionalidade portuguesa, originária ou adquirida;
b) Idade não inferior a 18 anos;
c) Sanidade mental e física para o desempenho das funções próprias do cargo;
d) Ausência de pena disciplinar ou condenação por crime que inabilitem para o exercício de funções públicas;
e) Cumprimento dos deveres militares;
f) Escolaridade obrigatória;
g) Bilhete de Identidade actualizado.

Do requerimento em papel selado dirigido ao Presidente da Câmara, e com a assinatura a inutilizar uma estampilha fiscal de taxa de 100$00, deverão constar os seguintes elementos de identificação: nome, estado, naturalidade, residência, data de nascimento, filiação, número e data do bilhete de identidade, serviço de identificação que o emitiu, habilitações literárias e declaração sob compromisso de honra, em alíneas separadas, da situação precisa em que se encontram relativamente a cada uma das alíneas a) a g) do art.º 6.º do referido Decreto Regulamentar.

Os requerimentos deverão ser entregues pessoalmente na Secretaria da Câmara Municipal ou remetidos pelo correio dentro do prazo de abertura do concurso.

A selecção dos concorrentes é feita pelo método de entrevista.

O Júri deste concurso é constituído pelo Presidente da Câmara, Chefe de Secretaria e Eng.º António Miguel da Costa Ferreira.

A validade deste concurso é de 2 anos, de harmonia com o n.º 1 do art.º 10.º do mencionado Decreto Regulamentar.

Em caso de igualdade de classificação têm preferência os indivíduos já vinculados à função pública.

O provimento é feito por assalariamento.

Paços do Concelho de Palmela, 2 de Maio de 1983

O Presidente da Câmara
António Ferreira da Costa

gentes e paisagem

Dias de Melo

Gratidão para a senhora enfermeira

VOU por essas ruas de Lisboa. Nos autocarros. Nos eléctricos. Por baixo do chão, no Metro. Cerca das duas da tarde, acabo sempre ali. Onde ela está. Onde ela esteve há quatro anos. Onde ela esteve há dois anos. Para onde a senhora Enfermeira a trouxe e deixou de novo agora. Só que, há quatro e há dois anos, ela veio de pé e de cabeça erguida. Veio – e foi...

Tempo cinzento. Triste. Chuviscos. Frio. Em Maio. Anteontem, quando a deixei, chuva em catadupas. Se tentasse apanhar o 16, ou o 26, na Bordalo Pinheiro, um pouco adiante, contra a Praça de Espanha, encharcava-me até aos ossos. Fiquei neste cafezinho da esquina, defronte do muro amarelo, quase defronte do grande portão aberto no muro amarelo.

O portão por onde entro para estar com ela. O portão por onde saio depois de estar com ela. Como todos os que têm aí que entrar e daí sair.

Ruas que passo por trás do muro amarelo. Portas que transponho. O átrio do hospital que atrevesso. O elevador que subo.

Espero. Na sala de visitas. Como todos os que esperam. Com ansiedade. Com angústia. Ansiedade e angústia minhas e de cada um iguais à ansiedade e à angústia de todos.

TRAZEM-NA na cama de que se não pode levantar. Como trazem outras e como trazem outros. Empregados sem pressa, indiferentes à ansiedade e à angústia do s que esperam. Elas, eles, que vêm das enfermarias, um a um, para estar connosco. Nós, companheiros, companheiras, filhos, irmãos, amigos, que vimos de fora, muitos de longe, para estar com eles, para estar com elas. Por uma hora. Entre as 14 e 15 e as 15 e 15.

Deixam-na a um canto, deitada na sua cama, junto de mim. Dos que vêm comigo para estar com ela. Ali estamos, no meio dos outros. Com ela. Com a sua esperança. A esperança só morre quando nada mais há para morrer dentro de nós.

Mal acaba aquela hora, que nem sempre chega a ser uma hora, aquela hora mais breve que segundos, logo os empregados a levam. E a todos. Profissionalmente.

DEMORO-ME a vê-la sumir-se no túnel comprido do corredor. Eu, os que não estão comigo. Os outros, que estão com os outros. A vida, a vida dela, dos outros, de todos nós, não é senão um túnel comprido de que se não alcança nunca o fim.

De novo o elevador. O átrio. As portas do hospital. As ruas. Por trás do muro amarelo. E o grande portão aberto no muro amarelo.

Anteontem, com a chuva, aqui fiquei neste cafezinho da esquina. Lagos de águas trémulas nas pedras gastas da calçada. E as águas – lágrimas que escorriam pelos vidros do cafezinho entravam dentro de mim, me oprimiam o coração oprimido.

Senhora Enfermeira:

Ela foi internada no hospital da ilha a 24 de Março. À espera que vagasse uma cama no Instituto Português de Oncologia. Por ordem do médico que a trata na ilha. Com desvelo. Ela quer-lhe bem.

E quer-lhe bem a si, senhora Enfermeira. E a todas as enfermeiras que a cuidaram no hospital da ilha. Com dedicação, afecto, carinho. Tanta dedicação, tanto afecto, tanto carinho que quis ficar consigo, com elas, na enfermaria e recusou o quarto particular que lhe reservara. Sem poder. Mesmo sem poder, quero-lhe dar tudo, até o que não lhe posso dar.

Por isso, com carinho, com afecto, lembra o médico que a trata. A lembra a si, senhora Enfermeira. A si – e a todas as enfermeiras que cuidaram dela. De resto, ela é daquelas pessoas raras para quem não há ninguém que não mereça ser lembrado com afecto e com carinho.

Por isso – e por ela –, a minha gratidão. Para o médico que a trata. Para as enfermeiras que a cuidaram. Para si, senhora Enfermeira.

MAIS uma vez no cafezinho da esquina, defronte do muro amarelo, quase defronte do grande portão aberto no muro amarelo.

Teze horas da tarde. Acabo de almoçar. Venho do restaurante. Peço um café. Espero.

Como a irei encontrar hoje? Todos os dias a mesma pergunta que me faço. E esta mão de ferro a estraçalhar-me o coração.

Açúcar no café. A chícara que levo aos lábios.

Ontem, foi o 1.º de Maio. Quando a deixei, fazia por sorrir, falar, para as pessoas que vinham comigo. Inútil revelar aos outros o que a gente traz dentro da gente. E os outros?...

Havia sol. Alegria. No céu. Nas ruas.

Vagou, finalmente, uma cama no Instituto Português de Oncologia. Por sinal, quando (o senhor Doutor parecia não gostar que o fizesse – que era assunto dele) me decidi a falar para alguns dos amigos e parentes que tenho em Lisboa. Coincidência, bem sei.

Partimos da ilha na noite de dezanove de Abril. Tarde. Muito tarde. Ela – estendida numa maca. A maca em que saiu do hospital da ilha. Em que foi, consigo, senhora Enfermeira, na ambulância, para o aeroporto da ilha. Em que entrou, consigo, senhora Enfermeira, da ambulância para o avião. Em que já lá estava, quando embarquei, com os demais passageiros. Em que lá estava, consigo, senhora Enfermeira.

A senhora Enfermeira cedeu-me, para me sentar, a cadeira junto à maca em que ela vinha. Ali, ao lado dela. Foi gentil. Atenciosa. Cuidadosa. Sempre.

Chegámos na madrugada de 20. A ambulância que a esperava. Que a levou, na mesma maca em que saiu do phospital da ilha para o hospital do Instituto Português de Oncologia. Ali, por trás do muro amarelo. A senhora enfermeira foi com ela. Sempre cuidadosa.

Sempre com a minha gratidão, senhora Enfermeira.

MAIS um gole de café. Gente nas mesas à minha volta. Como eu, tomando café. Alguns, com bolos.

Não dormi, naquela madrugada do dia 20. Nove, nove e poucos minutos da manhã, transpus, como há quatro anos pela primeira vez, aquele grande portão aberto do muro amarelo. Fui por aquelas ruas por trás do muro amarelo. Entrei no átrio do hospital. Perguntei a este, àquele. Esperei. Acabei por encontrar e falar com o médico:

– As radiografias e o relatório do médico de lá?

Que responder, senhora Enfermeira?

E o médico, um ser humano que compreende e fala a um ser humano:

– Fazem falta. Teremos que começar tudo de novo. Atrasa o tratamento... Se pudessem estar aqui amanhã...

E mais um gole de café. Automóveis, carrinhas, furgonetas, na calçada da rua cinzenta. Sob o céu cinzento. Chuviscos de quando em quando. Nem que não estejamos em Maio.

Cheio, o cafezinho. Fregueses que pedem um galão, uma sandes.

– De queijo.
– De fiambre.

Talvez o almoço que nem chega a ser almoço. Uma bucha, a enganar a fome. A vida não vai para brincadeiras.

A senhora Enfermeira sabe o resto. Telefonemas que fiz para a ilha. Para o hospital da ilha. Telefonemas que fiz para si. O recado que recebi de si. O telegrama que enviei para o médico que a trata na ilha.

HORA da visita que se aproxima. Chamo o empregado. Pago o café. Vou sair. Passar aquele portão aberto no muro amarelo. Ir por aquelas ruas por trás do muro amarelo. Entrar no átrio do hospital. Subir no elevador. Esperar. Estar com ela. Durante aquela hora mais breve que segundos.

Como a irei encontrar? Como?

As radiografias e o relatório médico chegaram. Oito dias depois. Quando a senhora Enfermeira regressou à ilha e os mandou.

Será que oito dias a mais ou a menos vêm a dar no mesmo?

Um lapso. Qualquer um o tem. Um lapso que me dói. Que me obriga a este desabafo. Sem que chegue para que esqueça tanta dedicação, o tanto carinho, o tanto afecto que teve para com ela. E as gentilezas, e os cuidados, durante a viagem. E que ela lembra sempre.

Por tudo, uma vez mais o repito e acima de tudo por ela, a minha gratidão, senhora Enfermeira.

Digo-lho com o coração nas mãos.

Expressamente confidencial

● **As negociações** *entre o Partido Social Democrata e a Internacional Socialista, ao contrário de notícias que tiveram origem em meios sociais-democratas de Pombal e de Coimbra, não serão apadrinhadas pelo dr. Mário Soares.*

● **Também não** *é verdade que tenham sido iniciadas as conversações destinadas a encaminhar a fusão do Partido Socialista e do Partido Social Democrata. Apesar das afinidades reconhecidas prevalecem alguns pontos obscuros quanto à linha doutrinária e à designação do futuro partido.*

● **O professor Vaz Portugal,** *segundo consta, não aceitará ser um dos secretários de Estado do Ministério da Agricultura (sem Pescas) no caso do ministro vir a ser o engenheiro António Lopes Cardoso. Na Rua da Emenda receia-se que uma atitude de reciprocidade dificulte a arrumação deste ponto quente da constituição do próximo Governo.*

● **Quer na Rua Buenos Aires,** *quer no Largo do Rato reina a desolação. Consta que o futuro Primeiro-Ministro pensa reduzir a 16 o número de pastas ministeriais.*

● **O Ministério do Mar** *será criado. É ponto assente. Não se confirma, no entanto, que integre a Marinha de Guerra. Entre os indigitado para o cargo de ministro do Mar está o doutor André Gonçalves Pereira, que tem, como é público, experiência de cruzeiros.*

● **Não é provável** *que o engenheiro Eurico de Melo seja o futuro alto-comissário para o Norte de Portugal. Cargo previsto no cargo da política de regionalização e que, em relação ao Sul, será exercido pelo dr. José Vitorino.*

● **O dr. Mário Sottomayor Cardia** *não aceitou o lugar de ministro da Cultura. Diz-se que será nomeado embaixador de Portugal na República Popular da China.*

● **Maldonado Gonelha,** *em boa hora regressado à actividade política, deverá, no Governo, assegurar as relações trilaterais: PS, PSD e sindicatos.*

● **O dr. Jaime Gama** *esteve na NATO a fazer estágio para ministro da Defesa Nacional. Diz-se que convidará para desempenhar o cargo de chefe de gabinete o eng. Ângelo Coreia, que é um apaixonado pelas actividades de segurança, militarizadas e militares.*

● **O engenheiro Eduardo Pereira** *tem sido preterido como ministro das Obras Públicas, Habitação e Transportes. A sua candidatura é, todavia, apoiada pelo Benfica. Contudo, há sócios do clube que preferiam que fosse Fernando Martins a sobraçar essa responsabilidade ministerial.*

● **Não se confirma** *que o dr. Nascimento Rodrigues pretenda regressar à pasta do Trabalho. Tem trabalho suficiente em Buenos Aires, onde lhe atribuíram a respossabilidade de acompanhar as actividades do dr. António Capucho, que faz carreira para presidente do partido.*

● **Não se confirma** *que o dr. Proença de Carvalho seja o secretário-geral do próximo Governo, embora venha desempenhando um papel relevante em certas conversações.*

O cooperativismo e o desenvolvimento económico

Albino Ramos (Fenacoop)

PELAS suas características de origem popular, pelo potencial humano que englobam e pelos objectivos que prosseguem, as cooperativas têm uma importante função a desempenhar no desenvolvimento económico e social do País, se forem, por um lado, correctamente geridas e, por outro, apoiadas pelo Estado.

Com base nos seus objectivos de promoção cultural, económica e social da população em geral e dos cooperantes em particular, as cooperativas contribuem de forma muito positiva para a construção de uma sociedade de progresso e de bem-estar.

Por isso, enquadram-se num movimento alargado, que tem em vista uma sociedade democrática, de justiça e de equidade,formada por homens livres e solidários.

O sector cooperativo e o ramo de consumo

Apesar de as cooperativas, designadamente as de consumo, já existirem há mais de um século, tendo resistido e lutado em condições extraordinariamente adversas durante a ditadura fascista, podemos afirmar que foi com a revolução de Abril que elas, crescendo e multiplicando-se, atingiram a sua actual dimensão, sendo de destacar o aparecimento de muitas em ramos até essa altura praticamente inexistentes, como sejam as de produção operária e das pescas.

O aparecimento de novos ramos e o desenvolvimneto de outros (nestes é de salientar o aparecimento das UCP's-/Cooperativas no ramo da agricultura), deu lugar a uma realidade económica específica que veio a ser reconhecida na Constituição da República como um dos sectores de «propriedade do meios de produção», integrado no desenvolvimento da propriedade social.

Para um melhor conhecimento da dimensão e do potencial do sector cooperativo, descrevemos alguns dados do diagnóstico elaborado pelo Inscoop, em 1981, que nos demonstram a existência de mais de 3 mil cooperativas englobando mais de 2,5 milhões de cooperadores (25% da população) e que, em 1980, com 100 mil postos de trabalho criados facturaram cerca de 150 milhões de contos de produto bruto e serviços prestados.

Este potecial humano e económico tão útil e necessário ao desenvolvimento do País, não pode ser ignorado por aqueles que, de uma ou outra forma, estão empenhados na recuperação da nossa economia, recuperação possível se o Estado elaborar o «planeamento democrático» aliás conforme os preceitos constitucionais.

De acordo com os dados existentes na Fenacoop (resultantes do confronto dos inquéritos do Inscoop, do NACC e da Fenacoop), as 410 cooperativas em actividade, que englobam 350 mil famílias e empregam 3 mil trabalhadores, têm uma importante função a desempenhar na defesa dos interesses e dos direitos dos cooperadores e da população, tanto no que respeita à moderação dos preços e à regularização do abastecimento dos produtos alimentares e bens essenciais de consumo, como no que se relaciona com a educação alimentar, a protecção da saúde, a formação, a promoção cultural, etc.

Para o efeito, é necessário que as cooperativas se organizem e se desenvolvam, aumentando substancialmente o seu volume de vendas, de forma que o seu valor actual – da ordem dos 7,5 milhões de contos – correspondente a cerca de 4% do volume de vendas do comércio a retalho (fontes Inscoop, NACC), atinja um valor, se não superior, pelo menos equivalente ao da percentagem da população cooperativa, ou seja pelos menos 12% do volume de vendas daquele comércio.

Esses objectivos,que deverão (terão de) ser atingidos, implicam, por um lado, que o Estado cumpra as suas obrigações constitucionais prioritárias de «promover o bem-estar social» e opere as necessárias correcções de desigualdade na distribuição da riqueza e do rendimento; proteja o consumidor e crie estruturas jurídicas e técnicas indispensáveis à instauração de um sistema de planeamento democrático da economia; por outro lado, que o movimento se organize e racionalize a sua gestão, tendo em vista um melhor aproveitamento dos recursos humanos e materiais existentes no ramo.

As cooperativas de consumo e a defesa do consumidor

As cooperativas de consumo, no cumprimento de uma das suas funções, «a defesa dos direitos dos consumidores» exigem uma política diferente da que tem sido seguida nos últimos anos, uma política favorável ao desenvolvimento cooperativo, que tenha em conta, pelo menos, os seguintes aspectos:

– Que a política de rendimento e preços seja orientada pela melhoria do poder de compra, isto é, melhores salários reais, o que implica: o controlo dos preços, principalmente os produtos de primeira necessidade e de grande consumo; uma retribuição salarial justa e uma distribuição equitativa dos encargos fiscais (impostos profissional, complementar, de transacção e outros);

– Uma política de fomento da produção nacional, nomeadamente de de bens alimentares, no quadro de uma política de abastecimento minimamente independente;

– O apoio financeiro baseado numa política de crédito que relativamente ao ramo de Consumo do Sector Cooperativo tenha em conta a sua função económica de defesa do consumidor, pela moralização dos preços, e, portanto, anti-inflacionista, função que o movimento só poderá desempenhar cabalmente, com o aperfeiçoamento da sua organização e com capacidade financeira que o liberte da dependência de intermediários;

– No domínio da política de comercialização a garantia de abastecimento de produtos essenciais, a criação de infra-estruturas adequadas para a conservação dos produtos, como a sempre adiada «Rede Naciol de Frio», a racionalização da produção de acordo com as necessidades de consumo, a moralização dos circuitos de distribuição que ponha termo à especulação grossista e aos interesses egoístas de certos circuitos de importação;

Continua na pág. 4

Terceiro Mundo terá 80 por cento de população mundial no ano 2000

IPS

CERCA de 80 por cento da população mundial viverá no Terceiro Mundo no final deste século, afirma, um documento elaborado pelo Gabinete de Informação Demográfica com o estudo, intitulado «Balanço Demográfico Mundial 1983», calcula, que a população mundial ascenderá a cinco mil milhões nos próximos cinco anos, o que representa um incremento de 333 milhões relativamente ao total actual.

O documento reafirma que, tal como no passado, o maior índice de crescimento demográfico regista-se nos países e regiões do mundo que só com muitas dificuldades, e mal, têm condições para fornercer os produtos básicos de que a sua população necessita.

Apesar da diminuição da taxa de fertilidade nalguns países em desenvolvimento, os seus efeitos foram neutralizados pela contínua redução da taxa de mortalidade desde há 20 anos.

Os países em desenvolvimento, que representam 75 por cento da população mundial actual, aumentam a sua população a um ritmo anual de 2 por cento, enquanto que nas nações industrializadas essa taxa é da ordem dos 0,6 por cento.

Estes dados desiguais significam que se se mantiver a actual tendência, cerca de 79 por cento da população mundial viverá no Terceiro Mundo no ano 2000 e 83 por cento no ano 2020, afirma Mary Mederios Kento, a demógrafa autora do estudo.

As previsões contidas no estudo ultrapassam ligeiramente as realizadas pelo fundo das Nações Unidas para as actividades

em matéria de população, que calcula que 75 por cento da população mundial — estimada em 6,1 mil milhões de habitantes no final deste século — residirá nos países do Terceiro Mundo.

A diferença no crescimento demográfico dará também origem a «dois mundos» diferentes para a população mundial, acrescenta o documento, baseando-se nos seguintes factos:

—O índice de nascimentos nos países em desenvolvimento é duas vezes maior do que o registado nos industrializados.

—Nos países industrializados considera-se que as mulheres podem chegar a ter um índice médio menor de dois filhos durante a sua vida reprodutiva menos que o nível de substituição de 2,1 filhos por família. Nos países do Terceiro Mundo a média actual de filhos por mulher é de quatro-cinco.

Se o crescimento demográfico continuar no mesmo ritmo, os países em desenvolvimento terão dentro de 32 anos, uma população duas vezes maior que a actual.

Os índices brutos de mortalidade são similares em ambos os grupos de países: 10 mortes por cada 1000 habit antes no mundo industrializado e 12 no Terceiro Mundo.

A população dos países industrializados tem expectativas de vida 15 anos maiores que a dos países em desenvolvimento.

Relativamente à nutrição e aos alimentos, um habitante do mundo industrializado pode consumir até 134 por cento das suas necessidades vitais mínimas para desenvolver uma actividade moderada.

No Terceiro Mundo, esse índice chega apenas aos 101 por cento, segundo cifras fornecidas pela Organização das Nações Unidas para a Agricultura e a Alimentação (FAO), citadas no documento.

A África Oriental é a região do mundo onde se regista o maior índice de desnutrição e fome: a disponibilidade de alimentos «per capita» abrange somente 88 por cento das necessidades básicas desta região que regista também a maior taxa de crescimento mundial: 3,1 por cento ao ano.

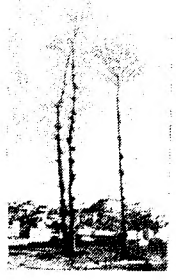
O «balanço demográfico anual», é publicado todos os anos desde 1962. A edição deste ano contém dados relativos a mais de 171 países.

ponto a ponto

O Presidente da República recebeu ontem, em audiências separadas no Palácio de Belém, o secretário-geral do Conselho da Europa, Franz Karasek, e o embaixador português junto daquele organismo, Pereira Bastos.

Ponta Delgada, Horta e Angra do Heroísmo, serão palco, em Julho próximo das comemorações do «Dia da Marinha» – este totalmente organizado na região autónoma dos Açores. A banda da Armada e sete navios de guerra participarão nas comemorações destinadas – diz o comando Naval açoriano – a promover uma «maior aproximação e confraternização» entre os que servem no conjunto da Armada e nos navios açorianos.

COIMBRA



O «Solar Rosa Luxemburgo», república feminina de estudantes, – mais conhecida por «Casa Cor-de-Rosa»– comemora hoje em Coimbra, o seu 1.º Centenário. Célebres já na lusa-Atenas pela sua permanente combatividade e amplas perspectivas no seio das tradicionais e populares casas de estudantes, as «republicanas» «cor-de-rosa» (que nada têm a ver com as «belas meninas pardas-/belas por serem meninas/pardas por serem iguais») convidaram amigos de todo o país para a festa. Que promete ser rija!

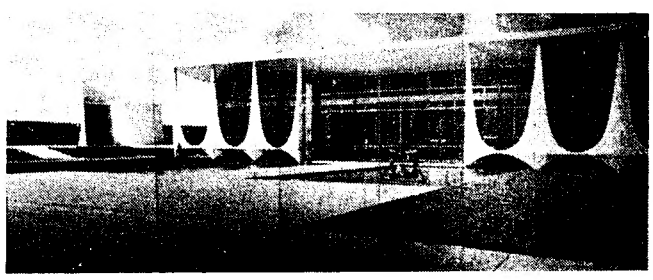
O grão-mestre da Ordem Soberana Hospitalaria de S. João de Jerusalém, visita no próximo dia 11 o quartel-general da Região Militar Centro – informou ontem o gabinete de Imprensa do CEME. O titular daquela Ordem, princípe Angelo de Mojana di Cologna será recebido em Coimbra com honras militares pelo comandante da RMC, general Pires Tavares, a quem condecorará com a Ordem de S. João de Jerusalém.

O Chefe do Estado-Maior do Exército espanhol, general Ascanio e Togores, visitou a 1.ª Brigada Mista Independente em Santa Margarida. Aquele militar espanhol, que parte hoje para Madrid, no final de uma visita de cinco dias a Portugal onde manteve Conversações sobre problemas comuns e questões relacionadas com o papel da Espanha na NATO, visitou posteriormente o Batalhão de Infantaria Mecanizado e o Regimento de Cavalaria.

Enquanto isso, o ministro actual da Defesa, dr. Baião Horta, visitou, na companhia do CEME, general Garcia dos Santos, as Oficinas Gerais de Fardamento e Equipamento onde ouviu uma exposição do coronel Cirilo Santos, sobre a situação no estabelecimento.

«Um justo castigo que o Povo lhe aplicou» – eis o modo como a organização de **estudantes do MRPP** comenta a «esmagadora derrota» sofrida pelo partido nas recentes eleições. Afirmando demarcar-se «radicalmente da direcção e da política que aquele partido, dirigido por um ou dois oportunistas de baixo quilate, tem vindo a defender» os estudantes do MRPP consideram ainda que foi o abandono da «via revolucionária» que levou aquela organização maoísta a perder «metade dos poucos votos obtidos em eleições anteriores».

E concluem: «o povo tira os votos aos revolucionários que abandonam as armas».



O ex-ministro dos Negócios Estrangeiros e actual embaixador **brasileiro** nos Estados Unidos, **Azeredo Silveira,** será o novo representante diplomático de Brasília em Portugal, informa o «Jornal do Brasil» na sua última edição. Recorda o «JB» a passagem de Azeredo Silveira, em 1979, do Governo para a embaixada em Washington e explica que o conflito surgido entre o seu neto e filho adoptivo com um cidadão norte-americano tornaram inevitável, em fins de Dezembro passado, o abandono do seu posto nos EUA. Conclui o jornal que Lisboa já concedeu «agrement» a Azeredo da Silveira, que se mostrou «agradecido, contente e honrado por ir para Lisboa».

O País por dentro

Tadinhas das lampreias

A poluição também já faz mexer as populações do interior. Correm carregados os rios, afluentes ainda muito longe da foz. O peixe é inutilizado, as regas impedidas, o gado continua por saciar.

As soluções, essas não chegam. Sem meios, as autarquias escrevem para Lisboa, quase sempre sem resposta. E continuam a tentar resolver onde é possível dar a mão...

Portimão, por exemplo, resolvendo alguns problemas de falta de casa. E rapidamente começa a cheirar a negócio, que há quem se aproveite de boas condições oferecidas.

Ou uma junta que, às portas de Lisboa, monta oficina, abre uma porta mais para alindar os dias dos seus meninos.

A nafta do Cávado

Leva nafta, no seu leito, o rio Cávado. E foram maculadas as redes para a lampreia. Vinha no **Barcelos Popular,** a 29/4:

«A irresponsável destruição do rio Cávado continua.»

«Foi ainda muito recentemente que os pescadores da lampreia verificaram estarem as redes impregnadas de uma substância gordurosa que se veio a verificar ser nafta. Alertados pelo facto tentaram saber donde vinha aquela enorme mancha de derivado do petróleo. Vieram a saber que era proveniente do rio das Pontes, pequeno afluente do Cávado que desagua junto à ponte de ferro e que já há muito se tornou o cano de esgoto das fábricas da zona leste da cidade que descarregam naquele pequeno curso de água, além das tintas das malhas, outras substâncias como, neste caso, foi a nafta.»

Almonda cada vez pior

No Almonda, as populações ribeirinhas já não podem tirar água para regas ou saciar o gado. **O Almonda** interroga-se, a 6 de Maio, se os cursos de água são pertença de uma minoria. E há uma carta...

«Na carta enviada ao Governo pela actual Junta de Freguesia, se diz que:

«O Rio Almonda está cada vez pior.

Reconhecemos que a solução é complexa.

Os estudos estão aprovados pela DGSB.

Acreditamos que uma decisão corajosa de V. Ex.ª, será suficiente para desbloquear a situação.

Sabemos não ser fácil mobilizar verbas vultosas, mas quando se reconhece justa a pretensão, a palavra impossível não tem razão de existir.

Reclamamos justiça, porque nos querem matar, envenenando lentamente aquilo que nesta hora é tão necessário em todo o Portugal — a água.»

A oficina da Junta

Às portas de Lisboa – uma Junta de Freguesia, a de Alhandra, avança com uma oficina. Em última análise são servidas as crianças. A nota é do «*Notícias de Alhandra*», número de Maio:

«Oficina da Junta de Freguesia é, finalmente, uma salutar realidade.

«Foi já concretizado o trespasse a uma firma da terra, pela Câmara Municipal, tudo se conjurando para que muito em breve entre em pleno funcionamento. Esta oficina destina-se a apoiar a freguesia e o concelho, entre outros, no fabrico de sinalização, protecções em ferro e aparelhos para parques infantis.»

Bela com senão

Portimão faculta terreno, pensando nas pessoas que não têm habitação. Depois, casa feita... «*Barlavento*» falava nisso, a 28 de Abril:

«A Câmara Municipal de Portimão tem vindo a colocar ao dispor dos seus munícipes terrenos a um preço simbólico, para autoconstrução.

«Mas, toda a bela tem um senão, e eis-nos perante uma realidade que torna todo aquele processo viciado.

«Como se pode explicar que uma pessoa que alegou falta de habitação não esteja a ocupar o apartamento que construiu ou mandou construir?

«Sem entrar numa profunda análise do problema, diremos que, na zona da Quinta de S. Francisco, o bloco ali construído apenas tem seis apartamentos habitados, estando os restantes dez às moscas.»

Balsemão confessa à saída de Belém:

EUA querem mais facilidades militares

Pinto Balsemão admitiu, à saída ontem de Belém, onde se avistou durante duas horas com o Presidente da República, que os EUA estão interessados noutras facilidades em bases continentais, mas condiderou que elas deverão ser negociadas separadamente do processo das Lajes.

Sem especificar quais os pontos concretos do interesse de Washington por bases do continente português (fala-se em Beja, mas também no Montijo, Cortegaça e perímetro de Fóia, em Monchique), Balsemão limitou-se a uma resposta vaga, dizendo que o Governo está interessado «na Defesa Nacional e nos interesses da região dos Açores».

Crestuma

Quanto à realização, na segunda-feira, do acto eleitoral na freguesia de Crestuma, Pinto Balsemão mostrou-se «plenamente convicto de que os cidadãos daquela localidade estão cientes dos prejuízos que podem causar à normalidade democrática».

Adiantou que o Ministério da Administração Interna e as forças de segurança têm «instruções rigorosas para que a eleição se realize na normalidade democrática».

Sobre as delegações recentes de Gaston Thorn sobre a falência da CEE, o primeiro-ministro disse que esse tipo de argumentação já foi sustentado por outros mas, em sua opinião, as negociações para a adesão de Portugal «podem e devem prosseguir».

Manifestou esperanças de que ainda durante a presidência alemã-federal da CEE «se façam progressos para fixar a data de entrada com rigor».

Pinto Balsemão referiu, nesse sentido, «a necessidade urgente da entrada em funcionamento do novo Governo».

Defendeu «a livre circulação dos trabalhadores portugueses a partir do ano zero», embora acrescentasse que esse é um dos dossiers pendentes nas negociações com o Mercado Comum.

Bloco central sugere «equívocos»

Acerca do denominado «bloco central em perspectiva com a coligação PS/PSD, Pinto Balsemão observou que aquela expressão oferece vários equívocos e que devem ser encontradas soluções mais amplas para uma base de estabilidade na resolução da crise».

A propósito das ameaças divulgadas pelo grupo de Abu Nidal, Balsemão afirmou que, imediatamente a seguir ao atentado de Montechoro, o governo português tinha tomado «as precauções normais relativamente a determinadas personalidades e instalações do Estado».

Quanto à nota oficiosa emitida quinta-feira pelo Governo, sobre o empréstimo intercalar de 400 milhões de dólares e em resposta a uma posição de crítica tomado pelo PS sobre essa matéria, Balsemão afirmou não desejar «polémicas, mas pelo contrário que esta fase de transição seja serena e harmónica».

Adiantou que «seja qual for o governo, este tipo de assunto deverá ser tratado em profundidade, com seriedade e com a noção de Estado, o que nem sempre tem acontecido».

Encontro militar em Madrid

Estados-Maiores de Portugal e Espanha reúnem-se entre os dias 9 e 13 em Madrid para estudarem temas de carácter militar – disseram à Anop fontes da junta de chefes de Estado-Maior.

Trata-se da vigésima nona reunião entre delegações dos dois Estados-Maiores, que se reúnem anualmente de forma alternada em Lisboa e Madrid.

A reunião deste ano é organizada pela Junta de Chefes de Estado-Maior de Espanha e tem como agenda de trabalho a «analise de temas de carácter militar e de interesse mútuo no âmbito das suas competências, determinadas pelo tratado de cooperação e amizade entre Espanha e Portugal».

Crónica de um Governo anunciado

Eles vão fazer o que nos interessa

— diz, sorrindo, um dirigente do CDS

«O CDS, embora de fora, vai continuar no Governo. Não precisamos de fazer: mandamos fazer».

Bem-disposto, despreocupado, um qualificado dirigente dos centristas falava à vontade para diplomatas estrangeiros, gestores, políticos e jornalistas portugueses que se reuniram informalmente num jantar em Lisboa.

A conversa decorria animada e franca, versando obviamente, os resultados das legislativas antecipadas e avançando pelos prognósticos quanto ao futuro imediato e a médio prazo da situação política portuguesa.

Advogado bem conhecido da nossa praça, o dirigente centrista dizia para quem o queria ouvir:

«Não acreditam? Os 12 por cento que obtivemos foi a melhor coisa que nos podia acontecer. Assim não há a tentação de nos metermos nesta bagunçada do governo que vem aí. E ao fim e ao cabo eles vão fazer o que de fundamental nos interessa, sem que a gente se desgaste».

E perante os olhares incrédulos de muitos de nós, o dirigente centrista explicava:

«Já repararam que nós não precisamos de escrever nenhuma carta à CIP? No entanto o dr. Mário Soares escreveu-nos uma carta a nós...

«A vocês? Então não foi à CIP? – perguntei, enquanto servia mais um golpe de um magnífico Chivas.

«Pois, foi à CIP...» – sorriu, condescendente e irónico, o de novo deputado centrista, antes de adiantar:

«Tem dúvidas quando ao que lhe digo? Não acredita que a banca...»

Essa não. Não venha dizer que o dr. Soares vai desnacionalizar a banca, que é a vossa grande batalha – atalhou um outro jornalista presente.

«Claro que não vai desnacionalizar nada. Nem ele podia, nem nós queríamos. Basta apenas que abra o sector à iniciativa privada, mantendo as nacionalizações. Aliás o dr. Mário Soares até vai fazer umas flores de esquerda em grande. Querem um exemplo? Aí vai: quando surgir a guerra das cervejeiras, ele virá a público dizer que aí ninguém toca. A cerveja é uma bebida popular e, portanto aí não abre a mão. O sector continuará nacionalizado, continuará nas maõs do povo...»

E perante a gargalhada de todos nós (e depois de muitas outras afirmações cheias de humor mas com muito sumo), o dirigente centrista rematou: «Além do mais: já repararam que eles andam a dizer que têm dois terços dos deputados, que podem fazero que quiserem, mas nunca disseram que não têm os quatro quintos da Assembleia?»

E depois?

«Depois precisam de nós para muita coisa».

E lá surgiram então as referências a uma nova revisão da Constituição, aos apoios para a corrida a Belém, eu sei lá que mais.

Verdade ou «bluff»: do que não restam dúvidas é que o dirigente do CDS (se o dr. Mário Soares quiser saber quem é eu digo) mostrou ter um carinho muito grande pelo governo que vem aí, chefiado pelo secretário-geral dos socialistas.

Ribeiro Cardoso

O cooperativismo

Continuação da pág. 3

– O fomento e a participação do Movimento Cooperativo, em particular do de Consumo, na definição da política económica, o que implica o funcionamento eficaz dos organismos de coordenação económica e, nomeadamente, dos Conselhos Nacional do Plano, Conselho Nacional de Rendimentos e Preços, Conselho Nacional do Comércio Interno, etc., cujos pareceres e directivas sejam considerados na orientação da política do Governo;

Uma política económica com estas características seria afinal uma política de promoção do desenvolvimento e do bem-estar da população, que teria (e terá) no Movimento Cooperativo um instrumento importante de apoio à sua execução, designadamente no que se refere a uma prática anti-inflacionista e de criação de emprego. Sem prejuízo de o movimento continuar a lutar pela defesa dos direitos dos consumidores e exigir do Estado o cumprimento das suas obrigações constitucionais é imperioso que as cooperativas racionalizem a sua gestão, e encontrem formas de organização económica de grau superior, na perspectiva da garantia do seu abastecimento em melhor condições.

Essa garantia, que passa pela criação de Uniões Regionais, com capacidade económica suficiente para estabelecerem contratos de fornecimento com os produtores (industriais e agrícolas, designadamente cooperativas), deverá abranger a qualidade e proporcionar as vantagens da redução de custos de compras em grande quantidade e contribuir para:

– Definir os «stocks» nacional e regional com um número limitado de referências e racionalizar a sua gestão económica;

– Aumentar a capacidade, para exigir e seleccionar produtos de qualidade, introduzindo os de marca «Coop», indispensável a uma política activa de defesa dos consumidores;

– Analisar de forma regular a campanha insidiosa e sistemática do mercado «Consumista», na perspectiva da sua substituição por um sistema que tenha por base a quantidade e a qualidade necessárias à defesa da saúde e ao bem-estar da população;

– Encontrar novas e regulares formas de cooperação com outras organizações e associações de consumidores, nomeadamente através de iniciativas conjuntas de formação e de informação;

– Incentivar uma progressiva capacidade de organização individual e colectiva, de modo a que o consumidor possa ter uma intervenção mais directa nos circuitos de abastecimento e na definição das infra-estruturas que possibilitem uma melhor qualidade de vida.

Abordamos aqui alguns aspectos das origens e dos objectivos das cooperativas e das preocupações dos cooperativistas, objectivos e preocupações que se enquadram nas perspectivas do movimento e na realidade política económica e social do País, tendo em vista a sua transformação para a construção de uma sociedade melhor e mais feliz.

O Movimento Cooperativo, sendo embora apartidário, não é, nem pode ser apolítico. Por essa razão não se pode dissociar das questões gerais da humanidade e de tudo aquilo que tem, directa ou indirectamente, influência nas condições de vida dos povos.

Por isso, luta por sociedade de progresso, de justiça, de solidariedade, de bem-estar e de paz.

Super vantagens na Tarifa SUPER APEX

Agora até 15 de Julho, aproveite a Tarifa Super Apex. A tarifa mais baixa para o Canadá. Ida e volta a Montreal e Toronto. Apenas 46.560$00 mais taxas.

A EXPERIÊNCIA MAIS LONGA NA ROTA PORTUGAL-CANADÁ

CANADÁ - ESTADOS UNIDOS - AMÉRICA DO SUL - HAWAII - FIJI - AUSTRÁLIA - ORIENTE

CP Air

Canadian Pacific Airlines

Consulte o seu Agente de Viagens ou a CP Air
Av. da Liberdade, 261 - 1200 LISBOA
Telefs. 539511/556192

entrevista

João Cravinho

"É preciso investir o fruto dos sacrifícios"

Nem sempre responde directamente. Esquiva-se, subtil.

Vai além do imediato, prefere descer à raiz das coisas, onde as transformações se operam. Por vezes com o sorriso a adornar-lhe o pensamento.

Chama-se João Cravinho, foi ministro da Indústria em 1975, hoje faz parte do ex-secretariado do PS. Para ele não há gestão da crise contra os trabalhadores. E não basta distribuir os sacrifícios que a crise impõe. «É preciso que o fruto dos sacrifícios seja investido». Como? Criando um Fundo de Investimento que ficaria sob o controlo dos trabalhadores. O PS, acrescenta João Cravinho, não pode fazer uma gestão da crise como faria o CDS...

Outra proposta para a resolução da crise: criar as regiões administrativas. «É necessário redistribuir o poder».

«Diário de Lisboa» – A vitória do PS acabou por ser, também, de Mário Soares. Será que ela se tornou um pouco amarga para os elementos do ex-secretariado que pouco se empenharam nela?...

Eng. João Cravinho – Não, de maneira nenhuma. Nós sempre dissemos que sempre faríamos campanha sem quaisquer condições e atendendo a todas as solicitações que nos fossem feitas, o que, efectivamente, sucedeu.

«DL» – Mas foi em grande parte uma vitória do secretário-geral...

J. C. – Não. Acho que foi uma vitória do partido. É evidente que foi uma campanha muito personalisada, mas, por detrás dessa personalização está a ideia que o eleitorado formou de que se tratava de resolver os problemas do País através do voto no partido. Quanto à amargura, nenhuma. Pelo contrário, não só porque fizemos campanha e porque, de facto, o PS representa, para o eleitorado, uma esperança. A nossa preocupação é manter a credibilidade do PS, em função dos seus projectos e das suas capacidades de actuação.

«DL» – Acha isso possível com o acordo que está à vista, com o PSD?

J. C. – Bom, em primeiro lugar, não devemos mitificar os problemas das alianças, do concerto político em geral. Por exemplo, um partido governar sozinho com um mau programa é, nitidamente, uma solução muito pior do que um partido que governe em aliança com um bom programa. As alianças julgam-se pelo seu conteúdo. Se a política a ser seguida faz avançar os valores que o PS defende, a aliança è boa...

«DL» – Na sua opinião dever-se-ia discutir primeiro a política a desenvolver e só depois as alianças?

J. C. – Sem dúvida. Isso parece-me, totalmente, claro. Parece-me até abusivo pedir opiniões às pessoas sem explicar para quê. As pessoas pronunciam-se sobre um programa concreto. Não se pronunciam em abstracto. Que sabemos nós das condições que o PSD está disposto a aceitar? O PSD pode querer uma aliança em condições tais que seja, absolutamente, impossível de fazer aceitar aos militantes socialistas. Eles, neste momento, não têm nenhum elemento sobre isso. Portanto, a consulta às bases é uma ideia correcta, se feita correctamente.

«DL» – Está viciada à partida!?

J. C. – Na minha opinião, não estão reunidas as condições suficientes para garantir o melhor uso deste instrumento de consulta.

E a corrupção?

«DL» – Acordo PS/PSD. Tendo o PS apontado, na sua campanha, como primeira prioridade, o combate à corrupção, parece-lhe possível cumpri-la em aliança com o PSD que é, afinal, um dos fautores da corrupção?

J.C. – Essa é uma das questões pertinentes que ilustram como só é possível falar numa aliança PS/PSD face a um programa concreto. A luta contra a corrupção não se resolve identificando dois ou três bodes expiatórios, digamos assim, para dar a impressão à opinião pública de que se resolveu a questão. A corrupção tem características de infiltração, sistematizada, muito estruturada e os casos que aparecem muitas vezes a público, são casos menores. Os casos de grande relevância nacional a que a campanha do PS se dirigiu precisamente são casos que exigem uma acção estruturada de governo, medidas de política sérias, profundas e actuação muito corajosa e bem definida.

«DL» – Mas como é que isso vai ser possível com o PSD?

J. C. – Aí está, é uma questão, a ser debatida. Não faria sentido que o PS que considerou a corrupção, a primeira prioridade, omitisse o assunto, quando se tratasse de negociar o Governo com o PSD. O PS tem de chegar junto do PSD, principal responsável da coligação AD e dizer «a nossa prioridade é esta, o diagnóstico que fazemos é este, as medidas que propomos são estas....»

«DL» – Não lhe parece que o PS fechou de tal forma outras portas que os resultados eleitorais abriram, que acabou por ficar à mercê do PSD...

J. C. – Eu julgo que a situação em que vivemos é de uma crise que não tem uma dimensão apenas económica e financeira, mas também cultural e até política, que extravasa a área restrita da governação no executivo. Pode haver numerosos pontos de entendimento, de grau variável, com partidos e formações políticas e interesses fora do âmbito estrito do partido ou partidos que estão no Governo.

Fundo de Investimento

«DL» – Na sua perspectiva não basta a aritmética parlamentar para viabilizar o Governo? Serão necessários outros apoios designadamente dos parceiros sociais...

J. C. – Vamos por partes, o apoio parlamentar é necessário.

«DL» – Mas não basta.

J. C. – Claro. Suponhamos que, de facto, fazemos funcionar mecanicamente essa regra, e que uma direcção partidária encontra no Parlamento, um número de deputados suficiente para superar os que estão sentados ou vice-versa...

«DL» – E os parceiros sociais?

J. C. – Quanto aos parceiros sociais há uma análise a fazer em termos de encontrar um conjunto de medidas, um programa que possa mobilizar o País, sobretudo as forças que, de facto, têm maiores capacidades para fazer este país sair da crise, numa perspectiva progressista.

«DL» – Quais são?

J.C. – Eu costumo dizer que, fundamentalmente, nós temos de fazer a grande conciliação de interesses entre forças do trabalho, da cultura, da iniciativa. É preciso negociar, não se pode impor. Mas ao negociar não se pode pretender que a negociação decorra no campo do neocorporativismo.

«DL» – O que estará em discussão, no fundo, é a gestão efectiva dos sacrifícios. Quem os vai suportar?

J.C. – Aí é que está o problema. O que é preciso é gerir os sacrifícios de modo que aqueles que os suportam sintam justificação para isso. O segundo aspecto é que, para além da justiça relativa na distribuição dos custos, ou pelo menos na admissibilidade das proporções relativas, é preciso que o fruto desses sacrifícios seja investido.

«DL» – Como?

J.C. – Por exemplo através da criação de um Fundo de Investimento que seria resultante da libertação de um certo número de recursos que não devem ser consumidos e que devem ficar disponíveis. Imagine-se que os salários não devem aumentar mais que 20% e que o custo de vida é de 25%, esta diferença de 5% seria lançada nesse fundo o qual, sob o controlo também dos trabalhadores, servirá para fazer investimentos com vista ao futuro.

Transformações na raiz

«DL» – E acha que o próximo Governo terá vontade e condições de propor uma solução dessas?

J.C. – O problema é este: se não se vai para soluções destas, não vejo que haja solução para a crise. Se se pretende dizer «temos de fazer sacrifícios» e depois, na prática, faz-se uma política que seria igual à de um governo de direita, não pode ser. A resolução da crise implica restrições. Mas há uma política restritiva de cariz social, aberta à transformação do sistema, e outra que seria feita pela direita mais reaccionária. Ora o PS não pode fazer uma política restritiva exactamente como faria o CDS.

«DL» – Receia que isso venha a acontecer?

J.C. – Não é isso. É que a opinião pública tem sido trabalhada para esta ideia: há uma situação de crise, a solução significa, no fundo, redistribuir a favor do capital, contra os trabalhadores. Eu digo que não é nada disso. A gestão da crise impõe uma redistribuição, é verdade, sobretudo a favor da transformação do sistema, a favor do futuro, o que implica transformar as próprias relações sociais.

«DL» – Uma revolução lenta dos nossos esquemas de funcionamento

J.C. – É a transformação das próprias estruturas na sua raiz. Ou seja, não se trata de transformar as coisas por grandes descontinuidades, grandes rupturas, mas, pelo contário, as medidas políticas, mesmo de gestão da crise, têm de conter, em si, as condições necessárias para que a crise não se instale contra os interesses da grande maioria da população.

«DL» – Um Governo só PS não estaria em melhores condições de desenvolver esse tipo de política?

J.C. – Os governos minoritários têm de se examinar numa situação concreta...

«DL» – ... em termos de competência.

J.C. – Se a conjuntura que precedeu as eleições tivesse sido preparada, se o PS ao longo dos dois últimos anos tivesse actuado de determinada maneira junto da opinião pública, hoje era maioritário. Nunca, em nenhum país, houve tão estrondosa derrocada da direita.

A «guerra» com Eanes

«DL» – Se o Ex-Secretariado não tivesse saído das listas, acha que o PS seria maioritário?

J.C. – Penso que o PS teve o número de mandatos esperado. Não é esse acontecimento singular da nossa saída que está em causa, é o conjunto de acontecimentos que vão, no fundo, desde as eleições presidenciais.

«DL» – Na sua opinião a «guerra» com Eanes ultrapassou o devido, em termos de divergência democrática?...

J.C. – Mais do que um problema de intensidade é um problema de profunda desfocagem dos grandes temas nacionais.

«DL» – O PS devia ter aproveitado a seu favor a vitória de Eanes em 80? É isso?

J.C. – É mais do que isso. O PS foi o partido determinante da eleição do PR e... não tirou partido suficiente disso.

Distribuir o poder pelas regiões

«DL» – Na sua opinião, um governo tripartido do tipo PS-/PSD/PCP teria viabilidade?

J.C. – Põe-me essa questão ao nível do Poder Central como se o poder residisse numa única sede. Mas hoje temos um Poder Local, temos uma experiência de poder distribuído. E um dos grandes triunfos da nossa democracia.

«DL» – Acha que essa experiência poderia ser transplantada para o Governo?

J.C. – Acho que é preciso avançar rapidamente para a descentralização. Neste momento um Governo que queira dar passos realmente decisivos para resolver a crise precisa de criar as regiões administrativas, não a dois anos de vida, mas no mais curto espaço de tempo.

«DL» – Isso criaria de imediato zonas de determinada preponderância...

J.C. – ...Do PC, por exemplo...

«DL» – Não só.

J.C. – Certo, do CDS, do PSD, etc. Não me aflige nada isso. Pelo contrário. A menos que as pessoas tenham a ideia de que a democracia só é boa quando lhes serve o seu próprio poder pessoal ou de grupo. O centralismo é um cancro.

«DL» – Impõe-se com extrema urgência a Reforma Administrativa, é isso?

J.C. – Certo, mas não se faz criando um Ministério. Costuma-se dizer que criar um Ministério da Refoma Administrativa é quase condição *sine qua non* para não a fazer...

«DL» – Qual é a sua proposta?

J.C. – É que se criem efectivamente as regiões administrativas.

«DL» – Para isso é preciso uma reforma.

J.C. – Exacto, mas essa é que é a Reforma, não é criar o Ministério. É necessário redistribuir o poder. Aí está um ponto de coesão social, de viabilidade do nosso sistema.

Ex-Secretariado no Governo?

«DL» – Mudando um pouco de assunto: em princípio os elementos do Ex-Secretariado recusam-se a participar num Governo resultante de um acordo do PS/PSD?

J.C. – Bom, no nosso partido há uma direcção política que vai orientar todo esse processo. Os órgãos do partido ainda não se reuniram,portanto a questão nem está posta como possibilidade.

«DL» – Mas individualmente tem sido defendida e parece estar quase preto no branco...

J.C. – Bom, mas organicamente ainda não teve expressão. Por outro lado, podemos pôr o problema de uma forma menos formal. Um político não pode estar sempre disponível.

«DL» – Há condições?!

AJ.C. – É evidente. Um político que esteja sempre disponível é o que se chama, em português, um tachista e não mais. Mas a política tem que ter uma dimensão ética.

«DL» – Resumindo: tudo depende de...

J.C. – Exacto. A disponibilidade política para acções concretas no Governo ou outras, têm que ver com a própria valorização dessas acções face àquilo que representam os compromissos desse político com o seu partido, com os seus eleitores e, sobretudo, consigo próprio.

«DL» – Concretamente o sr. eng.º se for convidado para o Governo vai aceitar?

J.C. – Não me faça essa pergunta...

«DL» – Vai?

J.C. – Não faça, não faça, OK?

Luís Humberto Marcos

«O PS não pode fazer uma política restritiva exactamente como faria o CDS»

"Para garantir acto eleitoral"

Polícia de Intervenção em Crestuma na segunda-feira

Mas... haverá votos?

PORTO, 7 – O 38.º deputado à AR, pelo círculo do Porto, ficará escolhido, na próxima segunda-feira, com as eleições marcadas na freguesia de Crestuma? Ninguém o pode assegurar, embora os autarcas apelem à serenidade e ao voto e uma força de 250 homens da Polícia de Intervenção vá «ocupar» a freguesia logo às 7 horas da manhã para «garantir a normalidade do acto eleitoral» e desencorajar qualquer nova tentativa de boicote.

Os boletins de voto irão para Crestuma de manhã cedo, no próprio dia, sob escolta desde a Câmara de Gaia até às três assembleias de voto da freguesia e, segundo apurámos, prevê-se que a Polícia de Intervenção se mantenha nos limites da localidade para responder a qualquer chamada por parte das autoridades competentes e responsáveis pela normalidade do acto, concretamente os presidentes das respectivas mesas.

Está assim confirmado o receio já manifestado por populares, na passada segunda-feira, quando um destacamento da GNR foi a Crestuma «levar boletins de voto» já depois de encerradas as respectivas assembleias. Na altura, como referimos, a população comentou o facto de nunca lhe terem dado ajuda, quando foi pedido pela autarquia, por haver uma casa cercada e ameaçados os seus moradores, para já não falar na manutenção da placa por parte da Junta de Lever depois de o governador civil e a Câmara de Gaia considerarem esse facto ilegal.

A confirmação da presença, em Crestuma, dum destacamento da PI foi feita aos autarcas pelo próprio ministro Ângelo Correia, em entrevista que teve lugar no MAI, na passada quinta-feira. Declarações posteriores do ministro deixaram entrever, igualmente, essa decisão. O presidente da Junta de Crestuma, Manuel Barbosa Ribeiro, disse-nos ontem que o ministro falara em «repor a legalidade» neste processo e apelara para que os autarcas fizessem também com que a população comparecesse junto das urnas. Ângelo Correia dissera ainda, segundo a mesma fonte, que «a Polícia não vai estar contra o povo de Crestuma».

Barbosa Ribeiro disse-nos que repetira ao MAI o facto, já conhecido de a população não ter vontade de votar enquanto a placa, ilegalmente colocada por Lever, não for removida, aguardando a decisão final das autoridades. Acrescentou que a «população amedrontada» é capaz de se afastar de Crestuma na segunda-feira e ignorar as eleições, embora o que possa suceder «seja imprevisível». «Votar com a placa lá, no mesmo sítio. É uma coisa incrível e uma demissão das autoridades que fere a dignidade da população de Crestuma», acrescentou Barbosa Ribeiro.

A Junta de Crestuma, disse-nos ainda aquele autarca, «aceitará a decisão que for tomada legalmente em relação à linha divisória das duas freguesias, porque é essa também a vontade da população e esse facto nunca esteve em causa». Mas, «até lá, temos que defender firmemente o nosso património».

Algumas pessoas em Crestuma disseram-nos também que «não há muitas possibilidades de uma votação calma» nestas condições. «Queremos votar, mas assim não», foi uma das expressões que ouvimos.

A Junta de Freguesia disse-nos, por outro lado, que hoje seria dado conhecimento à população da posição do MAI. Quanto ao envio de uma força de intervenção da GNR, a exemplo do que aconteceu em Vizela e cujas consequências se conhecem.

O presidente da Junta de Crestuma referiu ainda o facto de as posições continuarem muito radicalizadas no que se refere à placa colocada por Lever, tanto mais que se tem continuado a verificar ligeiros conflitos e, já esta semana, um crestumense teve que receber tratamento, no Hospital de Gaia, por ter sido «agredido à coronhada» e a passagem das pessoas junto da placa não é pacífica. «Não nos basta que o Governo Civil e a Câmara reconheçam que a placa colocada por Lever está ilegal, pois Lever recusa-se a cumprir e aquelas autoridades não mexem uma palha...»

Entretanto, ambas as freguesias invocam a posse de documentos, nomeadamente mapas e cartas antigas, em apoio das respectivas teses quanto à delimitação das localidades. Para Crestuma, o facto parece claro porque até as obras de pavimentação levadas a cabo pela Câmara de Gaia (Lever pertencia então ao concelho da Vila da Feira) pararam muito para lá da placa agora colocada, indicando assim que era esse o limite dos concelhos e, portanto, das freguesias. O resto do pavimento, já em Lever, foi deixado em terra batida, como estava. Crestuma invoca também os mapas da diocese em apoio do seu ponto de vista. A linha divisória atravessava propriedades e até instalações fabris, deixando ficar uma parte em cada concelho e, mais tarde, Lever foi integrada em Vila Nova de Gaia, que fica mais perto, por troca com outra freguesia que, mais próxima da Vila da Feira, passou então para este concelho. Daí que todos sejam concordantes quanto ao facto de ser vantajoso definir de uma vez por todas a linha fronteiriça, tanto mais que os problemas entre as duas localidades se perdem já na memória de muitas gerações.

Junta de Lever: «Temos documentos...»

Entrevistado pelo «DL», o presidente da Junta de Freguesia de Lever, Joaquim Pinho da Silva, sustenta as razões do seu lado quanto à manutenção da placa no facto de haver documentos em apoio da passagem da linha divisória pelo lugar da Mouratinha,agora disputado. Aquele autarca referiu um «tombo da Freguesia de Lever», datado de 1608, de que possui fotocópia que foi apensa ao processo «fronteiriço» elaborado pela comissão distrital. Pinho da Silva diz ainda que «Crestuma não tem um único documento a dar-lhe razão senão tinha-o apresentado à comissão».

Perguntámos a este autarca se não seria preferível deixar concluir o processo de limitação das fronteiras para, uma vez que afirmam ter razão do seu lado, colocar então a placa. Pinho da Silva respondeu que a placa «não é para limitar,é só para dizer às pessoas que estão a entrar em Lever». Esta contradição foi depois mais esclarecida por este autarca: «É que a comissão deu-nos razão quanto à passagem da linha pelo lugar da placa, aliás,ainda seriam mais uns 20 metros...»

Este mesmo autarca e bem assim um leverense com quem falámos, sustentam que «desde pequeninos conhecem aquele local (da placa) como o da entrada na freguesia». E acrescenta: «Lever é uma terra pequena, é um canto de Vila Nova de Gaia, a barragem deu-lhe grande importância e movimento. As pessoas chegam aqui e não lhes dizem onde fica Lever, po isso está lá a placa, tínhamos necessidade de dizer isso às pessoas que vêm à barragem e que já são muitas, sobretudo aos domingos».

Nunca esteve em dúvida que a barragem é, no fundo, a causa maior do reacender de velhas rivalidades. Quando, há anos, lhe foi dado o nome de «barragem de Crestuma» foi uma guerra e Lever protestou exigindo também o seu nome no empreendimento. Hoje chama-se «barragem de Crestuma-Lever...»

Quanto à casa ameaçada e cujos moradores tiveram que fugir para Crestuma, o autarca de Lever disse que «é natural que tenham saído de casa para não causar problemas.» Todavia, disse-nos que não tinha lá ido para acalmar aquela família quando lhe perguntámos se tentara resolver esse problema. Invocou que «a Junta dá muito trabalho e não sei o que eles pensam».

Quanto à ordem recebida do Governo Civil do Porto para retirar a placa, Pinho da Silva defendeu-se com a irregularidade do processo por parte da Câmara de Gaia, cujo presidente, disse, não teria ouvido os restantes membros do executivo, não havendo assim uma deliberação nesse sentido. Para este autarca, o Governo Civil e a Câmara reconheceram «que o processo deveria antes seguir o seu caminho».

José Gomes Bandeira

Carta socialista segue para PSD

– E a carta para o PSD?

– A carta! – admira-se Mário Soares em jeito de falsa estranheza.

– Traz aí no bolso – aponta o jornalista do «DL» para o lado esquerdo do casaco do líder socialista de onde se via um papel branco a querer sair. Soares, aí sim, quebra ligeiramente o sorriso («será que me enganei no bolso» – parecia interrogar-se), puxa os papéis do bolso e desabafa, desdobrando-os:

– Não, isto são as linhas da intervenção que vou fazer agora.

Estava esclarecido o assunto quanto àquele bolso. Dos outros não quis o secretário-geral do PS falar.

Pouco passava das 10.30 desta manhã. Mário Soares acabava de entrar na sede do Rato onde quinze minutos depois principiaria a reunião da Comissão Nacional socialista. Em cima, na sala, estavam já cerca de cem dos 186 membros daquele principal órgão do PS entre congressos.

O ponto principal da agenda, como já tem sido noticiado, é a questão das alianças políticas de incidência parlamentar e/ou governamental. A direcção do PS tem apontado claramente para o acordo com o PSD, as respostas dos militantes também dão maioritariamente preferência a esta coligação... Mas, pelos contactos que estabelecemos, o ambiente não será tão pacífico como isso. Marcelo Curto, concretamente, apresentará uma proposta concreta de recusa da coligação com os sociais-democratas.

Os elementos da Esquerda Laboral preferem a formação de um governo minoritário, com acordos de incidência parlamentar. Esta proposta parte do pressuposto de que, como já divulgámos, não houve no IV Congresso qualquer decisão limitativa da formação de governos minoritários. Nenhum dos principais dirigentes socialistas quis prestar declarações.

Em caso de se confirmar o acordo com o PSD quais serão os reflexos nas autarquias? A questão colocámo-la a alguns autarcas pertencentes à Comissão Nacional socialista. «Vai ser complicado» – diz-nos um dirigente beirão. «É que o nosso inimigo principal – digo inimigo e não adversário – é a direita, e o PSD está consubstanciado na direita» – acrescenta. Outro autarca (minhoto): «Nas autarquias nós entendemo-nos melhor com a APU, com a direita é difícil».

Nenhum dos principais dirigentes socialistas quis, à entrada para a reunião, prestar quaisquer declarações. Afinal, ninguém quer falar sobre aquilo que toda a gente sabe...

> Admite-se que nesta reunião da Comissão Nacional não deixe de ter reflexos algum mal-estar existente em certos sectores socialistas por causa dos encontros clandestinos entre Mário Soares e Mota Pinto. Terão sido dois pelo menos: um antes, outro depois das eleições. Para além destes encontros, outros foram efectuados entre outros dirigentes.

Ontem à noite, depois de pouco mais de três horas de reunião, os membros da Comissão Política do PS aprovaram uma proposta no sentido de mandatar Mário Soares para negociar o acordo com o PSD. A proposta que não põe condições, deverá ser hoje ratificada pela Comissão Nacional do partido, órgão máximo, seguno os estatutos, entre congressos.

A Comissão Nacional vai também ratificar o regulamento do V Congresso do partido, que se realiza em Lisboa nos dias 30 de Setembro e 1 e 2 de Outubro, provavelmente no Pavilhão dos Desportos, uns meses depois de se ter iniciado a segunda experiência governativa do PS.

Dois aspectos salientes da preparação do Congresso, que hoje serão revelados para aprovação na Comissão Nacional – as moções de estratégia e as propostas de alteração dos estatutos devem ser entregues at 'ao fim do mês de Maio. Por seu turno, os delegados ao Congresso têm de ser eleitos pelas secções de residência e núcleos nos dias 24 e 25 de Junho. Verifica-se, assim, que haverá um significativo intervalo entre o arrancar da máquina e a realização do Congresso. O que poderá impedir que os primeiros cem dias de gestão socialista sejam equacionados na reunião máxima do PS. Nela, deverá no entanto, ser aprovada uma proposta de alteração da Declaração de Princípios. Sottomayor Cadia e outros dirigentes do partido, representando diversas sensibilidades, numa comissão revisora, estão a preparar um projecto alternativo, adaptado à realidade nacional.

Referendo

Ontem na reunião da Comissãt Política, António Campos, responsável nacional pela organização revelou os principais resultados do referendo às bases do partido. Segundo apurmos, a informação oficial foi de que teriam manifestado a sua op nião, devolvendo o boletim de voto que acompanhava a carta de Mário Soares sobre política de alianças 69,1 por cento dos 32 mil militantes socialistas consultados. Uma fonte altamente colocada e ligada à direcção do partido afirmou-nos que teriam votado cerca de 22 militantes.

De acordo com os números oficiais ontem divulgados, 80,4 por cento dos socialistas que responderam à consulta, muitas vezes com comentários pessoais, optaram pela aliança com o PSD, 11 por cento com o PCP e 0,9 por cento manifestaram-se contra quaisquer alianças «só PS».Ter-se-iam registado 1,3 por cento de votos nulos, 2,2 brancos.

Governo

Entretanto, começa a habitual dança dos nomes indicados para cargos no Governo, Soares, como aliás o «DL» noticiou há dias, continua a insistir na presença de Vítor Constâncio na pasta das Finanças. Outro elemento do ex-Secretariado a entrar no Executivo poderia ser António Reis, como secretário de Estado da Cultura de Manuel Alegre, que seria ministro dessa pasta. No entanto, soubemos que Reis ainda não foi convidado e Manuel Alegre tem afirmado que não pretende exercer quaisquer cargos no Governo.

Um outro nome que vem sendo falado há meses é o de Francisco Veloso, actual presidente do Banco Espírito Santo e amigo pessoal de Mário Soares. Deverá ocupar em lugar na área da Economia, provavelmente o Ministério do Plano.

Força Aérea faz novo relato dos factos

Recuperado corpo do "pára" morto na Serra da Estrela

O corpo de um alferes pára-quedistas que no dia 21 de Abril morreu na serra da Estrela já foi recuperado, segundo anunciou o Estado-Maior da Força Aérea.

A versão sobre os acontecimentos apareceu, agora, completamente modificada relativamente ao que na altura foi noticiado por toda a Imprensa sem que o Estado-Maior da Força Aérea tenha clarificado os acontecimentos.

O alferes, segundo é agora relatado, não se terá perdido na serra da Estrela. Esta versão afirma que o alferes Matos Santos frequentava um curso de montanhismo militar e por isso se integrava numa equipa em exercícios na serra da Estrela.

O grupo de dez elementos, de acordo com a estrutura militar, encontrava-se a 1850 metros quando foi surpreendido por um violento temporal. Retirou para zona segura onde o alferes se terá sentido mal e depois sucumbio.

Os seus companheiros de equipa transportaram o corpo de regresso, durante duas horas, mas cabaram por colocá-lo em local «propositadamente escolhido e facilmente referenciável», dadas as más condições atmosférias.

«Mau grado diversas tentativas desde essa data realizadas, só agora a recuperação do seu corpo foi conseguida» – diz o comunicado da Força Aérea.

O texto refere «a persistência, anormal para a época, dum forte nevão na serra da Estrela» e que a recuperação foi conseguida com a conjugação do trabalho de duas equipas de pára-quedistas e duas de civis, sendo uma da Câmara de Seia e outra de Alvoco da Serra.

Parque de Campismo do
BALEAL 2km de Peniche
TUPATUR EMPREENDIMENTOS & TURISMO, LDA. PENICHE
BALEAL
O tal Parque onde você é proprietário de
PISCINAS, RESTAURANTE, TÉNIS

PERDE CABELO?
— Dirija-se ao INSTITUTO MARCEL onde encontra a solução: recuperação peladas, etc.
— Poderá tratar-se no Instituto ou em sua casa.
— Marque consulta sem compromisso das 10,30 às 13 h das 15 h às 20 h sábados das 9 às 13 h.
INSTITUTO: EDIFICIO CAMPO GRANDE, 30-3.º B-1700 LISBOA — TELEFONE 771273 735181
INSTITUTO: EDIFICIO BRASÍLIA-CONSULTORIO: 8.º PISO (BOAVISTA) 4100 PORTO TELEF. 698679
® LABORATÓRIO L. C. MARCEL SCIENCE PRODUCTS

A Bíblia dos Jerónimos e a Guerra Peninsular

Desculpamo-nos perante os nossos leitores, e perante o «Diário de Lisboa» que tão honrosa e benevolamente tem acolhido nossa colaboração, particularmente e em especial a sua Redacção e serviços de composição, maquetagem e montagem, por nos termos excedido na dimensão escrita e fotográfica do nosso artigo de 29. Mar., do mesmo título do de hoje.

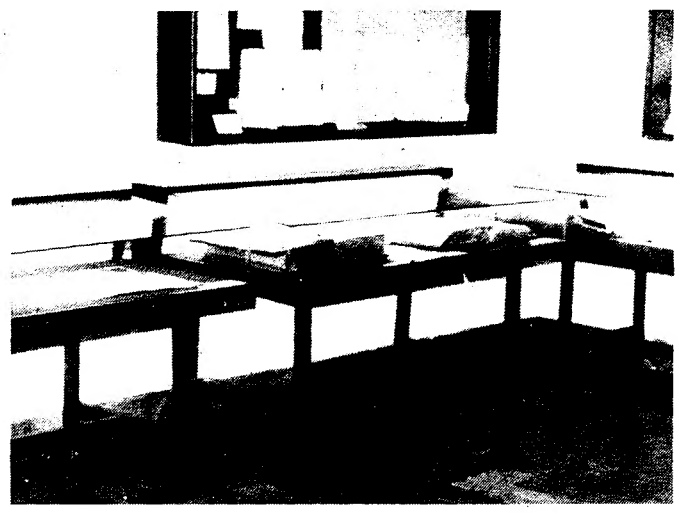
Na realidade, um jornal, como o «Diário de Lisboa», é certamente, um bom e típico exemplo de trabalho e esforço colaborante e cooperativo. Também, considerada toda a sua actividade organizativa como a expressão, a alto nível, de um empreendimento caracteristicamente cultural, tudo isso nos bastaria para entendermos dever ser nossa a responsabilidade pela não inclusão das duas gravuras com que hoje ilustramos considerações complementares sobre o tema em rubrica. Por hábito, a Redacção do jornal tem-nos facilitado a revisão dos textos, na iminência de serem impressos. Dessa vez, por motivo de força maior, não pudemos fazê-lo. Mesmo assim é visível que na selecção das nossas gravuras do artigo publicado, se sacrificou no mínimo dos mínimos a compreensão do texto. Pelo que o artigo surgiu, assim o supomos, e muito grato por isso estamos, quase cem por cento completo e integrado.

Dizíamos, nas linhas introdutórias 6/7/8 «o monumento cuja gravura aproveitamos para ilustrar o nosso artigo» (ei-la hoje).

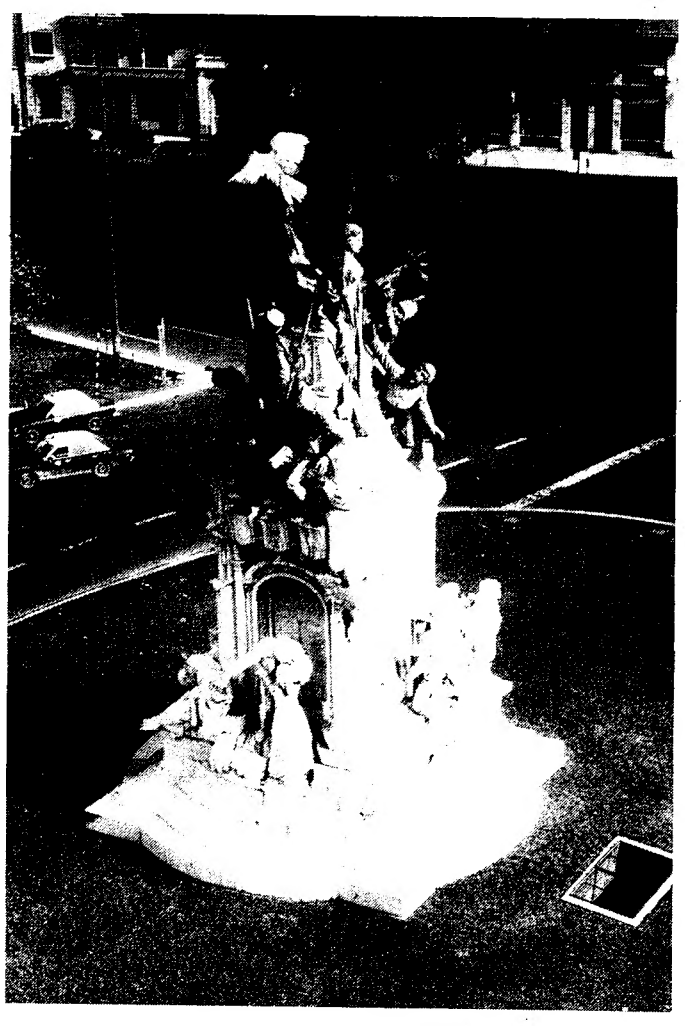
Na segunda coluna da legenda das gravuras publicadas: «dois volumes da Bíblia dos Jerónimos 1ue se vêem na vitrina» (ei-la, hoje, também).

O que para nós era importante realçar ficou expresso como o desejávamos. Não seria, por exemplo, necessário evidenciar que «el-rei D. Manuel (permita-se-nos a tónica renascentista ou medieval – e não monárquica ou ao gosto do PPM, que muito embora daqui democraticamente saudamos, convicto, como estamos, da plenitude dos ideais de uns e outro) tomou medidas para salvar o acervo documental da Torre do Tombo de uma inexorável destruição» (como o referiu o Dr. Pereira da Costa) mas não pôde evitar que, séculos depois, a Bíblia dos Jerónimos fosse implacavelmente «subtraída» e, irremediavelmente e barbaramente tornada exteriormente «irreconhecível». Como, também lamentavelmente, pode acontecer a outras coisas. Cidades, por exemplo, quando bombardeadas, saqueadas ou dilapidadas.

R. Toulson A. Leite



Vitrina da exposição da Torre do Tombo, com dois volumes (de 7) da Bíblia dos Jerónimos



Este monumento – AO POVO E AOS HERÓIS DA GUERRA PENINSULAR, 1808/1814 – como, regra geral, todos os outros concebidos para se implantarem, paisagística e urbanamente, em centros de praças, em geral também, regularmente geométricas, tem 4 frentes. Muito embora, isso muito custe a ser aceite, por exemplo, por quem já alguma vez pensou em deslocar o de D. José o de D. João I, o de D. Pedro IV, o dos Restauradores e do Marquês de Pombal, para uma posição descentrada e paisagisticamente inconsequente ou arquitectonicamente selvagem, saloia ou digna de «pato bravo» subjugado à ditadura automóvel. Quatro frentes, de que uma delas é a principal. Tão-só, pois! Nesta, as legendas gravadas, do monumento que se retrata, lembram ao cidadão comum, ao patriota e ao turista: que se consagra o LEVANTAMENTO POPULAR PELA INDEPENDÊNCIA, JUNHO DE 1808; que se guardam em cofre simbólico as RELÍQUIAS DE PORTUGAL; que são autores – J. d'Oliveira Ferreira, estatuário e F. d'Oliveira Ferreira, arquitecto; que os Bronzes são Fundição e Montagem da Fábrica de Braço de Prata, 1932. No cunhal, à esquerda, da frente principal, lê-se: Vimeiro (e não Vimieiro, como, certamente por lapso, se referiu no «Correio da Manhã», de 9 Jan. 83 e não de Dez. 82, como por erro nosso referimos em artigo do «DL» de 7 Fev), Defesa do Rio Minho, Sítio e Tomada de Chaves, Ponte de Amarante, Restauração do Porto, Buçaco, Campo Maior, Linhas de Torres Vedras, Fuentes de **Oñore,** Albuera, **Cidade** Rodrigo, Badajoz, Salamanca, Vitória, S. Sebastião da Biscaia, Pirenéus, Nivelle, Ortez, Toulouse. Na **frente lateral esquerda** (e seguimos este sentido por simpatia pelo movimento dos ponteiros do relógio) tem-se, de Camões, Lus., Canto IV, Est. VI – «Podem-se pôr em longo esquecimento/As cruezas mortais que Roma viu». Na **frente posterior:** Camões, Lus., Canto I, Est. X – «Vereis amor da Pátria, não movido/De prémio vil e quasi eterno»; RESTABELECIMENTO DO GOVERNO NACIONAL – 15 DE SETEMBRO DE 1808. **Frente lateral direita:** Camões, Lus. Canto IV, Est. XX – «Armas não deixarão, enquanto a vida/ Os não deixar, ou nelas for perdida:»; Camões, Lus., Canto IV, Est. XV – «Como? Da gente ilustre portuguesa/ Há-de haver quem refuse o Pátrio Marte?» (...) «Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte/ De Português, e por nenhum respeito/ O próprio Reino queira ver sujeito?»

NOTA – Quem desejasse confirmar, «in loco», estas legendas, teria de pisar a relva, sujeitando-se, eventualmente, a multa, por desrespeito cívico.

Recital de Elvira Archer

A cantora portuense Elvira Archer, residente na Alemanha e acabada de chegar do Rio de Janeiro, onde cantou no Teatro Municipal daquela cidade o «Requiem Alemão», de Brahms, por ocasião das comemorações dos 150 anos do nascimento deste compositor, dará um recital de canto na Fundação Calouste Gulbenkian, na próxima segunda-feira, pelas 18.30, acompanhada ao piano por Nella Maissa.

Este concerto reveste-se de especial relevo pelo facto de serem apresentadas ao público obras de compositores portugueses ainda não conhecidas, nomeadamente, em primeira audição mundial, duas canções de Luís de Freitas Branco, intituladas «Dois poemas de Mallarmé», e em primeira audição nos nossos dias «Lieder» de José Viana da Mota.

Standard Eléctrica

CENTRAL TELEFÓNICA DA CAPARICA

A Standard Eléctrica fabricou e instalou, para os TLP, a nova central telefónica, tipo Pentaconta, com a capacidade actual de 7 000 linhas de rede, que veio beneficiar a zona de Monte da Caparica.

A Standard Eléctrica, que é hoje a maior unidade industrial portuguesa dedicada ao estudo e fabricação de equipamento de telecomunicações, electrónica, televisão e audio, dispõe de uma força de engenharia de projectos e desenvolvimento que conta com mais de 200 engenheiros e técnicos especializados

SISTEMA

50 anos
AO SERVIÇO DAS TELECOMUNICAÇÕES

Standard Eléctrica, s.a.r.l.
uma associada portuguesa da ITT

de ontem para hoje

Cargueiro de água aberta em Cascais

O cargueiro paquistanês «Ranga Mati», que ontem correu riscos de naufrágio perto de Cascais foi já rebocado para longe da zona onde poderia ocasionar problemas de navegação na barra.

Arredado o navio daquela zona, uma lancha da Marinha e um rebocador da Lisnave mantém-se nas suas imediações, como medida cautelar da sobrevivência dos tripulantes – informou um porta-voz da Marinha.

O «Ranga Mati» –, disse a mesma fonte, encontra-se neste momento aproximadamente a nove milhas de Lisboa.

Disse o mesmo informador que a evolução da situação «se revela positiva».

O navio sinistrado, carregado de açúcar, encontrando-se com água aberta ao largo de Cascais, pretendeu ontem de manhã entrar no porto de Lisboa, no que foi impedido pelas autoridades marítimas portuguesas.

Judeus ainda praticam em Portugal

Dois deputados da oposição trabalhista de Israel revelaram ter descoberto em Espanha e Portugal «entre três mil e a cinco mil» pessoas que continuam a praticar secretamente a religião judaica.

Aqueles dois deputados (o presidente da Câmara de Safed, Aharon Mahmias e o rabino Menahem Hacohen) foram enviados pelo ministro israelita do Trabalho, Assuntos Sociais e Absorção dos Emigrantes para tentar reintegrar milhares de «judeus secretos» da Espanha e Portugal ao judaísmo e a Israel.

O rabino Hacohen disse que em sua opinião, estas pessoas, judeus de boa fé, que nunca abandonaram a religião, praticando-a em segredo desde a época da Inquisição, são descendentes directos das vítimas da Inquisição.

Por seu lado, o ministro Aharonuzan disse saber da existência de «Marranos» que se converteram oficialmente ao catolicismo mas que continuam a praticar os seus ritos.

Menos delitos na PSP do Porto

O Comando da Polícia de Segurança Pública do Porto, considerou que «a actividade delituosa registou em Abril um certo abrandamento» relativamente a períodos anteriores.

«Nomeadamente em furtos em residências (um dos números mais reduzidos dosúltimos anos) e em roubos directamente às pessoas, a descida foi bastante acentuada» – acrescenta um comunicado da PSP do Porto.

O texto considera que «os índices que a marginalidade apresenta continuam a ser motivo de preocupação e a merecer os maiores cuidados por parte desta Polícia».

A metade dos especialistas na Figueira

O director do Hospital Distrital da Figueira da Foz disse à ANOP que 'continuam por preencher cerca de 50 por cento dos lugares de médicos especialistas' deste estabelecimento.

António Menano disse ainda que neste hospital, onde continuam por abrir 60 camas de internamento, e devido às infiltrações de água, as enfermarias de ortopedia e cirurgia não funcionam.

«O hospital – disse ainda o seu director – precisa de uma estação de tratamento de esgotos e de mudar completamente a canalização de água.»

Este estabelecimento hospitalar foi ontem visitado pelo secretário de Estado da Saúde, Paulo Mendo, que prometeu resolver rapidamente os problemas no que diz respeito ao equipamento.

Crianças mal nutridas nos Açores

A alta taxa de mortalidade infantil nos Açores relaciona-se com o estado de mal nutrição proteico-calórica – revela o último número da revista «Atlântida Médica».

Um estudo assinado por sete médicos e especialistas em doenças infantis da região, refere que a mal nutrição tem efeitos sobretudo durante os cinco primeiros anos de vida da criança.

Os riscos da mal nutrição são ainda maiores no primeiro ano de vida, designadamente nos bebés que sofrem do desmame precoce e em que os substitutos do leite materno têm um valor nutritivo insuficiente – concluiu o artigo da «Atlântida Médica».

Médicos recusam burocratização

A secção regional do Norte da Ordem dos Médicos protestou ontem contra a «medida discriminatória» do secretário de Estado da Saúde que anula o direito a férias e o subsídio aos internos do internato geral.

«O desaparecimento do direito a férias que ora se verifica constitui mais um exemplo da progressiva funcionalização e burocratização dos médicos, retirando os estímulos para o exercício de uma profissão que exige dedicação e disponibilidade extraordinária» – refere a Ordem em comunicado.

O organismo representantivo da classe médica sublinha que esta medida se enquadra «dentro do espírito de redução do médico a um mero funcionário que executa um trabalho em determinado número de horas produzindo um «X» de exames clínicos».

A secção regional do Norte da Ordem dos Médicos manifesta, o seu apoio aos internos gerais e põe-se à disposição dos clínicos para «tentar obter todas as medidas que possam minimizar os prejuízos causados» pela medida.

Um morto em 24 horas

Um morto e 33 feridos é o balanço dos acidentes de viação registados no Continente pela Brigada de Trânsito da GNR, entre o meio-dia de quinta-feira e as 12 horas de ontem – informou aquela corporação.

Dos feridos, 16 encontram-se em estado grave – adiantou a mesma fonte.

Julgamento de agente da Judiciária acusado de duplo homicídio

A hipótese de ricochete da bala com que um agente da Polícia Judiciária matou um homem em Abril de 1980 foi hoje levantada em Tribunal como possível causa do incidente.

Durante a audiência — a quarta do julgamento que se prolongará pelo menos até ao final do mês — foi ouvida a principal testemunha, um agente daquela polícia que conduzia a viatura em que o acusado, José António Miguéis, se deslocou ao Bairro da Liberdade, onde se deu a ocorrência.

A testemunha reconheceu que os dois policias, que então perseguiram a vítima por «fuga à identificação após tentativa de agressão» dispararam várias vezes», «primeiro para o ar e depois para o chão».

«Percorriamos a zona à procura de um suspeito a um assalto a um estabelecimento quando encontramos um grupo de três indivíduos que nos olharam fixamente» — disse.

«Paramos e quando os meus colegas saíram para os identificar o que se encontrava no meio avançou para o Miguéis agressivamente» — contou, acrescentando que «nessa altura os agentes empunharam as armas e dispararam ao verem o indivíduo não parava».

O relatório da autópsia revelou, entretanto, ferimentos com uma bala na nuca, disparada de cima para baixo, e uma bala numa nádega, disparada de baixo para cim «a uma distância máxima de um a dois metros» e «pelas costas da vítima».

José Migueis está a ser julgado à revelia e sobre ele impende outra acusação de homicídio, em Fevereiro do mesmo ano, de um indivíduo junto a uma «boite» de Lisboa.

O agente da Judiciária, que aguarda também julgamento deste caso, encontra-se em parte incerta após ter recusdo a ordem de prisão preventiva «por não aceitar ser metido em cadeias onde se encontram indivíduos que ele próprio prendeu» — disse a mulher.

«Era um homem morto» — frisou Gabriela Migueis.

«A Judiciária não tem cadeia própria para os seus agentes, ao contrário dos militares e da Polícia de Segurança Pública, e o meu marido não aceita ser encerrado com gente que o odeia».

Adiantou que José Migueis «está na disposição de acatar as ordens se lhe derem garantias de que será colocado na cadeia que a Judiciária utiliza para os seus detidos, apesar das suas más condições».

O julgamento iniciou-se a 15 de Abril e tem sessões marcadas para todas as sextas-feiras do mês de Maio.

Caso "Camarate" em foco

Meneres Pimentel discorda do Inquérito Parlamentar

Meneres Pimentel afirmou que «ninguém conseguirá desmantelar» as estruturas da legislação penal que levantou «apesar de promessas eleitorais imediatas».

No discurso da tomada de posse do director da Escola da Polícia Judiciária, em Loures, Meneres Pimentel, considerou que «a nova legislação penal e os seus instrumentos para a tornar exequível», são «uma das obras mais salientes e duradouras» do seu Ministério.

«Apesar de só me terem consentido dois anos de governação, tudo quanto de significativo consegui levar por diante, com a colaboração de excelentes profissionais, será impossível destruir – disse.

Sem pretender, de momento, justificar a sua afirmação, Meneres Pimentel, deixou ficar «o desafio para o futuro Governo», esperando que «não execute uma política de «terra queimada», verdadeiramente insuportável num regime democrático e inacreditável para um Governo saído de eleições livres».

Outro desafio lançado ao futuro executivo pelo responsável da pasta da Justiça, foi o da cooperação técnica e de formação, com os países africanos, à semelhança do já celebrado protocolo com Cabo Verde.

«Ficam lançadas as bases irreversíveis dessa caminhada, o que só uma impensável incompetência do futuro Governo poderá fazer sossobrar» – frisou.

Meneres Pimentel, abordou o caso de Camarate, mormente o inquérito parlamentar sobre o mesmo, para «discordar frontalmente, quer da forma como foi conduzido, quer das suas conclusões», anunciando que «oportunamente» será divulgada a posição da Polícia Judiciária sobre «as graves acusações que lhe foram feitas».

Considerou, assim «gravíssima omissão» a respectiva comissão não ter ouvido o então director-geral da PJ, nem o procurador-geral da República.

Referiu as palavras d Carlos Macedo (PSD), na Televisão, dizendo «ter provas de que, provavelmente, a ocorrência de Camarate consistia numa atitude criminosa» para concluir que, «dentro em pouco tempo, o País saberá o que ele disse à Polícia Judiciária e, então, poderá fazer-se um juízo sobre se procedeu com a serenidade exigível a qualquer cidadão».

Augurou ainda um «futuro profícuo» ao Centro de Estudos Judiciários, esclarecendo o seu «eventual sucessor imediato» quanto ao critério com que nomeou os seus directores-gerais e equiparados: «escolhidos numa base de competência e sem qualquer nepotismo».

Pimentel aproveitou a ocasião para justificar a sua actuação, dizendo ter «afrontado certos histerismos e desvarios», «não se ter confinado à gestão da crise», «conduta moderada, mas necessariamente, reformista».

Aos formados na escola lembrou que «a honestidade e competência não estão à mercê de sobressaltos, para quem acredita no julgamento isento do povo».

A "Grande Noite do Fado" acabou de manhã

Coliseu rebentou pelas costuras para ver notável parada de "estrelas"

De Hermínia a Beatriz, de Ivone a Simone, de Salvador a Paco Bandeira, metendo rock, bandas de música, manequins, «travestis», fado e canção, a «Grande Noite do Fado» constituiu uma grande parada artística e humana que começou às 21.40 de ontem e só às 6.05 desta manhã terminou. Enfim: um êxito, mais um, da Casa da Imprensa de Lisboa.

«Foi a maior enchente de sempre, aqui, no Coliseu dos Recreios», disse-nos o organizador directo da grande parada, da noite que mais chama Lisboa de ponta a ponta, o nosso companheiro de trabalho Neves de Sousa. Disseram-no muitos outros, sobretudo os clientes daquela casa que nunca faltam aos grandes espectáculos — como o de ontem e hoje, já se vê.

Pelo palco do Coliseu dos Recreios desfilaram ontem à noite e já esta madrugada as grandes vedetas nacionais, mas o momento alto, depois da estrondosa ovação tributada por milhares de pessoas, nem todas do Benfica, aos jogadores «encarnados» que ali compareceram em peso e em força, foi inteirinho para a eleição das novas estrelas do fado.

A hora ficou em todos os expectadores, porque a apresentação final dos grandes candidatos ao triunfo, à fama e alegria de uma noite que lhe pode abrir as portas do futuro, atrai ao Coliseu dos Recreios, todos os anos, centenas e centenas de lisboetas quefazem do seu bairro um pedaço melhor que o do vizinho.

Ao princípio da manhã já se sabia quem tinha ganho e, sobretudo, quem eram os candidatos, a partir de agora, a uma hora de tanta ou mais sorte que a do Coliseu dos Recreios. Seis artistas amadores, três homens e três mulheres, para além dos prolongados aplausos que esta madrugada ouviram, ficaram com direito ao seu nome em letra de forma.

Uma ovação de 335 segundos

São eles, por esta ordem (homens): 1.º Fernando Jorge Luís Amaral, representando o GRUPO DESPORTIVO da MOURARIA; 2.º, António da Silva Coelho, apresentando-se individualmente; 3.º, Álvaro Augusto Oliveira Santos, do CLUBE DESPORTIVO DA GRAÇA. Mulheres: 1.ª Carla Marina Silva Costa, do TEJOLENSE ATLÉTICO CLUBE; 2.ª, Maria Sampedro de Figueiredo, do GRUPO DESPORTIVO «OS MAGRIÇOS»; 3.ª, Maria Adelaide Carvalho Araújo, do GRUPO «VAI TU», da BICA.

O momento mais quente, aquele que fez levantar toda a assistência, foi quando a equipa do Benfica como atrás dissemos, entrou, em apoteose, no palco, com o «feito» de Anderlecht bem vivo na memória de todos e a esperança do triunfo na Luz (na volta) fervilhando em cada um e no coração dos milhares dse presentes no Coliseu.

Ao «capitão» Humberto Coelho foi entregue, com Fernando Martins ao lado, o Troféu da Casa da Imprensa, acto de que se incumbiu o grande Eusébio, que assim comemorava, também, o facto do «central» benfiquista se lhe equiparar no número de internacionalizações (64), isto é presenças na selecção nacional.

Foi uma ovação vibrante, demorada, prolongando-se por mais de cinco minutos. Pessoas de cronómetros na mão contaram 335 segundos, isto é, 5 minutos e 35 segundos. Uma ovação, afinal, idêntica à que noutros tempos receberam Tito Schippa ou Maria Callas, ou como se fosse uma Amália Rodrigues do futebol.

Uma noite em grande da Casa da Imprensa, ou a «Grande Noite do Fado» que aquela promoveu sob a direcção do nosso companheiro de trabalho Neves de Sousa e em que pela primeira vez o apuramento dos primeiros se ramificou em duas etapas: eram 145 fadistas candidatos à partida, há seis muito felizes neste momento.

Professores de Português na RFA continuam com pagamento em atraso

Um grupo de professores de Língua e Cultura Portuguesa requisitados para leccionar na República Federal da Alemanha não recebem desde Setembro último os complementos salariais.

Os professores em causa expuseram a sua situação em abaixo assinado dirigido ao Presidente da República, ministro da Educação, Primeiro-Ministro e Sindicato dos Professores.

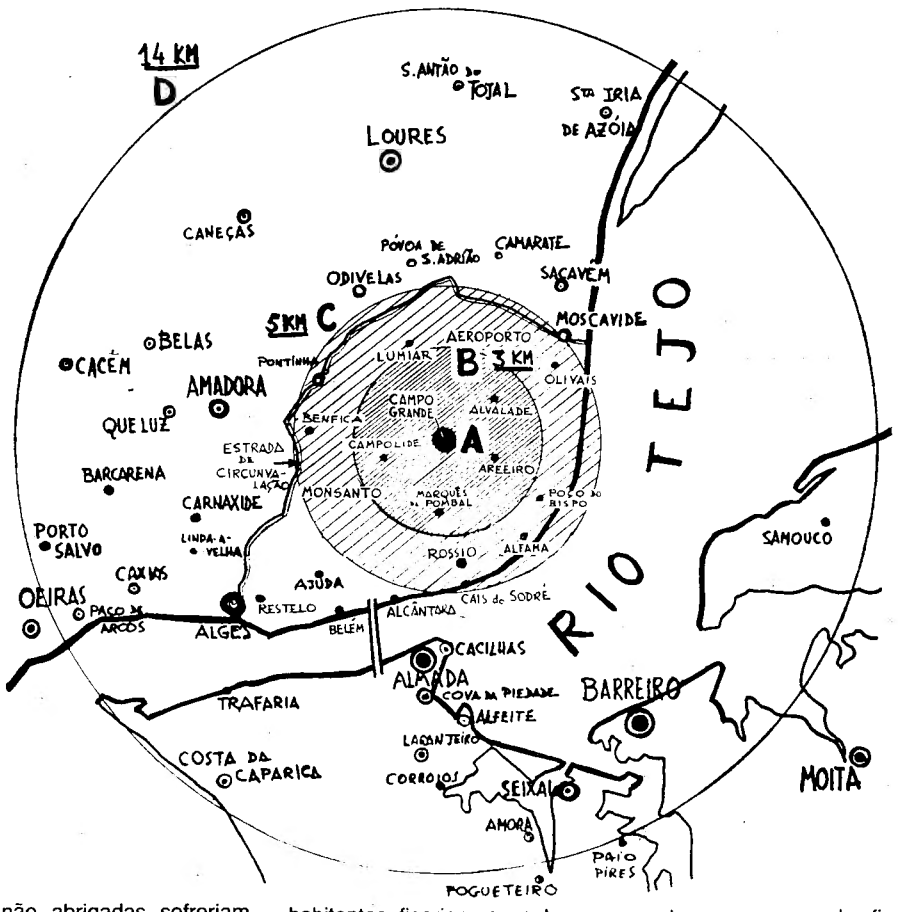
Os docentes são pagos ao abrigo duma tabela salarial determinada pelo Despacho 138/81 que os habilita também a receber um complemento mensal. Este pagamento, no entanto, nunca foi feito regularmente. No passado ano lectivo e devido a um atraso superior a seis meses, surgiram graves problemas entre os professores e a entidade responsável, a qual os informou posteriormente de que a situação estava regularizada.

«Inexplicável e inesperadamente» afirmam os professores signatários, a situação mantém-se no presente ano lectivo, deixando-os em terra estranha a braços com compromissos económicos impossíveis de resolver.

Na região de Lisboa

Dois milhões de mortos seria o resultado da explosão de uma ogiva nuclear

Um dia, uma ogiva nuclear de duas megatoneladas, lançada sobre Lisboa, explodia, à altura do solo, junto à estátua do Campo Grande. No mesmo momento, a capital portuguesa transformava-se num verdadeiro inferno. Pouco depois, os resultados finais apontavam o número de dois milhões de mortos. O cenário é dado pela Comissão de Paz de Lisboa, através de um folheto informativo, no qual se descreve o que aconteceria durante os segundos que se seguiriam à explosão de uma ogiva nuclear e que aqui resumimos.



Na zona assinalada, na figura, com a letra A, apareceria no ponto da explosão uma cratera com cerca de 750 metros de diâmetro e 250 a 300 metros de profundidade. Uma parte considerável das dezenas de milhares de toneladas de terra levantada tornar-se-ia radioctiva. E, esta zona, seria o centro de uma bola de fogo de milhares de graus centígrados que se estenderia para lá do Bairro Social do Arco do Cego, do jardim Gulbenkian, do hospital de Santa Maria. No interior do círculo, designado como sendo B, com 6 quilómetros de diâmetro, haveria, instataneamente, a destruição total de pessoas e bens. Também na zona C, com um raio de 5 quilómetros, todos os seus habitantes morreriam.

Em 10 segundos, a bola de fogo abrasaria tudo o que se encontrasse debaixo dela, numa área com cerca de 14 quilómetros (zona D). Aí, todas as pessoas não abrigadas sofreriam quimaduras graves de 3.° grau. Os materiais inflamáveis provocariam incêndios por toda a parte. Para além da zona D, numa distância até 20 quilómetros do ponto de explosão, os habitantes ficariam expostos a radiações de efeitos letais e subletais e as nuvens de precipitação radioactiva iniciariam a sua marcha, seguindo a direcção do vento...

Um alerta a recordar, no momento em que, segundo afirma a Comissão de Paz de Lisboa, se programa «a instalação de novos mísseis nucleares norte-americanos na Europa e o perigo nuclear se adensa sobre Portugal».

Na urbanização do Lambert

Neto e Cabral: nomes em ruas de Lisboa

Amílcar Cabral e Agostinho Neto vão ter os seus nomes em ruas de Lisboa, por deliberação do respectivo executivo municipal e sob proposta da APU.

A rua com o nome de Amílcar Cabral ficará no actual arruamento-A do Plano de Urbanização da Quinta do Lambert, ao Lumiar. Na placa terá indicação de «político» e as datas de nascimento e assassínio (1924 e 1973).

A rua destinada a Agostinho Neto fica no arruamento-B do mesmo plano de urbanização, e a placa conterá igualmente a indicação de «político» e as datas de nascimento e morte (1922 e 1979).

Outras duas artérias lisboetas passarão a ter nomes de figuras que a Câmara pretendeu consagrar. Um foi «benemérito», viveu entre 1839 e 1903 com o nome de José da Costa Pereira.

O outro foi fundador do LNEC, nasceu em 1907 e morreu em 1982. Chamava-se Arantes e Oliveira, foi conhecido por outras actividades além da de engenheiro, que também figurará na placa.

José da Costa Pereira fica na Urbanização da Encosta das Olaias, Rua-B; Arantes e Oliveira dá o nome à rotunda, vulgarmente com o nome de Olaias, na confluência de quatro ruas.

A CAP boicota a Feira de Santarém

Sacramento Marques, director da Feira Nacional de Agricultura, manifestou o seu repúdio à posição tomada pela CAP em não participar na edição deste ano daquele certame.

A CAP distribuíra ontem ao princípio da tarde um comunicado «manifestando total indisponibilidade para dar qualquer colaboração» na organização da Feira e afirmando não participar «em quaisquer actividades de carácter agrícola e pecuário» do certame.

Sacramento Marques, o primeiro governador civil de Santarém após o 25 de Abril e que se manteve no cargo até 1979, disse ter concorrido à Câmara Municipal de Santarém pelo Partido Socialista, no terceiro posto, precisamente com o objectivo (anunciado) de se tornar director da Feira. Como seus assessores, de acordo com a «inteira liberdade» que lhe foi fornecida pelo presidente da Câmara, escolheu o vereador pelo PS, Hugo Barbosa e Atílio Xavier, personalidade ligada a uma empresa pública cervejeira.

As dúvidas levantadas pela CAP foram motivo de uma reunião em que aquela confederação de agricultores manifestou a sua vontade de não participar.

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO MÁRMORES E MADEIRAS DO DISTRITO DE LISBOA

CGTP-INTERSINDICAL

SEDE: Praça D. Luís, 17-1.° Dt.° — LISBOA Codex Telfs. 66-11 02/3

PRÉ-AVISO DE GREVE

Nos termos do Art.° 5.°, da Lei n.° 65/77, de 26 de Agosto, as Associações Sindicais representitivas dos trabalhadores dos Empreendimentos Urbanos e Turismo, J. Pimenta, SARL/EUT, comunicam a todos os interessados, que no exercício do seu dever, defesa e representação dos seus associados, decidiram o recurso à greve, na frente de trabalho de Monte Abraão, Queluz Ocidental, da supracitada empresa, de acordo com a proposta aprovada por unanimidade, em plenário, no dia 3 de Maio de 1983, nos seguintes períodos:

— No dia 09.5.83, das 10.00 às 11.00 horas e das 16.00 às 17.00 horas;
— No dia 10.5.83, das 10.00 às 11.00 horas e das 16.00 às 17.00 horas;
— No dia 11.5.83, das 10.00 às 11.00 horas e das 16.00 às 17.00 horas;

como exigência do pagamento dos salários de Fevereiro, Março e Abril de 1983 e 13.° mês de 1982.

Lisboa, 6 de Maio de 1983

OS SINDICATOS:

TRABALHADORES DA CONSTRUÇÃO, MÁRMORES E MADEIRAS DO DISTRITO DE LISBOA
INDÚSTRIAS ELÉCTRICAS DO SUL E ILHAS
TRABALHADORES DA INDÚSTRIA METALÚRGICA E METALOMECÂNICA DO DISTRITO DE LISBOA
INDÚSTRIA CERÂMICA, CIMENTOS E SIMILARES DO DISTRITO DE LISBOA
TRANSPORTES RODOVIARIOS DO DISTRITO DE LISBOA
NACIONAL DOS TÉCNICOS DE DESENHO
TRABALHADORES DO COMÉRCIO E SERVIÇOS DO DISTRITO DE LISBOA

VI FESTIVAL INTERNACIONAL DE PENTEADOS

CASINO ESTORIL
15 DE MAIO DE 1983

Com a participação de **DICK VAN PARIDON** (instrutor da VIDAL SASSON ACADEMY - Londres) em demonstrações técnicas e criativas.

APRESENTAÇÃO DE NOVAS LINHAS.
SHOW DO CASINO. PASSAGEM DE MODELOS.
SERVIÇO DE CHÁ.

COLABORAÇÃO **indola** A MARCA DE PRESTÍGIO DOS PROFISSIONAIS DE PRESTÍGIO

INFORMAÇÕES ACLAS R. Andrade, 4 - r/c - Esq. - 1100 LISBOA
Telefs.: 838365 • 846147

Willy Brandt critica "dupla decisão" da NATO

O presidente do Partido Social Democrata alemão federal (SPD) criticou hoje o automatismo da «dupla decisão» da NATO, segundo a qual se iniciará a instatação de novos euromísseis se não houver acordo americano-soviético em Genebra.

Intervindo ontem nos debates parlamentares sobre o discurso programático do chanceler federal Helmut Kohl, Willy Brandt defendeu que se continuasse a pressionar as duas «superpotências» para que cheguem a um compromisso nas negociações estratégicas de Genebra, que evite uma nova espiral armamentista.

O dirigente social-democrata criticou Moscovo e Washington por – disse – «se agarrarem às suas posições maximalistas» nas quais – afirmou – só introduziram ligeiras modificações.

Brandt anunciou que o seu partido adoptará uma decisão sobre a questão no próximo Congresso do SPD, previsto para o Outono, em Munique. Disse que sua atitude é lógica e corresponde à letra da «dupla decisão» da Aliança Atlântica.

O ex-chanceler da RFA advertiu a coligação governamental do democrata-cristão Helmut Kohl, contra a tentação de negar ou silenciar a «dimensão real» da instalação dos novos mísseis de médio alcance, de que uma boa parte se destina à Alemanha Federal, e sublinhou que se adoptasse essa posição, só conseguiria «distanciar-se de consideráveis sectores da população».

Brandt congratulou- se pelo facto de a maioria da Câmara dos Representantes dos Estados Unidos se ter pronunciado a favor do congelamento das arma nucleares e anunciou que o SPD poderia propor uma iniciativa semelhante no Parlamento de Bona.

Carta do «Labour» ao PCUS causa polémica

O ministro da Defesa britânico, Michael Heseltine, condenou ontem o envio pelo Partido Trabalhista, duma carta à comissão central do PCUS perguntando qual seria a resposta soviética à supressão progressiva da força de ataque britânica.

Nesta carta, redigida pela sua comissão executiva nacional, e divulgada ontem o Labour pergunta se a URSS está pronta a reduzir os seus mísseis de alcance intermédio «SS-20» numa proporção igual à redução progressiva dos actuais mísseis nucleares britânicos «Polaris», que constituem a base da «força de dissuasão» britânica.

Heseltine, qualificou o envio desta missiva de gosto tão ingénuo quão inconsiderado opinando que «equivale ao maior risco jamais assumido por um partido importante, quanto à defesa britânica.

A carta do Partido Trabalhista foi enviada ao Partido Comunista da União Soviética, depois de Yuri Andropov, fazer novas propostas acerca dos euromísseis.

Os "desaparecidos" da Argentina: indignação aumenta

A indignação internacional levantada pelo documento da Junta argentina sobre os «desaparecidos» embaraça manifestamente as autoridades de Buenos Aires, que já têm de fazer face à opinião pública do país.

O último documento da Junta, afirma, designadamente, que não há centros clandestinos de detenção na Argentina e que, consequentemente, as pessoas cujos nomes figurem nas listas dos «desaparecidos» entre 1976 e 1979 e que não estiverem no exílio ou na clandestinidade devem ser consideradas mortas.

Os protestos de Paris, de Madrid e, sobretudo, de Roma e do Vaticano, têm repercussões que abalam as estrutras do regime, ao ponto de a Junta, em primeiro lugar, e os generais do Exército, seguidamente, irem ter até, ao próximo sábado, uma série de reuniões para examinarem o grau de gravidade da situação.

A atitude do governo italiano e as severas declarações do presidente Sandro Pertini – mais do que todas as outras – tiveram o efeito de uma bomba nos meios oficiais, num país onde cerca de 50 por cento da população é de origem italiana.

O governo do general Reynaldo Bignone sofre fortes pressões, nomeadamente por parte de sectores militares, para que chame o seu embaixador em Roma, Rodolfo Lucheta, «por uma duração indeterminada».

A reacção oficial de Buenos Aires, condenando a dita «ingerência externa nos assuntos internos da Argentina», não bastou para apaziguar o clima, tal como as declarações do general Bignone.

«O protesto, do presidente Pertini sofre de uma falta total de serenidade», declarou este general.

A indignação internacional constitui «a sequência lógica» da vaga desencadeada pelo mesmo documento na opinião pública do país, assinala-se. A Igreja – até agora discreta – prepara-se por seu turno para tomar posição, depois da reacção do Vaticano.

Segundo a opinião da maior parte dos comentadores políticos argentinos, o regime militar «cometeu um erro grave» ao pensar que, com esse documento, «punha um ponto final» no problema dos «desaparecidos». A declaração das Forças Armadas constitui «tudo menos um ponto final», disseram em substância, todos os observadores.

Familiares dos «desaparecidos» decepcionados

Familiares de desaparecidos na Argentina manifestaram a sua decepção pelos termos da mensagem do Papa relativamente a este caso.

João Paulo II, falando numa audiência geral na Praça de S. Pedro perante cerca de 50 mil pessoas, mostrou-se preocupado pela recente declaração da Junta argentina sobre os «desaparecidos» e disse estar solidário com os familiares destes.

Comentando as palavras do Papa, alguns familiares disseram que estavam à espera de um apelo explícito à libertação dos que ainda se encontram com vida.

Angela Boitano, presidente da Associação de Familiares Italianos dos Desaparecidos na Argentina, (que tem dois filhos e um neto nestas condições) afirmou estar convencida de que nem todos estão mortos e que, até finais de Dezembro passado, se registaram casos de pessoas cujos nomes constavam das listas de «desaparecidos» e foram libertadas, e crianças encontradas vivas.

Acrescentou que o grupo a que preside «solicitou à Igreja em 1978, 1979, 1980, 1981 e 1982 que interviesse para salvar vidas humanas, mas que a resposta consistiu em documentos tíbios, propostas de diálogo, reconciliação e perdão».

«Em 1983 – salientou – a nossa resposta é: nem silêncio, nem documentos, nem diálogo, nem reconciliação, nem perdão. Queremos que apareçam vivos. E se isto não suceder, o Episcopado estará a avalizar um genocídio».

Entretanto, a Organização das Avós da Praça de Maio manifestou o seu «total repúdio» pelo documento da Junta militar sobre a «luta contra a subversão» distribuído a semana passada, e cujo conteúdo disse ser «cínico e mentiroso».

Entende a organização que o relatório pretende ocultar sob a designação de «actos de serviço», a mais selvagem perseguição e agressão política da História, dirigida contra as pessoas de todos os níveis sociais e idades, incluindo bebés».

A declaração acrescenta que o documento oficial «não assume nunca o sequestro ou desparecimento de crianças, pequenos seres indefesos que foram, alguns, levados só, outros com os seus pais, ou ainda no ventre de suas jovens mães e que, segundo nos consta, nasceram nos campos secretos de detenção».

Diz (também) a viúva de Pablo Neruda

A situação no Chile é desesperante

Matilde Urrutia, viúva do poeta chileno Pablo Neruda, declarou que a situação no seu país «é muito desesperada»: há muito desemprego e fome, as pessoas protestam, mas o desabafo paga-se muito caro.

Matilde Urrutia, que se encontra em Caracas para assistir ao VI Festival Internacional de Teatro a decorrer até 8 de Maio, e no qual participam 29 grupos de 22 países, deu uma entrevista exclusiva ao jornal «El Nacional».

Nessa entrevista, publicada na edição de hoje do referido jornal, Matilde Urrutia refere-se à situação no seu país, denuncia a reabertura do campo de concentração de Pisagua, e condena a repressão contra os opositores à ditadura do presidente Pinochet.

Ao descrever a situação que se vive no Chile, disse que «as pessoas querem trabalho, mas como não o há, desesperam, e vêm gritar os seus protestos para a rua, acabando por ser presas», mas como se isso não bastasse, salientou, «não só são detidas, como ainda são torturadas».

Manifestando extrema angústia e dor, Matilde Urrutia – denunciou em seguida a reabertura do campo de concentração de Pisagua, onde se encontram 34 pessoas, que «para ali foram levadas sem qualquer tipo de julgamento ou condenação prévia», assegurou.

«Quando um povo, pede pão, justiça e liberdade, não restam dúvidas que é insólito que essa seja a resposta dos governantes», lamentou-se.

Apesar do recrudescimento da repressão, a sr.ª Urrutia — reafirmou existir um ressurgimento da actividade de oposição ao regime militar, acrescentando: «as pessoas movimentam-se. Acho que os partidos estão a sair de uma espécie de hibernação».

Contudo, evitou pronunciar-se sobre o futuro, do Chile. «Não sei. Não posso atrever-me a dar-lhe um prazo a propósito do regresso da democracia ao meu país».

No plano cultural disse que no Chile «a arte está viva em todas as suas manifestações», citando como exemplo os casos do teatro de rua, a pintura, a música e o canto que expressam o protesto do povo.

«De início, os protestos eram muito tímidos, mas foram crescendo. É como se purificassem o ar do Chile, o que nos fez renascer a esperança» — sublinhou.

Mais adiante, e referindo-se ao poeta Pablo Neruda (seu marido), a sr.ª Urrutia disse que «ele está hoje mais vivo no Chile do que no dia em que morreu», porque não há uma manifestação contra o governo em que os seus versos não estejam presentes.

Recordou em seguida que apesar das medidas de segurança que rodeiam a residência de Neruda, acabam sempre por aparecer frases escritas pelo povo, o mesmo acontecendo no seu túmulo, as quais lhe «pedem ajuda e exprimem a sua devoção».

Logo que terminar o VI Festival de Teatro, a sr.ª Urrutia deslocar-se-á a Paris onde vai assistir às cerimónias de homenagem a Neruda, organizadas pela Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e Cultura (UNESCO).

Espanha: no domingo

Discussões i não perturba

Madrid (do nosso correspondente, Fer

se os últimos comícios antes que, amanhã, dirijam às urnas. Todas as sondagens concede ta, embora, à última hora, algumas discussões com a política externa, tenham contribuído pa eleitorado.

A viagem do Presidente Felipe Gonzalez à República Federal da Alemanha concluiu com a reafirmação ao chanceler democrata-cristão Kohl da «compreensão» face à decisão europeia de instalar, ainda este ano, mísseis nucleares no velho continente.

Afirmação que foi muito bem recebida pelo novo Governo conservador alemão, mas que causou espanto em Espanha e no interior do próprio Partido Socialista, que se continua a declarar contra a NATO. O próprio vice-Presidente do Governo e vice-Presidente do PSOE, Alfonso Guerra, declarou, horas antes de Gonzalez afirmar-se a sua «compreensão» em Bona, que o gabinete socialista fará o prometido referendo sobre se os espanhóis querem ou não manter-se na Aliança Atlântica, adiantando que o resultado previsível seria um «não».

Com efeito, as sondagens revelam que mais de 65 por cento dos espanhóis se declaram contrários à ligação à NATO, adesão que vem como uma herança forçada nos últimos meses do Governo da UCD de Leopoldo Calvo Sotelo.

Por outro lado, existem indícios mais que racionais para pensar que a declaração de Gonzalez teve o efeito de uma bomba no ministro dos Assuntos Exteriores, o neutralista Fernando Moran, antes incluído na ala radical do PSOE e de que ninguém pode pensar que se sente alegre com as

Israel disse "s a um projec mas "não" a um

— disse o ministro Yitzhac

Israel deu o seu acordo de princípio a «um projecto» mas não se trata minimamente de um «acordo definitivo» declarou ontem à noite à Televisão israelita o chefe da diplomacia do Estado hebreu, Yitzhak Shamir.

«Trata-se de um projecto ultimado pelos Estados Unidos e o Líbano, não o aceitamos. Exigimos mudanças e faremos por que o comandante Haddad receba uma função importante (no sul do Líbano). O comandante Haddad pode contar connosco. Israel não abandona os seus amigos», declarou o ministro Shamir.

«É preciso agora esperar o regresso de Damasco de Shultz. Se os sírios recusarem retirar as as suas forças do Líbano, não retiraremos, e agiremos em função das nossas necessidades de segurança e dos nossos interesses», sublinhou o ministro.

O chefe da diplomacia israelita enumerou, de seguida, os objectivos perseguidos por Israel ao longo das negociações:

– Conseguir a retirada das forças israelitas no contexto de uma retirada de todas as forças estrangeiras do Líbano.

– Obter acordos de segurança na fronteira norte de Israel, que impediriam o regresso das forças da OLP a essa região.

– Criar um novo sistema de relações entre Israel e o Líbano que permitissem relações de boa vizinhança entre os dois países.

Segundo Sahmir, esses objectivos foram «atingidos em termos gerais», no projecto a que o Governo israelita deu o seu «acordo de princípio.».

Reagan convencido

O presidente Ronald Reagan saudou ontem, como «um passo em frente significativo», que deveria garantir a segurança no Norte de Israel, o acordo para a retirada das forças israelitas do Líbano, ao qual Jerusalém acaba de dar o seu «acordo de princípio».

«Este acordo pode conduzir à restauração da soberania do Líbano em todo o seu território, garantindo ao mesmo tempo que o Sul do Líbano não voltará a ser utilizado como base para acções hostis contra Israel», comentou Reagan num discurso pronunciado em Phoenix.

«Graças a uma diplomacia diligente e paciente, provamos uma vez mais que negociações directas constituem o melhor meio para conseguir a paz entre Israel e os seus vizinhos», acrescentou o presidente americano, lançado já em plena campanha eleitoral.

Reagan declarou-se convencido de que «todos os que procuram a paz e a estabilidade no Líbano acolherão favoravel-

Hospitalizado em Madrid o ex-ge

O ex-general Alfonso Armada, condenado a 30 anos de cadeia por implicação na intentona golpista de 23 de Fevereiro de 1981 em Espanha, deu hoje entrada num hospital de Madrid.

Armada, que deverá ser submetido a uma intervenção cirúrgica, foi depois transportado para o hospital do serviço Geográfico do Exército, onde cumpria a condenação por delito de rebelião militar.

Ramon Hermosilla, advogado, de Armada, confirmou a transferência do seu cliente, precisando que sofria há já algum tempo de uma doença, mas que preferiu aguardar a resolução dos recursos pelo Supremo Tribunal con-

go, segundo exame para o Governo socialista

s internas no Governo parão vitória do PSOE

ernando Jauregui) — Esta noite concluíram-ã, domingo, os 25 milhões de espanhóis se edem esmagadora maioria ao Partido Socialis-ões internas no seio do Governo, relacionadas para dar a sensação de desentendimento ao

palavras de Gonzalez. De facto, sem que existisse razão aparente para justificá-lo, Moran abandonou a RFA algumas horas antes que Gonzalez fizesse uma visita ao muro de Berlim que foi particularmente mal recebida em Moscovo. Tendo em conta que, dentro de dias, Moran tem programada uma visita oficial a Moscovo poder-se-ão compreender algumas das razões da irritação do ministro dos Exteriores Espanhol.

A declaração de Gonzalez, reiterada na quinta-feira à chegada ao Aeroporto de Barajas, é interpretada como uma «mão estendida» a Washington, antes da viagem oficial que Felipe Gonzalez fará no próximo mês aos Estados Unidos, para se encontrar com Reagan.

Onda socialista para domingo

Seja como for, a polémica sobre a política externa terá pouca importância nas votações de domingo, num país tradicionalmente submerso por problemas internos. Tudo faz pensar que a participação será grande, e que os socialistas ganharão as Presidências das principais cidades espanholas, como Madrid, Barcelona, Valencia, Sevilha... apenas no País Basco se poderá registar um novo triunfo do Partido Nacionalista Basco. Igualmente o PSOE ganhará a maioria dos Parlamentos Regionais onde amanhã se realizarão votações, treze no total. Ou seja, a totalidade das regiões espanholas excepto no País Basco, Catalunha, Galiza e Andaluzia, onde estas eleições já se realizaram anteriormente.

No que se refere à oposição, as sondagens indicam que o partido de Manuel Fraga, Aliança Pòpular e os seus coligados (o democrata-cristão, Partido Democrata Popular e a minúscula União Liberal) sofrerão um ligeiro recuo em relação as eleições gerais do passado dia 28 de Outubro. Este facto abrirá uma dinâmica imprevisível, tanto no seio da coligação como no interior dos partidos que a compõem, e ninguém excluiu a hipótese da renúncia de Fraga a não muito curto prazo.

O Partido Comunista agora «na mão» do jovem Gerardo Iglesias não acusará, segundo as sondagens, as disputas internas e crescerá ligeiramente, menos em zonas como a Andaluzia e Catalunha. No que se refere aos pequenos partidos centristas, tudo vaticina o seu «afundamento».

Alguns partidos nacionalistas localizados, como os bascos, os catalães, algum galego e outro aragonês, experimentarão, mesmo assim, resultados aceitáveis.

Senadores aprovaram planos da CIA contra a Nicarágua

A comissao dos assuntos de espionagem do Senado norte-americano aprovou ontem por «esmagadora maioria» as actividades clandestinas anti-sandinistas da CIA na Nicarágua.

A decisão surgiu três dias depois de a comissão para os assuntos de espionagem da Câmara dos Representantes aprovar, por nove votos a favor e cinco contra, uma resolução ordenando que a administração suspendesse de forma total o financiamento das forças contra-revolucionárias.

A resolução da comissão do Senado permite que o presidente Ronald Reagan continue a autorizar o financiamento das actividades da agência central de espionagem contra o governo de Manágua, pelo menos até finais de Setembro, quando termina o presente ano fiscal.

A comissão permite deste modo que Reagan realize a sua política e objectivos na região centro–americana antes de Setembro. Nessa altura, os senadores decidirão – com base numa «informação» do presidente – se permitirão a concessão de mais fundos aos anti-sandinistas.

O velho senador sulista e racista Barry Golwater deu uma inesperada conferência de Imprensa, onde revelou que «só um ou dois dos senadores foram contra a proposta de Reagan».

Goldwater foi mais longe: «Queremos que o presidente nos diga, de maneira simples, o que devemos fazer em relação à Nicarágua e a outros países ea região».

A opinião do deputado Michael Barnes

«Se dedicássemos um por cento dos 150 milhões de contos (em moeda portuguesa) ao desenpolvimento das Caraíbas e da América Central todos os problemas de «segurança» da região desapareceriam», disse o democrata Michael Barnes pelo Estado de Maryland.

Continuou Barnes: «Esta é a melhor forma de defender os nossos interesses, e o presidente Reagan deveria apresentar ao Congresso um programa de desenvolvimento de todos os países da região que se encontram numa situação económica desesperada».

Para Michael Barnes, «os verdadeiros inimigos da região, não são os soviéticos, mas a pobreza, a falta de recursos, a deterioração do comércio e das exportações, as oligarquias e instituições políticas inadequadas».

Conselho de Segurança da ONU

O Conselho de Segurança da ONU promoveu ontem consultas sobre a solicitação da Nicarágua para uma reunião de urgência.

Fontes diplomáticas indicaram que as dificuldades se centram na exigência da Nicarágua quanto a um projecto de resolução para a situação do país, ao que os Estados Unidos se opõem.

Pastora proclama vitórias

As unidades militares da denominada Aliança Revolucionária Democrática (ARDE), comandada pelo ex-comandante Eden Pastora, penetraram hoje 45 quilómetros em solo da Nicarágua informaram fontes daquele dito movimento.

Círculos próximos do sector militar da «ARDE» asseguraram que dispõem já no interior da Nicarágua de uma força composta por mais de dois mil homens que avança até ao norte. Manágua tem ignorado estas provocações.

sim"

cto

acordo

ic Shamir

mente a decisão (de princípio) do gabinete israelita e associar-se-ão aos esforços para um mais largo apoio» à resolução da «crise libanesa».

«Hoje, disse ainda Reagan, passámos um limiar importante na via da Paz. Reagan, a concluir e sem se esquecer de ninguém, prestou homenagem ao primeiro-ministro israelita, Begin, e ao seu Governo, ao presidente libanês, Amin Gemayel, e à direcção libanesa, ao seu enviado especial ao Médio Oriente, Philip Habib, e ao secretário de Estado, George Shultz.

Israel dividido

O projecto de acordo entre Israel e o Líbano proposto pelo secretário de Estado norte-americano é «mais um tratado com os Estados Unidos do que com Beirute» – comentaram alguns ministros israelitas.

A citação feita por Rádio Jerusalém refere ainda que as divisões entre os membros do Governo de Israel poderão conduzir a que Begin impeça «novos esclarecimentos», especialmente sobre o estatuto do major renegado libanês, Saad Hadad. Isso obrigou George Shultz a «uma corrida contra-relógio». O secretário de Estado foi ontem à capital da Jordânia, está hoje na capital da Síria e deverá estar amanhã em Paris para uma reunião da NATO.

eneral Armada

tra a sentença do 23 de Fevereiro.

Armada, que foi condenado inicialmente por um tribunal militar a seis anos de cadeia pela sua participação na intentona, viu aumentada a sua pena para 30 anos, ao ser considerado pelo Supremo um dos «cérebros da rebelião».

Mais de 20 mil presos na Turquia

Mais de vinte mil pessoas estão encarceradas na Turquia em prisões militares, por «delitos ideológicos» segundo um relatório do gabinete de coordenação do comando do estado de sítio de Ancara, publicado ontem.

Sete mil e duzentos desses presos, precisa o relatório, esperam transferência para prisões civis.Doze mil trezentos e sete esperam a aberura ou conclusão dos seus processos. Outros 650 estão detidos sem culpa formada por um período de 45 dias.

O último relatório desse mesmo gabinete de coordenação, publicado no mês passado, referia-se a 22 320 pessoas detidas nas prisões militares. Mais de 2000 terão sido transferidas desde então para prisões civis, ou devolvidas à liberdade.

Trinta e duas mil seiscentas e cinquenta pessoas, nota ainda o relatório, foram condenadas entre a promulgação do estado de sítio em 1978, e 31 de Março último, sendo 117 delas atingidas por pena de morte e 141 por prisão perpétua.

Vinte e quatro condenados à morte por «crimes ideológicos» e 20 condenados de direito comum foram executados desde o golpe de Estado de 12 de Fevereiro de 1980, lembramos.

O relatório acrescenta que a «esquerda e os separatistas» foram os mais atingidos pela repressão militar: 18 193 deles foram condenados, contra 4258 «de direita» e 10 209 «de ideologia não definida».

Um número de 78 250 pessoas, segundo as últimas declarações do ministro turco da «Justiça», Rifat Bayazit, estão, além disso, encarceradas em prisões civis. O número total de presos na Turquia será, portanto, de 98 407.

Bomba atómica no Brasil já não é só um sonho

Em declarações prestadas ao «Jornal do Brasil» (um dos cinco grandes matutinos do país) o director de vendas da empresa alemã Krafterk Union – KWU – engenheiro Gerold Herzog, admitiu que o Brasil está em condições de fabricar a «bomba atómica».

Na sua edição de hoje (dia 25), o «Jornal do Brasil» publica uma entrevista com Herzog, onde ele diz taxativamente que «o Brasil, no estádio em que se encontra, pode fazer a bomba atómica».

A empresa alemã KWU é a principal fornecedora de tecnologia para o programa nuclear brasileiro. O seu actual director de vendas viveu no Brasil, durante cinco anos, período em que dirigiu a Nuclen, uma susidiária da Nuclebras (a estatal brasileira responsável pela implantação do programa nuclear).

Herzog fez questão de explicar que a sua empresa não vende bombas atómicas, mas que a tecnologia na área nuclear assimilada pelos brasileiros permite a fabricação de artefactos bélicos atómicos «à hora que bem entenderem».

Na opinião do director de vendas da Kraftwerk Union, o Brasil precisaria de apenas um ano para produzir a bomba, caso a decisão política fosse tomada hoje.

As declarações de Herzog, prestadas na cidadezinha de Erlangen no interior da Alemanha Ocidental, onde está sediada a Kraftwerk Union, revive, no Brasil, uma velha discussão em torno do seu acordo nuclear.

Acredita-se que o país tenha desembolsado até agora perto de 20 mil milhões de dólares para ingressar «na era nuclear» e não conseguiu produzir nenhum killowatt de energia de origem atómica. A primeira usina nuclear brasileira, a «Angra I» comprada à empresa norte-americana «Westinghouse» está com sérios problemas de vazamento e dificilmente entrará em funcionamento este ano.

As demais fábricas compradas aos alemães ainda não foram montadas. A «Angra II» que deveria entrar em operação este ano, está com atrasos de mais de três anos e com as dificuldades financeiras do país, teve o ritmo de suas obras reduzido ao máximo.

No mesmo estágio encontram-se as demais fábricas. Os alemães, pelo acordo original, entregariam oito fábricas nucleares até ao final da década de 90. Estão construindo «Angra II» e «Angra III» e as outras ainda não saíram do papel.

Cinco anos depois do famoso acordo germano-brasileiro para fornecimento de tecnologia nuclear ter sido firmado pelo então presidente-general Ernesto Geisel, descobriu-se que há abundância de energia eléctrica de origem hídrica, no país. Aliás, há excesso de energia eléctrica, já que os grandes centros como o Rio e São Paulo não estão conseguindo consumir o que está sendo produzido pelas hidroeléctricas do Centro-Sul.

Diante de tais factos impõe-se uma pergunta: por que é que o Brasil se lançou num programa nuclear tão dispendioso e de difícil execução? Os actuais responsáveis pela execução do programa têm a resposta na ponta da língua: «Para não ficar eternamente atrasado em relação à tecnologia nuclear.»

Evitam qualquer insinuação que possa ter conotações militares. Mas não conseguem esconder que os militares, principalmente os ligados à marinha de guerra, foram os que mais estimularam a assinatura do acordo com os alemães.

Junto dos órgãos de segurança nacional, os oficiais da marinha vinham alertando há muitos anos, para o facto da Argentina já estar mais avançada que o Brasil na construção de usinas atómicas e por conseguinte estar mais próxima da fabricação da bomba.

O Brasil também não é signatário do tratado de não proliferação de armas nucleares, o que vem levantando suspeitas sobre as suas intenções em relação ao programa de construçao de suas centrais atómicas. Muito embora as autoridades federais se tenham esforçado por convencer que «as centrais foram compradas única e exclusivamente com objectivos pacíficos».

Os estrategos, contudo, acham que é importante para o Brasil «ter ou dar a ideia de que já sabe fazer a bomba», para com isso conseguir um certo equilíbrio de forças junto das nações desenvolvidas e junto dos seus vizinhos na América do Sul.

Aliás, por causa disso, sofreu muita pressão por parte dos norte-americanos, principalmente no governo do ex-presidente Jimmy Carter que nunca viu com bons olhos o facto do Brasil estar aumentando os seus conhecimentos nucleares, através do acordo firmado com os alemães.

Os diplomatas norte-americanos chegaram, inclusive, a questionar junto ao governo alemão para que o acordo não fosse firmado. E, uma das razões que levou o Brasil a romper um tradicional acordo militar com os Estados Unidos que vinha desde a Segunda Guerra Mundial, estava ligada às pressões que os norte-americanos faziam contra o acordo nuclear.

As repercussões das palavras do director de vendas da KWU deverão limitar-se ao plano militar, pois como afirmou o porta-voz da presidência da república, Carlos Atila, «o Brasil está preocupado e com a bomba financeira que poderá explodir a qualquer momento».

Arnaldo César/IPS

No primeiro trimestre deste ano

Estrangeiros investiram em Espanha 35 milhões de contos

Os investimentos estrangeiros directos em Espanha autorizados durante o primeiro trimestre deste ano atingiram 43 mil milhões de pesetas, 35 milhões de contos, informaram ontem fontes do Ministério da Economia.

Durante este período, verificou-se um aumento de 46,7 por cento em relação ao mesmo período do ano passado.

Fontes oficiais do Ministério espanhol da Economia e Comércio disseram que «estes números significam uma perspectiva positiva quanto ao movimento de investimentos em Espanha», se bem que não se verifique o mesmo aumento em dólares, em virtude da desvalorização da peseta.

Em 1982, indicam os dados globais agora divulgados, os investimentos directos atingiram 182 milmilhões de pesetas, perto de 150 milhões de contos, o que equivale a um aumento de 132 por cento em relação a 1981.

Por sectores, os principais investimentos estrangeiros em Espanha verificaram-se em indústrias transformadoras de metais e mantiveram-se na mesma percentagem em instituições financeiras.

Durante o ano passado, os Estados Unidos, situaram-se em primeiro lugar, com a Alemanha Federal, Grã-Bretanha e França a seguir.

Em 1982, Portugal investiu em Espanha apenas 26 milhões de pesetas, perto de 20 mil contos, o que equivale a 0,01 por cento do total dos investimentos realizados em Espanha por países estrangeiros.

Nos números referidos, apenas se incluem os investimentos directos que necessitam de autorização e correspondem aos realizados em empresas em que 50 por cento do capital é estrangeiro.

Conferência económica na Madeira

Cavaco Silva defendeu maior desvalorização deslizante

O presidente do Conselho Nacional do Plano, Cavaco Silva afirmou ontem que o desequilíbrio da balança de pagamentos atinge tal dimensão que não faz sentido falar, nos próximos tempos, de redução do desemprego, ou crescimento económico.

Num discurso que proferiu na fase final de uma conferência económica promovida pela Caixa Económica do Funchal, Cavaco Silva traçou um programa completo de actuações que caberão a um próximo Governo e defendem uma via para sair da crise sem «dor excessiva».

Assentando as suas propostas numa linha de concertação social, que deverá constituir uma das mais urgentes prioridades do próximo Governo, Cavaco Silva expôs medidas para o aumento dos ganhos de divisas, fomento e distribuição da poupança, redução do défice público e controlo da inflação, com concertação social.

No campo da obtenção de maiores ganhos de divisas, Cavaco Silva afirmou não ser possível prosseguir no «erro de manter uma taxa de depreciação mensal do escudo inferior ao deferencial de inflação relativamente ao exterior».

Se isso acontecer, tornar-se-à necessário «recorrer a desvalorizações pontuais, o que não deixaria de afectar negativamente a credibilidade económica portuguesa» — disse.

Considerou também urgente uma política coerente de desenvolvimento do sector agrícola, de forma a reduzir as importações de alimentos, que constituiram no ano passado, 20 por cento do défice comercial.

Cavaco Silva considerou que para fomentar o aumento das poupanças «o nível das taxas de juro dos depósitos deverá ser positivo em termos reais».

Esse nível constitui também «condição indispensável para evitar a fuga de capitais, através das receitas do turismo, das remessas dos emigrantes, da subfacturação das exportações e da sobrefacturação das importações» — acrescentou.

Cavaco Silva defendeu «o reexame dos esquemas dos incentivos fiscais e financeiros em vigor, principalmente dos esquemas de bonificação das taxas de juro e consequente suspensão de todos aqueles cuja lógica não seja coerente com a gravidade da situação da balança de pagamentos».

Afirmou mesmo que de acordo com uma análise de custo de benefício é muito provável que «apenas se justifique a manutenção dos incentivos a habitação, a exportação e a agricultura e talvez com aumento do grau de selectividade.

Contra tecto salarial

Do ponto de vista institucional, considerou inteiramente errado o estabelecimento de um tecto salarial por decreto, uma vez que a percentagem estabelecida se torna imediatamente «um limite mínimo para as reivindicações dos sindicatos», afirmndo que o próximo Governo deveria estabelecer imediatamente depois da posse uma pausa de dois ou três meses ao aumento de preços e salários, quer pelas organizações patronais, quer pelo Governo, que sirva de plataforma comum na discussão entre eles».

Tal órgão poderia ser o conselho nacional do plano, desde que passasse a dispor dos serviços de uma equipa de «peritos económicos de indiscutível competência a quem seria cometida a realização de análises periódicas da economia portuguesa»

Zonas francas na Madeira

A criação de uma zona de «offshore banking» e de zonas francas comerciais e industriais na Madeira, foi ontem defendida pelo secretário-geral da Associação Comercial e Industrial do Funchal, como fundamental para o lançamento de «uma política de desenvolvimento sustentado da economia regional». Francisco Costa, que falava numa conferência económica realizada no Funchal, afirmou que a adesão à CEE não constituia um objectivo incompatível com aquele projecto, apontando diversos casos em que as zonas francas e o «off-shore» bancário funcionam no quadro do direito comunitário.

O «off-shore banking» representa um tipo de actividade bancária em que é possível a actuação nos mercados financeiros internacionais, de instituições com sede num determinado país, sem todavia estarem sujeitas à legislação bancária do mesmo. Os dois principais centros desta actividade localizam-se em Londres e no Luxemburgo, adiantou Francisco Costa, em total consonância com as directivas da CEE.

A propósito das zonas francas (já em fase de lançamento na Madeira) o orador considerou-as todavia um «recurso a medidas menos ortodoxas, se bem que já testadas noutros países e regiões».

No que respeita ao comércio, a zona franca representa uma área claramente demarcada, e com acesso controlado a partir do restante território, em que as mercadorias podem entrar e sair livremente, sendo possível a sua aquisição, no local, com isenção de taxas alfandegárias. O interesse fundamental da sua criação consiste no estímulo do comércio e do turismo.

Quanto à zona franca industril, o objectivo seria a implantação de indústrias exportadoras na área respectiva. Considerando os custos financeiros exigidos pela criação dos polos de crescimento industrial das zonas francas, Francisco Costa defendeu a necessidade de implementar tal projecto em ligação com «entidades de reconhecido prestígio nas comunidades financeiras e empresariais internacionais».

Com João Salgueiro à cabeça

Reuniões em Paris mobilizam ampla delegação governamental

João Salgueiro, ministro das Finanças e do Plano, chefiará a delegação portuguesa que na próxima segunda-feira participa em Paris na reunião do Conselho Ministerial da OCDE. Colette Flesch, vice-presidente do Governo luxemburguês, presidirá à sessão, que será seguida de uma conferência de Imprensa, de Emile Van Lennep, secretário-geral da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico.

A delegação portuguesa à reunião incluirá igualmente Paulo Marques, secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Pedro Roseta, chefe da missão de Portugal junto da OCDE, Fernando Melo Antunes, director-geral do Departahento de Planeamento do Ministério das Finanças, Fernando Ulrich, chefe de gabinete do ministro do Plano, Fernando Pereira, chefe de gabinete do secretário de Estado dos Negócios Estrangeiros, Queiroz de Barros, chefe de repartição dos organismos internacionais e ainda Ângela Vilela e diversos funcionários da nossa missão em Paris.

Mais modesto em acompanhamentos é o secretário de Estado da Energia, Carvalho Carreira, que se desloca igualmente a Paris acompanhado apenas de dois altos funcionários da sua Secretaria de Estado: Lucas da Cruz e Sidónio Pais. Objectivo: participar na reunião ministerial da Agência Internacional de Energia que se realizará amanhã e depois na capital francesa.

Ministro do Plano brasileiro propos nacionalização dos bancos

Um projecto de lei de nacionalização de todos os bancos nacionais e estrangeiros do Brasil, inspirado no modelo mexicano, vai ser apresentado pelo Partido Democrata Social, no poder, anunciou ontem o jornal «O Estado de São Paulo».

Esta medida destina-se antes do mais a fazer baixar as taxas de juro muito elevadas, indica o jornal.

Foi o ministro do Plano, António Delfim Neto, que propôs esta nacionalização, declarou um deputado do PSD, Nilson Gibson.

Segundo a Imprensa alemã federal

Franco vai desvalorizar de novo

«A próxima desvalorização do franco francês está em gestação», escreveu ontem o «Frankfurter Allgemeine Zeitung» (FAZ), jornal dos homens de negócios de Francoforte, citando meios especializados.

O jornal considera assim que a cotação do marco deverá continuar a progredir nas próximas semanas. Esta evolução é previsível, afirma, por causa do aumento do défice da balança de pagamentos de França, do aumento dos encargos da dívida externa francesa e das grandes diferenças de taxas de inflação entre a França e a RFA.

Por seu turno o «Sueddeutsche Zeitung» de Munique sublinha que mês e meio depois da terceira desvalorização do franco em dois anos, o período de tréguas concedido à divisa francesa parece terminado.

TAAG vai adquirir novos aviões

As linhas aéreas angolanas TAAG vão adquirir a médio prazo um avião para as suas carreiras internacionais.

O director da TAAG, tenente--coronel Filomeno de Sá (Dibala) revelou que o projecto será apresentado ainda este mês ao Conselho de Ministros.

A comissão técnica da TAAG estuda presentemente a capacidade operacional de vários aparelhos, economia de combustível, capacidade de carga, e passageiros. Entre os aviões em análise, contam-se o Tristar, o Boeing-767 e o Airbus A-310.

A companhia de aviação da RPA, especificou Dibala, vê-se obrigada a adquirir um destes aviões para fazer face à concorrência nas linhas internacionais.

Sindicato dos Trabalhadores da Indústria de Carnes

dos Distritos de Setúbal e Santarém

Praça 1.º de Maio, 20 — Telef. 231 04 60

2870 MONTIJO

CONVOCATÓRIA N.º 0264

Nos termos do artigo 32.º dos estatutos, para exercer as atribuições previstas nas alíneas b) e c) do artigo 31.º, convoco a assembleia geral ordinária a reunir na sede do sindicato, Praça 1.º de Maio, 20-Montijo, no dia 14 de Maio de 1983, pelas 15 horas, com a seguinte

ORDEM DE TRABALHOS

1 — *Apreciação e deliberação sobre o orçamento apresentado pela direcção para o ano de 1983.*
2 — *Aprovação do relatório e contas da direcção de 1982.*
3 — *Diversos.*

O PRESIDENTE DA ASSEMBLEIA GERAL

JOSÉ MARIA DE JESUS

9.MAIO 21H00

NO TEATRO VILLARET

SESSÃO COMEMORATIVA DO 38.º ANIVERSÁRIO DA VITÓRIA SOBRE O NAZI-FASCISMO

Oradores: Almirante Rosa Coutinho
Pastor Dimas de Almeida
Urbano Tavares Rodrigues
José Maria do Rosário

No final da sessão será projectado o filme:
«Feito de todo um Povo»
com imagens da época.

Organização:
URAP (União de Resistentes Antifascistas Portugueses)
CPPC (Comité Português para a Paz e Cooperação)
MDM (Movimento Democrático das Mulheres)
Associação Portugal URSS

VISITE A CHECOSLOVÁQUIA

AGOSTO — 6 a 18
Praga, Medlov, Lidice.
Todas as despesas incluídas.
Visitas sociais e programa cult.

INSCRIÇÕES E INFORMAÇÕES NA:

ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-CHECOSLOVÁQUIA
RUA ARTILHARIA UM, 105-4.º – TEL. 68 85 87 – LISBOA
EM COLABORAÇÃO COM A AG. MUNDIRAMA

Na NAZARÉ o Diário de Lisboa
vende-se na TABACARIA BAIA

Greve de zelo na CP começa na segunda-feira

— *anuncia o Sindicato dos Maquinistas*

A partir das zero horas do próximo dia 9, sefunda-feira, tem início a greve de zelo convocada pelo Sindicato dos Maquinistas da CP que, de acordo com um documento sindical, visa a reintegração dos despedidos pelo Ministério dos Transportes na sequência do não acatamento da requisião civil decretada quando se registou a greve de seis dias, da chamada Frente de Sindicatos Independentes e Democráticos.

Esta greve,que foi anunciada há dias e tem sido sucessivamente adiada, de acordo com o comunicado sindical, traduzir-se-á nas seguintes posições: «Recusa a todo e qualquer trabalho extraordinário, para além da hora prevista de saída, por escala de serviço em vigor: nos casos em que a escala de serviço preveja um período de trabalho superior a 11 horas, todo o trabalhador recusa prosseguir o trabalho para além da 11.ª hora; recusa terminante à falta de repouso mínimo obrigatório (14 h. na sede, 9 h., fora da sede e 12 h., ligado aos descansos; recusa terminante a todo e qualquer trabalho em dia de descanso semanal, previsto ou não por escala de serviço.»

A concretizar-se esta forma de luta, provocará alguns atrasos nos comboios, que a gerência da CP, segundo afirmou há dias, procurará minimizar através de reduções de serviços. Essas reduções – de acordo com o porta-voz da empresa – «incidirão sobre os comboios de menor utilização e períodos menos sobrecarregados, designadamente nos fins-de-semana».

Funcionários da Faculdade de Direito

Dois mil estudantes lisboetas de Direito vão ser afectados por uma greve de funcionários daquela Faculdade – informou uma estrutura representativa dos trabalhadores.

A paralisação atingirá, a partir de terça-feira, os alunos dos curso da noite da Faculdade de Direito de Lisboa, obedecendo à reivindicação do pagamento do subsídio de trabalho nocturno (25 por cento), alegadamente em atraso há quatro meses.

Os funcionários tencionam suspender a sua actividade todos os dias às 20 horas, ou seja, no preciso momento em que a remuneração do trabalho começa a beneficiar daquele subsidio, até ao pagamento das importâncias em dívida.

Um porta-voz dos trabalhadores atribuiu a responsabilidade da situação aos serviços de contabilidade da reitoria da Cidade Universitária.

Estaleiros do Mondego acusados de "cortar" direitos aos trabalhadores

O Sindicato dos Metalúrgicos de Coimbra acusa a administração dos estaleiros navais do Mondego de «cortar» direitos constitucionais aos trabalhadores, ao decidir aumentar o salário de alguns, enquanto a outros, «que têm lutado firmemente pelo CCTV e que têm aderido às greves, lhes foi negado o aumento salarial, apesar das suas aptidões profissionais».

«Esta atitude «revanchista» e «à boa maneira fascista», concretizada «pela mão do sr. Nuno Nascimento» – diz o Sindicato – é tanto mais grave se tivermos em conta que no número de trabalhadores marginalizados se encotram os delegados e dirigentes sindicais da empresa e um candidato à Assembleia da República nas eleições do último 25 de Abril».

O comunicado emitido pelo Sindicato dos Metalúrgicos de Coimbra afirma ainda que não é com atitudes destas que se consegue «a tão falada paz social» e que não é com esta «escandalosa medida que o sr. Nuno Nascimento conseguirá a estabilização social da empres».

O Sindicato termina afirmando que «por estes trabalhadores agora marginalizados pode o sr. administrador delegado ficar convicto de que não são os dois mil escudos nem qualquer dinheiro que nos farão deixar de lutar pelos nossos legítimos direitos e interesses e passar a lamber as botas ao patronato».

Pessoal doméstico elege amanhã dirigentes sindicais

Realizam-se amanhã, domingo, as eleições para a direcção do Sindicato Nacional do Serviço Doméstico de âmbito nacional. Concorre uma lista única, proposta pela actual direcção e que se apresenta com um programa renovado.

A lista concorrente, segundo um comunicado emitido pela USL, procurará «no essencial cumprir as ionclusões do Encontro Nacional do Serviço Doméstico» recentemente realizado, «pelo que teve de dinâmico e inovador».

Em Lisboa e Porto as eleições decorrem entre as nove e as 20 horas, enquanto nas restantes delegações a votação dá-se entre as 13 e as 19 horas. Em Lisboa as trabalhadoras do serviço doméstico votaram na sede do sindicato (Rua de S. Bento 37). No Porto, na sua delegação, na Rua do Bonardim, 428-3.°.

Nas restantes delegações as votações iniciam-se às 13 horas e concluem às 19 horas na Rua Comandante Rocha e Cunha 104-1.° Aveiro; na Avenida 5 de Outubro, 121-1.° em Setúbal; na Rua Gabriel Victor Dumont Pereira, 1 em Évora; na Praça Diogo Fernandes, n.°9 r/c dt.° em Beja; na Avenida Gago Coutinho, 63, Montemor-o-Novo; Quinta do Amparo, em Portimão; na Rua Comendador Vilarinho, 20 em Silves; na Mouzinho de Albuquerque, 35 em Torres Novas e finalmente na Rua dos Ferreiros 151-3.° no Funchal.

ORT's da Setenave repudiam afirmações de Mário Soares

Os órgãos representativos dos trabalhadores da Setenave «repudiam energicamente» as afirmações produzidas na quinta-feira por Mário Soares, no programa «Primeira Página», da RTP, que considera caluniosas, bem como o seu «aproveitamento irresponsável» deste órgão de comunicação social.

O documento emitido pelas ORT's esclarece que a Comissão Intersindical da Setenave «naõ fez pacto algum nem aceitou qualquer redução de salários». E acrescenta que «antes assumiram os trabalhadores uma posição patriótica, lutando contra a tentativa de destruição da sua empresa, levada a cabo pelo Governo PPD/CDS.

As ORT's terminam afirmando que «os trabalhadores estão já habituados às tiradas demagógicas e mentirosas do dr. Mário Soares», e como tal, «não estranham esta sua atitude».

Recorde-se que Mário Soares tinha apontado, nas suas declarações televisivas, o caso da luta dos trabalhadores da Setenave como um exemplo do «Pacto Social»

Referendo suspenso na Carris

Sindicatos da UGT concluem que o Governo "não está interessado em resolver o problema"

Os sindicatos UGT da Carris decidiram suspender o referendo marcado para o próximo dia 10 até a empresa confirmar a proposta feita no dia 27 de Abril – afirmou um dirigente sindical.

O porta-voz sindical precisou que a administração apresentou no dia 27 de Abril aos sindicatos da UGT da empresa uma proposta de aumentos salariais de 17 por cento, com vigência de Janeiro a Dezembro e a subida do prémio de produtividade de 40 para 50 escudos diários.

Os sindicatos da UGT resolveram submeter a aceitação desta proposta a referendo a efectuar na terça-feira entre os trabalhadores.

O acordo seria subscrito se obtivesse dois terços de votos favoráveis no referendo e se a administração se comprometesse a reabrir o processo, caso se verificassem aumentos superiores nalguma empresa do sector.

O dirigente sindical revelou que a administração deu na terça-feira conhecimento aos sindicatos de uma decisão do Ministério dos Transportes de não aceitar o prémio de produtividade e apenas garantir os 17 por cento de aumento salarial.

Face a essa posição os sindicatos da UGT «consideram que houve um recuo na posição do Governo, em que fica nítido que o executivo não está interessado em resolver o problema da Carris, demonstrando irresponsabilidade total».

Posição Festru

Relativamente a este referendo, a Federação dos Sindicatos dos Transportes Rodoviários e Urbanos (Festru) afirmou ontem que se tratava de «uma estranha forma de uma organização, que se diz sindical, consultar os trabalhadores» porque, na sua opinião, isso revelava «a incapacidade da UGT para se abeirar dos trabalhadores e continuar a luta pela defesa dos seus interesses».

Ocomunicado emitido pela Festru diz nomeadamente o seguinte:

«Sabido que a UGT já promoveu algumas greves contra esta mesma proposta da CA, forçoso éconcluir que o recurso a referendo, após o acto eleitoral de 25 de Abril, revela uma nova táctica da UGT no sentido de impôr aôs trabalhadores a aceitação daquela proposta, porquanto nenhuma outra alternativa lhes é apresentada... A menos que a UGT pense que a proposta julgada insuficiente antes daseleições, já é satisfatória após o conheciemento dos resultados eleitorais.»

Diz ainda a Frestu que a proposta da CA da Carris não é de 17 por cento, «conforme se diz falaciosamente». Trata-se, com efeito de «um aumento de 17 por cento na tabela salarial e de 40 para 50 escudos no prémio de produtividade» o que se traduz por «um aumento de apenas 15 por cento no global». Estes valores, conclui o documento, estão «longe de constituir base mínima para a resposição do poder de compra dos trabalhadores».

Salários em atraso na J. Pimenta levam trabalhadores à greve

Os trabalhadores da frente de trabalho de Monte Abraão (Queluz) da Empreendimentos Urbanos e Turismo paralisam duas horas diárias de 9 a 11 do corrente mês – anunciou o Sindicato da Construção Civil de Lisboa.

Em comunicado, o sindicato acrescenta que os trabalhadores de Queluz da Empreendimentos Urbanos e Turismo, cujo presidente da administração é João Pimenta, decidiram em plenário entrar em greve «em defesa dos seus direitos desrespeitados pela entidade patronal» nomeadamente pelo pagamento do décimo terceiro mês de 1982 e os salários em atraso de Fevereiro, Março e Abril.

Acrescenta que o agravamento da luta se deve à «escusa da administração ao cumprimento das suas obrigações legais, obrigações estas mais vinculativas em consequência dos empréstimos atribuídos à empresa pelo gabinete de gestão do Fundo de Desemprego de cerca de 386 mil contos e do contrato de viabilização de cerca de 500 mil contos».

O sindicato salienta que os empréstimos e o contrato de viabilização «obrigam os beneficiados à manutenção dos postos de trabalho e ao pagamento atempado dos salários aos trabalhadores».

«A administração dos Empreen-dimentos Urbanos e Turismo, contando com a complacência dos actuais governantes, viola os compromissos assumidos» – afirma o sindicato, acrescentan-do que «os trabalhadores do Monte Abrãao decidiram assumir a única posição de acordo com a sua dignidade e os «de outras frentes de trabalho igualmente vítimas de idênticas ilegalidades e de um mesmo ambiente repressivo não tardarão a seguir-lhes o exemplo e a tomar a posição firme exigida pela defesa dos seus interesses e direitos».

J. Pimenta desmente

O presidente do conselho de administraçât da empresa Empreendimentos Urbanos e Turismo, João Pimenta afirmou que «nas empresas J. Pimenta ão há greve nenhuma marcada».

Declarou que «não são verdadeiras as acusações feitas pelo Sindicato da Construção Civil de Lisboa porque os valores recebidos foram aplicadts nos pagamentos aos trabalhadores e «não são verdadeiras as verbas mencionadas, tanto do Fundo de Desemprego como do contrato de viabilização».

«O conselho de administração distribuiu as verbas em pagamentos aos trabalhadores e aos fornecedores» – precisou.

João Pimenta considera que a situação actual «advém do período de intervenção do Estado «com um prejuízo no valor apurado superior a três milhões de contos, do qual estão postas as competentes acções contra o Estado».

O presidente da administração de Empreendimentos Urbanos e Turismo afirmou que «existem alguns salários em atraso que irão ser pagos no princípio da próxima semana».

O motivo da situação desta e de outras empresas – disse João Pimenta – é «o agravamento da situação económica do país, o aumento dos juros para a compra de habitação, a falta de empreitadas de obras públicas, a falta de recebimento de obras públicas particulares».

Salientou que os empresários do sector têm de programar a sua actividade de acordo com o programa do Governo e não poderão cumprir quando não sejam cumpridas as promessas feitas nos programas governamentais».

João Pimenta declarou que «o ambiente repressivo, se existiu, foi durante a intervenção estatal» e que «nas empresas que administra nunca houve nem haverá repressão».

Regime militar turco espezinha direitos sindicais

O regime militar turco promulgou um conjunto de «leis sindicais» que traz grandes restrições aos direitos das futuras centrais turcas, soube-se de fonte oficial em Ankara.

Essas leis regem nomeadamente as negociações de convenções colectivas e limitam consideravelmente o direito ã greve.

A «lei sobre os sindicatos» prevê que «os empregados e os operários não poderão criar sindicatos salvo em 28 grandes sectores da actividade agrícola e industrial do País». Um sindicato para ser reconhecido, deverá pelo menos recolher 10 por cento de adesões entre os empregados do sector a que respeite, estipula ainda o texto.

Os funcionários e empregados dos serviços públicos como a electricidade, a água, a indústria petrolífera, os bancos, os cartórios notariais, as comunicações e os transportes não poderão ser sindicalizados. Nenhum sindicato, precisa a lei, pode ter actividades políticas ou contactos com partidos.

A lei «sobre a regulamentação do direito de greve» prevê além disso que o conselho de ministros «possa retardar qualquer greve durante 60 dias por razões de segurança ou relacionadas com a ordem pública» e proíbe« qualquer greve geral de solidarieade ou política».

A última parte deste conjunto de leis, consagrada às convenções colectivas, prevê que as negociações entre patrões e empregados não possam ser empreendidas salvo quando os membros do sindicato pedirem por maioria absoluta uma revisão da convenção existente. O ministro do Trabalho será a única instância habilitada a conceder a um sindicato o direito de encetar negociações para a assinatura de uma convenção colectiva.

A lei prevê, por último, que os antigos sindicatos turcos – dos quais todos, com excepção de um, foram proibidos ou dissolvidos no dia seguinte ao golpe de Estado de 12 de Setembro de 1980 – contra os quais foram abertas acções de justiça, não poderão retomar as suas actividades «salvo se os tibunais pronunciarem a sua absolvição». A grande central de esquerda «Disk», animada por comunistas, é alvo de procedimentos judiciais.

A preparação destas leis havia sido anunciada em 29 de Abril pelo chefe de Estado, general Kenan Evren. Este último precisou, ao anunciar a realização de eleições gerais em 6 de Novembro próximo, que os militares no Poder haviam decidido manter o controlo das actividades políticas no país.

DESPORTO

Karatecas portugueses nos campeonatos europeus

Uma selecção portuguesa de *karate* vai disputar, pela primeira vez, os campeonatos da Europa da modalidade, que este ano decorrerão em Madrid, entre 12 e 15 do corrente, no Pavilhão Polidesportivo Mandariños.

Os nossos caratecas, que pertencem às associações «Do Portugal» (15 elementos), «Wado-Ruy» (4), Smotokan (4) e «Amilcalle» (3), foram seleccionadas pelo treinador Elmano Jorge Caleira (também capitão da equipa) e partem amanhã,pelas 18.30, para a capital espanhola.

Nesta competição participarão praticamente todos os países europeus, com a excepção da Albânia. Trata-se da 18.ª edição destes campeonatos. (Na foto, alguns elementos do seleccionado numa fase de treinamento).

"Espião" do Anderlecht no Benfica-Alcobaça

Uma fonte do Anderlecht revelou, em Bruxelas, que o treinador-adjunto do clube, Martin Lippens, desloca-se a Portugal para observar o Benfica - Alcobaça, na Luz, para o «Nacional» de Futebol da Primeira Divisão.

A mesma fonte acrescentou que Lippens preferiu observar o jogo do Benfica contra o Alcobaça, por se tratar do encontro mais próximo do dia 18 (segunda mão da final da Taça UEFA).

Esta será a primeira observação que os responsáveis do Anderlecht fazem de um jogo do Benfica na Luz, a contar para o campeonato.

Depois do jogo ... roubo no estádio

Um milhão de francos (cerca de dois mil contos) foi roubado, na quinta-feira, ao fim da tarde, no Estádio Heysel, em Bruxelas, a um tesoureiro do Anderlecht – revelou uma fonte daquele clube.

O dinheiro, receita do bar, no dia do encontro entre o Anderlecht e o Benfica, era transportado, ainda no Estádio de Heysel, pelo tesoureiro do clube belga, quando dois indivíduos o empurraram, tiraram-lhe a mala e fugiram num automóvel.

Mas, a receita do bar foi uma gota de água nas receitas globais do Anderlecht com este jogo da primeira mão da final da Taça UEfa-83.

Uma fonte do clube afirmou que, só na venda de ingressos, os cerca de 53 mil espectadores pagantes, deixaram nas bilheteiras qualquer coisa como 30 milhões de francos (cerca de 60 mil contos), aliás, a melhor receita de sempre para o Anderlecht.

Paul Van Himst comentou: «Depois do nosso jogo europeu de 1962, contra o Real Madrid, nunca tinha visto o Heysel tão cheio para um jogo do Anderlecht. Era impressionante...»

Da Bélgica para Milão: 90 mil contos em jogo

Eric Gerets, lateral direito do Standard de Liège, e da selecção belga de futebol, foi transferido para o Milão (Itália) pelo equivalente a 90 mil ctntos – revelaram fontes desportivas em Bruxelas.

As mesmas fontes acrescentaram que Gerets, 29 anos, representará o Milão por duas épocas.

O jogador belga beneficia de um acordo existente na CEE estabelecendo que a transferência é calculada multiplicando o salário bruto do jogador por um coeficiente, o qual tem em linha de conta a idade do jogador e o total de anos que permaneceu no clube de que sai.

O Milão que tem, ainda, em observação, o belga do Andrelecht, Ludo Coeck (que interessa, também, ao Roma), deverá dispensar o escocês Joe Jordan.

Futebol senior: meias-finais da Taça III divisão e 4 jogos da segunda

Porque amanhã se disputam as meias-finais da Taça de Portugal (Benfica-Portimonense na Luz e FC Porto-Académico de Coimbra nas Antas), o futebol sénior fica circunscrito, este fim-de-semana, à III divisão e a quatro jogos da II divisão, além dos já citados jogos para a Taça.

Na segunda divisão disputam-se três partidas na zona norte: Gil Vicente- Sanjoanense e Valdevez-Riopele (ambos em atraso) e Feirense-Lourosa (antecipado); na zona centro joa-se o Covilhã-Anadia, um encontro em atraso.

Equipas prováveis para a Taça de Portugal

Para os jogos das Antas e da Luz, pensa-se que as equipas a alinhar inicialmente sejam as seguintes:

FC Porto – Zé Beto, João Pinto, Lima Pereira, Eurico, Inácio, Frasco, Jaime Pacheco, Sousa, Walsh, Gomes e Costa.

Académico de Coimbra – Jacinto João, Tomás, Parente, José Freixo, Germano, Aquiles, Rosado, Camilo, Freitas, Camegim e Marconi.

Benfica – Bento, Pietra, Humberto Coelho, António Bastos Lopes, Álvaro, Carlos Manuel, Alves, Shéu, Chalana, Diamantino (Nené) e Filipovic (Stomberg).

Portimonense – Damas, Coelho, Amílcar, Alhinho, Rodrigues Dias (Barros), Paulo Rocha, Carlinhos, Fernando Martins, Roçadas, Norton de Matos e Raul Águas (Dario).

Desporto para deficientes

Cristina Louro, coordenadora do primeiro curso de desporto para deficientes, afirmou lamentar que muitos pais queiram «ignorar os seus filhos só porque são deficientes» e «têm vergonha de os integrar na sociedade».

«É preciso refazer a mentalidade» e olhar os problemas de frente – acrescentou aquela responsável da Associação Portuguesa de Deficientes de Paralisia Cerebral.

Referindo-se ao curso que decorre nas Pedras da Rainha, sublinhou que «não há em Portugal desporto organizado para deficientes» e que o grande objectivo da iniciativa é contribuir para a formação de técnicos portugueses, que queiram participar no desenvolvimento desse sector.

«O desporto é um dos melhores elementos de reabilitação para o deficiente de paralisia cerebral, dado que lhe permite a ocupação de tempos livres» gastos por norma em frente de uma televisão. «Sente-se mais realizado a fazer desporto, do que a gastar horas, sentado numa cadeira de rodas, frente a uma televisão» – disse.

Referindo-se à expansão da associação, disse que existem já delegações em Coimbra, Porto, Viseu, Beja, Faro e Bragança, prevendo-se a abertura de novos centros nomeadamente em Tavira e outros no Norte do País.

Mais de 30 mil portugueses estão afectados por paralisia cerebral, com maior ou menor grau, afirmou um dos participantes na sessão inaugural deste primeiro curso de desporto para deficientes.

Durante seis dias o programa do curso prevê aulas teóricas e práticas, sobre atletismo, «slalon» em cadeira de rodas, natação, hipismo e futebol em cadeiras de rodas.

Para ministrarem as aulas estão presentes vários especialistas britânicos, entre eles, Douglas Gregor, membro da CP-ISRA (Cerebral Palsy-International Sports and Recreation Association).

Seguem o curso, como observadores e consultores, diversos responsáveis pelo desporto para deficientes do Sports Council da Grã-Bretanha.

A organização conta ainda com o apoio da delegação de Faro, da Direcção-Geral dos Desportos e do Centro de Reabilitação da Caloust Gulbenkian.

A pensar no Mundial 86

Mundial de Juvenis é no México

O segundo campeonato do mundo de juvenis em futebol, que se realiza de 2 a 19 de Junho. no México, será um ensaio para o «Mundial» de profissionais – declarou um responsável da Federação Mexicana de Futebol.

Desde a cerimónia de inauguração ao encerramento, os organizadores mexicanos analisarão todos os detalhes da prova com vista a que as equipas de profissinais encontrem, no Méxiio, uma organização impecável como aliás já aconteceu uma vez.

A Federação Internacional de Futeboi (FIFA) exige a presença de 24 equipas e, no mínimo, de 12 estádios, para que o México possa ter nos seus campos, em 1986, a «fina flor» do futebol mundial.

Se bem que para o campeonato do mundo de juvenis se não aguarde grande quantidade de turistas, para o «Mundial» de 1986 o país tem de estar prparado para albergar os milhares de estrangeiros que ali se deslocarão.

Os 200 jornalistas estrangeiros, que se acreditaram já, para o mundial de juvenis, também servirão para estudo das infra-estruturas ligadas à Comunicação Social, sabendo-se, entretanto, que tal número poderá triplicar em 1986.

Quando falta menos de um mês para o início do campeonato, o presiente da Federação Mexicana de Futebol, Rafael del Castillo, e os seus mais directos colaboradores, estão igualmente a tratar, em pormenor, das instalações, nos estádios, de condignas salas para a Imprensa, Rádio e Televisão, bem como na parte que se relaciona com a instalação em hotéis e respectivos transportes para os estádios.

A sala de Imprensa central estará instalada num luxuoso hotel da capital mexicana, onde ficarão, igualmente, os dirigentes da Federação Internacional de Futebol (FIFA).

No que respeita a serviços médicos, foram instaldas salas para todas as especialidades, devidamente equipadas com o material mais moderno, estando de serviço permanente 79 médicos e 45 enfermeiros que têm como única missão estar ao serviço dos jogadores dos diferentes países concorrentes entre 26 de Maio e 21 de Junho.

Na capítulo de segurança dos respectivos cidadãos, foram cuidadosamente elaboradas fichas individuais para cada um dos concorrentes para conhecimento das autoridades policiais do governo mexicano.

Mostra todo este trabalho, feito meticulosamente, que o México está a preparar o «Mundial-86» com o maior cuidado e pormenor tendo a sorte da realização do mundial de juvenis para treinar todo o pessoal, das mais diversificadas profissões e missões, para que, em 1986, o êxito seja total.

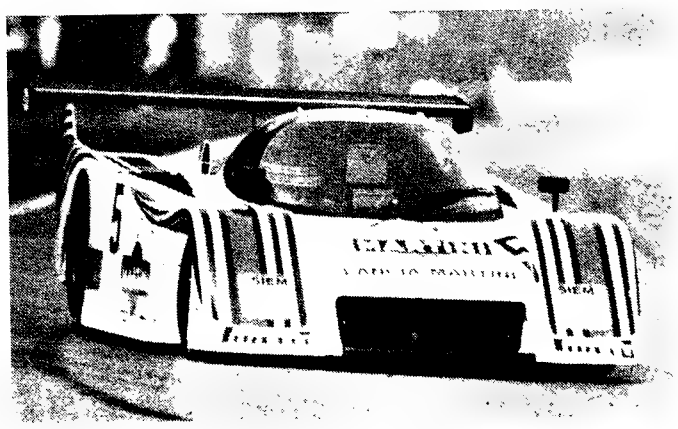
Basquetebol

Hoje "grandes" nas Taças masculinas e feminina

As equipas seniores da I divisão, estarão hoje em actividade para mais uma eliminatória da Taça de Portugal. Na prova masculina os «grandes» participam pela primeira vez (o que invalida em grande percentagem a aparição de «tomba-gigantes»). Também não haverá para uma «degola de inocentes», visto que não há competidores de escalão inferior à II divisão nacional, escalao este, aliás só, «representado» pelo Belenenses, Luso do Barreiro Desportivo de Leça e o proximo despromovido, CDUL. De resto só primeiros planos, os que adiante referiremos mais o Queluz, que ficou isento por sorteio nos oitavos-de-final. A jornada, que decorrerá hoje e amanhã, inclui alguns jogos que prometem despique bastante animado. Salientamos os jogo Luso-Ovarense e Sangalhos-Olivais.

Eis os jogos dos oitavos – hoje: sanjoanense-Coninbricense, CDUL-Barreirense, Sangalhos-Olivais, os três às 21 horas e Luso-Ovarense (17 h.). Amanhã: FC do Porto-Atlético (18 h.), Desportivo de Leça-Belenenses (15.30 h.) e Benfica-Ginásio (18.30 h.). O Queluz, em descanso, vai ser coagido a trabalhos «forçados» para defrontar o FC do Porto na eliminatória seguinte, segundo o sorteio já realizado.

Na prova feminina, a decorrer hoje nas meias-finais, o jogo Algés-CIF (no Pavilhão da Ajuda às 18.30 h.) é de vencedor muito duvidoso. E repare-se: no «nacional» há uma derrota (única) para cada equipa nos jogos que entre si disputaram, em ambos os casos por um ponto. O equilíbrio é notório. E a propósito, para quando o desafio decisivo entre ambos, na «finalíssima» para encontrar o campeão nacional? Na outra meia-final de hoje (também às 18.30 h.,na Covilhã) o desportivo Serrano não deve fazer prevalecer o factor «casa» por superior capacidade, normalmente, da equipa visitante, o Académico do Porto.



Amanhã em Silverstone

Lancia Martini e Porsche o confronto preliminar de Le Mans

Dois Lancia-Martini (Grupo C) serão os grandes adversários dos Porsche, amanhã, nos 1000km de Silverstone, segunda prova do Campeonato Mundial de Resistência.

Ricardo Patrese-Michele Alboreto e Piercarlo Ghinzani/Teo Fabi constituem as equipas que pilotarão os carros do Martini Racing neste tradicional circuito, que, em certa medida, funciona como prova de teste para a mais importante competição do calendário: as «24 Horas de Le Mans».

Pela primeira vez, a extensão da prova de Silverstone deixa de ser subordinada às seis horas, para passar a ser de 1000km, a exemplo do que acontece em toda a Europa, facto que deriva do regulamento do campeonato e das imposições criadas para o Grupo C.

Para além do duelo previsto entre a Lancia-Martini e a Porsche, estarão, também, presentes a equipa de Walter Brun com os seus novos carros e a de Aston Martin com os dois veículos construídos pela ENKA e pela Mimrod.

Sporting: digressão cancelada

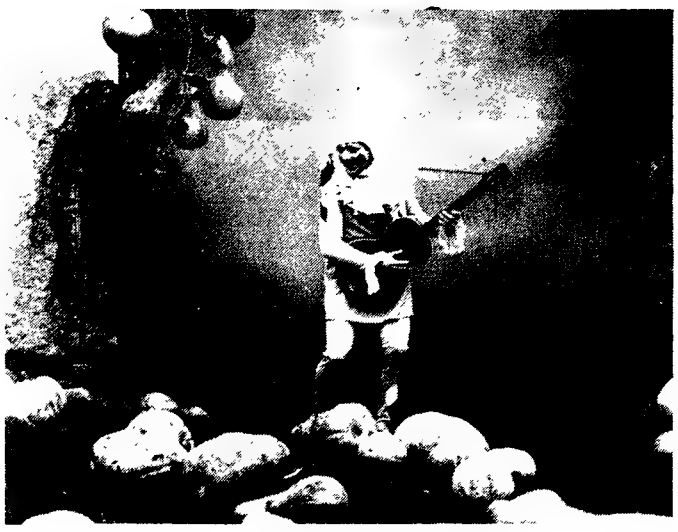
A digressão da equipa de futebol do Sporting à Suíça, prevista para a próxima semana, foi cancelada.

O cancelamento partiu do empresário suíço, alegando que as duas equipas que defrontariam a turma de Alvalade têm alguns dos seus jogadores comprometidos com a selecção suíça.

Estava previsto que a equipa leonina disputaria jogos em Zurique contra o Grasshopers, no dia 10 e em Berna contra o Young Boys, dia 12.

A digressão tinha também por objectivo proporcionar ao novo treinador de Alvalade, Venglos, oportunidade para uma melhor apreciação dos jogadores.

O informador do clube disse que para compensar esta falha os dirigentes leoninos vão tentar a realização de dois jogos em Alvalade na próxima semana. Esta tarde, o Sporting «faz» um amigável no Restelo, com o Belenenses.



Uma cena de «Ilusão», do realizador Lyudmil Staikov

Semana do Cinema Búlgaro em Lisboa

Tem início, em Lisboa, na próxima segunda-feira, uma semana de divulgação do cinema búlgaro, numa organização conjunta do Instituto Português de Cinema e da Cinemateca Portuguesa e que conta com o patrocínio da Embaixada daquele país em Portugal. Esta iniciativa enquadra-se no âmbito do acordo cultural luso-búlgaro e decorre na sequência da Mostra do Filme Português, que, em Março último, teve lugar em Sófia.

Embora escassamente difundidos pelos circuitos comerciais, os filmes de alguns cineastas búlgaros são, todavia, recordados a partir de manifestações levadas a efeito entre nós em 1975 e 1978. Como sublinha, a propósito, José de Matos-Cruz numa nota incluída no catálogo dedicado à semana, «a diversificação de géneros é, por certo, a primeira tendência do recente cinema búlgaro: através duma técnica segura e reflectindo a problemática nacional, dispõe-se a cobrir o leque de temas e facetas referenciáveis no mercado estrangeiro – tendo em vista desde logo as expectativas comerciais, quer internas, quer de exportação».

«Paralelamente, menos estereotipada e mais fecunda, assinala-se uma via orientada para a obra de autor ou de testemunho, com feitura escorreita e, por vezes, aliciantes sugestões ao nível estético e de linguagem... De ambas as correntes é representativa esta amostragem, relativa a 1979-82, que nos propõe a Bulgária Filme.»

As sessões decorrem na Cinamateca Portuguesa, com o seguinte programa: 2.ª feira, às 18 e às 21.30, será exibido o primeiro filme da mostra, «O Grande Banho Nocturno», realizador Binka Jeliaskova.

No dia seguinte e no mesmo horário será projectado o filme «Ilusão», de Luydmil Stailov. Quarta-feira, às 18 horas, exibe-se um trabalho de Zako Heskya («Yo-ho-ho»), que voltará ao «écran» na sexta-feira, à mesma hora. Para «O Soldado Desconhecido», de Rangel Valchanov, estão também previstas duas passagens, a pimeira às 21.30, de quarta-feira e a segunda, no sábado, pelas 18 horas, encerrando a semana. O programa de quinta-feira inclui uma única sessão com a película «A Combina», de Nicolai Rudorov.

Raul Ruiz, no S. Luís

Cinema da utopia...

Depois de uma intervenção continua a partir da próxima terça-feira, dia 10, a retrospectiva da obra cinematográfica de Raul Ruiz, autor chileno exilado na Europa, uma iniciativa da Verfilmes e dos Serviços Culturais da Embaixada de França. Será portanto, com «La Vocation Suspendue» que a homenagem ao cineasta latino-americano recomeça, às 18 e 30, no Teatro S. Luiz.

Raul Ruiz encontra-se em Portugal a filmar, mais concretamente no Baleal, junto ao mar. Não é a primeira vez que o faz aqui, nesta terra de litoral vastíssimo, pois «Les Trois Couronnes du Matelot» e «Le Territoire» também têm como cenário o nosso país. Há quem diga que este cineasta é um «dos mais prolíficos» e também um dos mais enigmáticos. Desde os vinte anos (tem quarenta e dois) que faz cinema. Ultimamente Lisboa, Roterdão e Paris têm sido os lugares de **substituição** forçada de uma cidade que é Santiago do Chile. Os «Cahiers de Cinema» dedicaram-lhe um número por inteiro equiparando-o, nas suas afeições maiores, a Margueritte Duras, Syberberg, Pasolini e Hitchcock.

Temos, assim, uma crítica europeia fascinada com o «delírio» de Raul Ruiz, considerado por alguns como o Jorge Luís Borges do cinema. **«Ele tem uma obra singular e original»,** afirma Jorge Henriques da Verfilmes, associação cultural criado há cerca de quatro anos e que se propõe **«ver e mostrar filmes».**

Claro, os filmes de que gosta, dos autores difíceis de apreciar, por completo, nas retrospectivas que a Cinemateca e a Fundação Gulbenkian promovem.

«Conseguimos que Margueritte Duras e Syberberg esgotassem o S. Luiz quando mostramos a sua obra» acrescenta Jorge Henrique, jovem estudante da Faculdade de Direito, um cinéfilo perfeito e cuja intervenção no cinema é apenas esta. Em Maio de 81 a Verfilmes organizou uma retrospectiva de Pasolini com alguns filmes inéditos trazidos de Itália.

E agora Ruiz. Repartido entre o S, Luiz e o AR.CO a obra deste cineasta foi-nos revelada, em parte, esperamos contudo ver ainda além do filme já referido mais três outros e que são «L'Hipotese du Tableau Volé», «Dialogues D'Exiles» e «Le Borgne», cuja exibição está prevista para as tardes e noites dos dias 10 e 11 deste mês.

O que mais há sobre Ruiz? Diz a sua biografia que já fez quarenta e cinco filmes, dezanove dos quais no Chile e vinte cinco em França. Diz a críca que eles revelam a utopia. Que é um caso único de cineasta «teológico», no sentido atribuído à teologia por Giles Deleuze. E que o seu cinema é essencialmente subversivo...

E nós? Dele, Raul Ruiz, meio-índio, daremos notícias o mais esclarecedoras possíveis dentro em breve.

L. F.

crítica de teatro

CARLOS PORTO

Brecht jovem

«Grandeur et Décadence de la Ville de Mahagonny», de Bertolt Brecht. Encenação: Philippe Fridman. Assistente de encenação: Rita Lopes. Interpretação: Anne-Marie Pradines dos Santos, Serge Pimenta, Nuno Barreiro, Yves Ferreira, Jean-Philippe Lima, André Neves, Serge Tréfaut, Jean-François Viegas, Elsa Braga, Anne Lima, Monique Pereira, Hélène Pimenta, Laurence Qug, Acácia Thiele, Maria Vitorino de Almeida, Sérgio Cordeiro, Irene Duarte, Vera Gago, Patrícia Guedes, Telma Leitão, Annick Maruejouls, Cecília de Varine, Michel Vouillot. Grupo Teatro do Liceu Francês. Teatro São Luiz. 20-4-1983.

Não foi no palco do São Carlos nem em qualquer outro palco profissional que vimos esta peça (ou ópera) de Brecht; foi um espectáculo de amadores, estudantes de um liceu francês, por um francês encenado. Não se pode escrever isto sem um sentimento de vergonha, o que não tem nada contra os amadores, como se verá.

Depois do belo Ésquilo do ano passado, o grupo do Liceu Francês ataca de novo e de novo enfrenta o difícil, quase o impossível, e de novo vence. Talvez com menos brilho, com menos rigor, talvez prematuramente, mas vence uma aposta em que era necessário não apenas interpretar uma peça, mas vencer as dificuldades, as próprias fraquezas do texto, fazer das fraquezas, próprias e alheias, forças. É claro que se trata de um Brecht revisto, um Brecht adaptado a novas preocupações (para o caso, problemas ecológicos); trata-se, pois, de uma versão que não dispensa uma outra que tenha mais em conta os jogos da peça, que se identifique mais com o discurso brechtiano, se se quiser que seja mais ortodoxa.

Seja como fôr, esta encenação consegue ultrapassar a maioria dos problemas postos por uma obra compósita que atravessa várias fronteiras do espectáculo, a comédia, a revista musical, a ópera.

Brecht jovem? Brecht rock, se se quiser, esta «Cidade de Mahagonny» assenta num dispositivo cénico que é um achado: uma enorme dentadura que abre e fecha e que é o sinal eloquente da rapacidade capitalista, aqui «gangsteriana», mas assenta sobretudo na capacidade destes jovens em superar as atrapalhações que por vezes os acometem, a salvar-se a nado quando estão prestes a afogar-se. O que conseguem não apenas com a sua juventude, mas também com as suas vozes, com a sua graça, a sua enorme comunicabilidade. Será justo destacar, entre eles, Maria Vitorino de Almeida, já com uma presença outra, aquilo que parece ser um profissionalismo nascente, que poderá ir longe.

Nem tudo parece certo no espectáculo (a música, por exemplo, parece por vezes incapaz de ir lá), mas no que acerta basta para fazer deste Brecht qualquer coisa que nos encheu de alegria, nos justifica, justificando-se, como espectadores. Quando o teatro se transforma, assim, numa festa, todos os assustos, por maiores que pareçam, são sem importância.

MINISTÉRIO DOS ASSUNTOS SOCIAIS
DIRECÇÃO-GERAL DOS HOSPITAIS

Hospital de Pulido Valente
Serviço de Aprovisionamento
Sector 4

Concurso Público n.º 1 S4/83

(Unidade desfibrilhador cardíaco com cardioscópio incorporado, portátil, com autonomia por bateria, 2 monitores e 2 canais e sondas).

Até às 12 horas do dia 30 de Maio de 1983, aceitam-se propostas para o concurso acima indicado.

O Caderno de Encargos, encontra-se patente todos os dias úteis no Serviço de Aprovisionamento — Sector 4 — deste Hospital, onde os interessados podem solicitá-lo às horas normais de expediente.

O Chefe de Repartição,
(António José Madureira Pimparel)

CICLO DE TEATRO
PROMOVIDO PELA
ASSOCIAÇÃO PORTUGAL-RDA

Dia 9 de Maio, pelas 18 horas
«BERTHOLD BRECHT E O TEATRO NA RDA»
por Luís Francisco Rebelo e João Lourenço
SPA— Av. Duque de Loulé, 31—Lisboa

ESCOLA DE FORMAÇÃO
TEATRAL
Do
CENTRO CULTURAL DE ÉVORA

CURSO DE ACTORES

INSCRIÇÕES PARA O CONCURSO DE ADMISSÃO
ATÉ 20 DE JUNHO

Informa-te

TEATRO GARGIA DE RESENDE
PRAÇA JOAQUIM ANTONIO D'AGUIAR-7000 EVORA
TEL. 23112, 25533

O Vagabundo dos Limbos

Ribera (desenho) **Godard** (texto) **2**

continua

Apresentada ontem à Imprensa no Castelo de Palmela

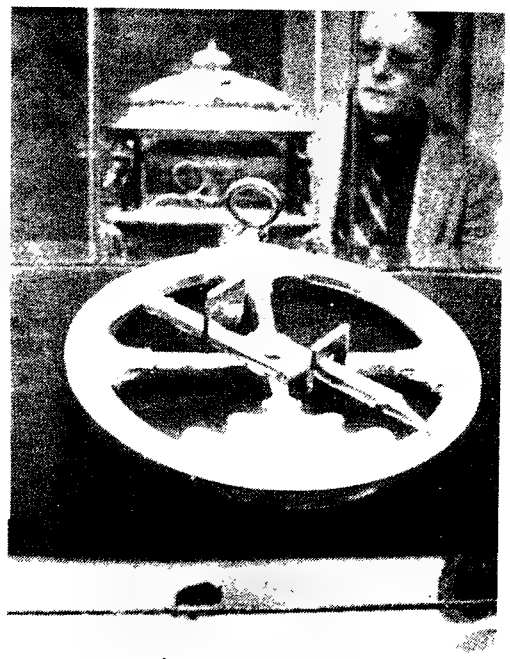
Exposição sobre astrolábio náutico patente até Agosto

A exposição «O Astrolábio 1555», inaugurada no começo do mês em Palmela, no âmbito das manifestações paralelas à XVII Exposição Europeia de Arte, Ciência e Cultura, foi ontem apresentada à Imprensa portuguesa e estrangeira que cobre a iniciativa do Conselho da Europa.

Com esta iniciativa, procuraram os seus organizadores – Enatur e firma Leitão e Irmão – associar-se à divulgação «da história, cultura e arte do nosso país, utilizando o veículo artesanal», simultaneamente à «promoção do artesanato português de qualidade numa clara perspectiva de divulgação nacional e internacional».

Prolongando-se até finais de Agosto, a exposição integra, para além de uma réplica do astrolábio náutico português de 1555, outras expressões artesanais de prestígio: porcelanas, cristais, tapetes de Arraiolos e outras, com a presença de mestres artesãos.

Estão previstas ainda outras iniciativas no campo da cultura, arte, história e música. Ontem, iniciou-se a Semana das Mantas Alentejanas, integrando um antigo tear, que estará patente até 6 de Junho.



Réplica do Astrolábio Náutico de 1555 exposta no Castelo de Palmela

Uma semana depois dessa data, realizar-se-á a Semana das porcelanas da Vista Alegre. No final de Junho, os cristais de Alcobaça estarão igualmente na pousada do Castelo de Palmela, realizando demonstrações e exibindo peças feita na Crisal, nomeadamente uma ampulheta em cristal e prata.

A partir de 4 de Julho, a Semana das Rendas de Bilros apresentará uma mostra de rendas antigas e actuais prolongando-se até ao final de Agosto.

Entretanto, no âmbito da exposição será realizada uma reconstituição de uma noite de fado do princípio do século, na segunda quinzena de Agosto, e em data ainda a determinar. Em Julho, está prevista a realização de uma serenata de Coimbra. A encerrar as iniciativas da exposição «O Astrolábio 1555», realiza-se uma Semana do Coleccionador, baseada em obras de arte pertencentes a coleccionadores.

canal da crítica

MÁRIO CASTRIM

Senhor, afasta de nós este cálice!

Ângelo Correia, a propósito dos acontecimentos de Crestuma, voltou. Basta olhar para este monumento público ao ridículo e à bexiga de porco, para se ter a prova evidente, a prova, como se costuma dizer, a prova material da derrota da AD. Ele era o digno representante do PSD na coligação. Era mais que ministro: era um símbolo.

Voltou. Porquê, meu Deus, porquê? Que pecado tão mortal seria o nosso para merecer este castigo? Senhor, Senhor, afasta de nós este cálice!

Seeeeeeeei lá!

Afastará? Será que numa coligação (marcada já pelas sementes da desagregação antes mesmo de se constituir), será que numa indesejável coligação PS/PSD o Ângelo Alma Negra não terá lugar garantido?

Seeeeeeeeei lá! Se atendermos ao que já vimos e continuamos a ver, sei lá, minhas senhoras e meus senhores. Sei lá, por exemplo, se o próprio João Salgueiro...

Comecemos pelo princípio. O ministro João aproveitou ontem 15 minutos do «Tempo do Governo», de um governo sem tempo, para fazer uma longa e confusa declaração político-económica. Liquida não ficou a natureza dela. Fiquei sem perceber se aquilo foi um testamento político ou se foi um programa de governo.

Ele, Salgueiro, também privilegia o alargamento da base política. Concorda. Salgueiralmente importante, acha que neste momento as recriminações mútuas não resolvem nada. O que lá vai, lá vai. Acha, inclusivamente, que o dr. Mário Soares «é um político inteligente, experimentado e corajoso». Só que o seu alarmamismo frenético, em relação à crise, pode tornar-se perigoso, fora e dentro do País. Por que será que o dr. Mário Soares age deste modo? Salgueiro dá a resposta: «o dr. Mário Soares é mal aconselhado».

Pois, pois, o que ele está mesmo a pedir é uma pessoa que o aconselhe bem, o João Salgueiro, por exemplo...

A alma e o ouro

A certa altura, o ministro da fina ânsia destacou a importância do bom nome de Portugal lá fora.

–Não há – disse ele – não há caridade na esfera internacional...

Traduzindo: ninguém nos quer bem pelo nossos lindos olhos. Países amigos, ajuda, solidariedade ocidental? Tretas. Emprestam se houver sobre quê. Houve tempo em que neste país muitos, junto da Finança Internacional, empenhassem a alma. Hoje, como a alma já lá canta (e não vale grande coisa) exigem, como penhor, o ouro do Banco de Portugal.

Depois de lá terem o ouro empalmado, será mais fácil exigir Portugal como penhor. Assitindo nós ao que assistimos (Lajes, Beja, trânsito de submarimos nucleares, etc, etc), alguém nos garante que essa operação não começou já?

Sim, porque «não há caridade na espera internacional...» Salgueiro disse. Lá terá suas fortes razões.

Percebem agora?

O serviço noticioso do segundo programa abriu logo com as imagens dos motins em França. Barricadas, automóveis incendiados, pedrada de meia-noite, e a polícia batendo e as granadas estoirando gases e as centenas de feridos e de prisões. Mortos também.

A RTP insiste na projecção das imagens. Pretende mostrar que o povo francês não quer o socialismo; não pretende mostrar que o regime socialista busca defender-se dos inimigos da democracia.

Exactamente o mesmo que tem em vista em relação à Polónia. Oxalá muitos socialistas, que se iludiram com o «massacre», com o empolamento das imagens clandestinas dos «motins» polacos, compreendam agora como o aproveitamento destas situações, quer na Polónia quer em França, visa a guerra-fria no nosso país contra a esquerda, é um instrumento que as forças PSD-CDS dominantes na RTP, utilizam, de forma selvagem, em seu favor.

Esperem pelos próximos discursos do CDS e hão-de ver se não é assim como digo...

TV já não tem Q.T. ufff!

Livra, que nem tudo são más notícias!

Querida Televisão! acabou. A última emissão foi ontem. Seja isto sinal de que a TV fique mais limpa.

Acabou – e acabou em **beleza.** Com um amontoado de graçolas de mau gosto sobre as últimas eleições. Claro. O ódio, a decepção e o desespero têm de vir à superfície de qualquer maneira.

«Bandalheira» foi a palavra lá utilizada para caracterizar a situação – e por aqui já se pode avaliar o nível que a rubrica atingiu.

Semelhante a esta emissão, só aquela reportagem de Fernando Pessa, transmitida na noite das eleições, e na qual o repórter andou focando, em grandes e repugnantes planos, os excrementos de cães e de pessoas por esses passeios de Lisboa. Um nojo de televisão.

Não é por acaso que estas e outras coisas acontecem a propósito de umas eleições em que a direita foi derrotada. Não é por acaso que, nestes últimos três anos, a televisão foi tão querida para certas pessoas. Continuará a ser?...

SINDICATO DOS TRABALHADORES DA FUNÇÃO PUBLICA DA ZONA SUL E AÇORES

FACULDADE DE DIREITO DE LISBOA

PRÉ-AVISO DE GREVE

AO PRIMEIRO-MINISTRO
AO MINISTRO DO TRABALHO
AO MINISTRO DA EDUCAÇÃO
AO MINISTRO DA REFORMA ADMINISTRATIVA

- PELA JUSTA RETRIBUIÇÃO DO TRABALHO PRESTADO
- PELA APLICAÇÃO DA LEI – D.L. n.° 110-A/81

1. Porque os trabalhadores não docentes da Faculdade de Direito de Lisboa, que prestam trabalho normal se encontram sem a correspondente retribuição desde há meses.
2. Porque todas as diligências feitas para resolver este problema pela via do diálogo se revelaram completamente ineficazes.
3. Ao abrigo do Art.° 2.°, n.° 1 da Lei n.° 65/77, e nos termos e para os efeitos do Art.° 5.° do mesmo diploma, informa-se que os trabalhadores não docentes da Faculdade de Direito de Lisboa, que prestam trabalho normal nocturno, estarão em greve nos próximos dias 10, 11, 12 e 13 do corrente mês, entre as 20.00 e as 23.30 horas, em cada dia.
4. No entanto, pensamos ser ainda tempo de poder resolver este conflito laboral pela via do diálogo, evitando-se desta forma, os graves inconvenientes que resultam para os trabalhadores e para os alunos.

Lisboa, 7/5/83

A DIRECÇÃO

TURISMO SOCIAL

Próxima partida: 14 de Junho
Faça férias mais baratas pelo Turismo Social
Compare serviços e preços... e viaje connosco

URSS — 8 e 15 dias — itinerários diversos (Europa e Ásia)
Bulgária — 15 dias — Sófia, Varna, Mar Negro, etc.
RDA — 8 dias — Berlim, Leipzig, Dresden, etc.
Hungria — 8 dias — Budapeste, Danúbio, Lago Balaton, etc.

Outros programas para outros destinos

AGITURISMO

Rua da Glória, 43 1200 LISBOA Tel. 373110/1

restaurante arco iris O VERDADEIRO AMBIENTE DE LISBOA
C.C. ARCO IRIS - Av. Júlio Dinis, 6 A/D Telf. 77 51 83 · (METRO-CAMPO PEQUENO)

EXCURSÕES 83
HOTEIS 1ª • AUTOPULLMANS LUXO

(A) – ANDORRA E MADRID 4 dias – 5 950$00
(A) – MADRID – 4 dias 5 750$00
(B) – CEUTA – TÂNGER e SEVILHA – 4 dias 5 950$00

PARTIDAS
(A) – 19/5 – 9, 10 e 23/6 – 6, 7 e 21/7
(B) – 26/5 – 16 e 30/6 – 14 e 28/7

EXPRESSOS TURISTICOS DIARIOS
A POLTRONA DA ESTRADA

SERVIÇO DE BAR

LISBOA • V. FRANCA • ÉVORA
PORTEL • ALQUEVA • MOURA
LISBOA • SETÚBAL • VENDAS NOVAS • ÉVORA • REGUENGOS • MOURÃO

LISBOA/PORTO/LISBOA

ESCAMARÃOTUR
A SUA AGÊNCIA DE VIAGENS
LISBOA · Rua Conselheiro Arantes Pedroso 63 · Tel. 579518
PORTO · Rua Alexandre Herculano, 225 · Tel. 311425 · Telex 23108

Hoje

RTP 1

Na RTP-1 desta noite, mais um programa de humor e música «à portuguesa», que tem, como convidados, Simone de Oliveira e Jorge Fernando

15.30 **Festa é Festa** – apresentação de Júlio Isidro.
18.30 **«Espaço 1999»** – 9.° episódio. Intérpretes: Anthony Valentine, Isla Blair, Prentis Hancock, Clifton Jones, Martin Landau, Barbara Bain e Barry Morse. Realizador: Charles Crichton.
19.30 **Aqui e Agora**
21.05 **Allegro** – um programa de humor e música «à portuguesa».
22.15 **«Dallas»**

RTP 2

Amanhã, na RTP-2, exibe-se o 14.° episódio da série policial «Força de Intervenção»

13.02 **Troféu** – inclui ginástica, voleibol feminino e hóquei em patins.
20.00 **Cabra-Cega** – o filme «Blue Collar» será seguido de debate com dirigentes das diferentes organizações patronais e sindicais sobre os temas «Consenso social – pacto social» / «Relação entre empresários e trabalhadores». Intérpretes: Richard Pryor, Harvey Keitel, Japhrt Katto, Ed Begley Jr., Harry Bellaver e George Memmoli. Realizador: Paul Schrader.

Amanhã

RTP 1

10.15: Setenta Vezes Sete; **10.45**: Eucaristia Dominical; **11.35**: Tempo dos Mais Novos; **13.05**: Sumário; **13.15**: Memórias de um Povo; **13.45**: TV Rural; **14.10**: Sombra/Sol; **14.30**: Já Cá Canta; **18.45**: «Fama»; **20.00**. Telejornal; **20.30**: Superestrelas – com Juan Pardo; **21.30**: «Amor em Tempo de Guerra» – último episódio; **22.35**: Girabola.

RTP 2

14.00: Eurovisão – Campeonatos da Europa de Ginástica Feminina; **18.30**: Ora Bem; **20.20**: «O Homem do Sara»; **21.00**: Top/2; **22.10**: «Força de Intervenção» – 14.° episódio).

GRUNDIG
a segurança de um grande nome seleccionou para si...

RTP 1 Allegro (21.05)
RTP 2 Cabra-Cega (20.00)

...e sugere para hoje...

RTP 1
«ALLEGRO»
(21.05)

Num programa de humor e música «à portuguesa» veremos várias figuras quotidianas: o político (sr. Gomerzinho); o barbeiro (Baeta); a caixa do supermercado (Adélia); O «Borda d'Água» e tantas outras.

No «Allegro» de hoje os artistas convidados são Simone de Oliveira e Jorge Fernando.
Autor: César de Oliveira.
Realização: Manuel Oliveira Costa.

ASSISTÊNCIA TÉCNICA GRUNDIG
NACIONAL RÁDIO
Rua Bento Jesus Caraça, 17 - Cruz Quebrada - Telef. 2112871

roteiro cultural

Teatro

O Veto Teatro Oficina, de Santarém, vai estrear, hoje, às 21.30, no Círculo Cultural Scalabitano, o espectáculo de teatro «Branco, Vermelho e Preto», uma análise do papel da mulher na sociedade. Encenação a cargo de Fernanda Narciso.

Passeios

O Centro Nacional de Cultura vai, amanhã, a Elvas, numa visita organizada com o apoio do Estado-Maior do Exército. A visita incidirá sobre aspectos da história e arquitectura militar.

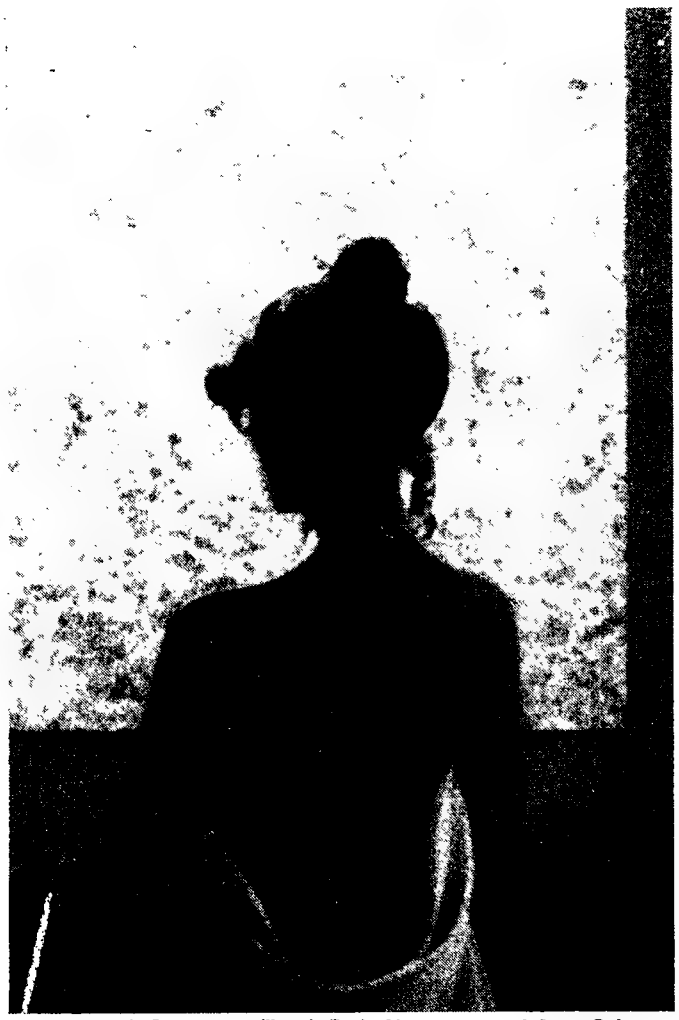
A SALPA (Associação de Defesa do Património de Setúbal), prosseguindo os seus passeios de domingo que visam divulgar, junto de camadas cada vez mais amplas da população, os valores histórico-culturais da região, propõe-nos um novo itinerário: a visita a três palácios de rara beleza arquitectónica (Bacalhoa e Quinta das Torres, em Azeitão, e Calhariz, em Maçã, Sesimbra). A visita guiada terá lugar, amanhã, às 14.30, com concentração no Largo de Jesus. As inscrições deverão ser feitas no Posto de Turismo da Câmara (edifício dos Paços do Concelho).

Música

O Trio Corda Bamba, com Paulo Curado (flauta), José Peixoto (guitarra) e David Gausden (contrabaixo) actua hoje, às 22.30 e às 0.30, no Hot Clube de Portugal, à Praça da Alegria.

O Quinteto de Maria João, cuja aparição recente suscitou a atenção e o interesse gerais dos círculos jazzísticos portugueses, realiza, hoje, um concerto, às 21.15, no Cinema Júlio Diniz da cidade do Porto.

O Grupo de Música Contemporânea de Lisboa, constituído por Carlos Franco (flauta e flautim), António Reis Gomes (trompete), Clotilde Rosa (harpa), Lopes e Silva (guitarra), Catarina Latino (percussão), António Anjos (violino), António Oliveira e Silva (viola), Luísa Vasconcelos (violoncelo), Orlando Worm (barítono) e Jorge Peixinho (piano e direcção), efectua, amanhã, às 17 horas, em Cascais, no Teatro do Picadeiro, a que o TEC tem dado vida, um recital com obras de Carlos Cruz de Castro, Clotilde Rosa, Constança Capdeville e Jorge Peixinho.



«Retrato de Costas», acrílico de Dario Alves em exposição na Galeria Diagonal (Cascais)

O Orfeon Académico de Coimbra efectua, hoje, um recital em Abrantes, às 21.30, na Igreja de S. João. A regência do coro estará a cargo do maestro Virgílio Valente Caseiro.

A convite do Coral Ensaio, do Grupo Desportivo do Banco Português do Atlântico, encontra-se em Portugal o Orfeon Portuense de Puerto de Santa Maria (Cadiz, Espanha) que, juntamente com o Coral Stella Vitae e Coral Ensaio, participarão, hoje, num concerto, às 21 horas, no Auditório da União das Associações dos Comerciantes de Lisboa, à Rua Castilho, 14. O Orfeon Portuense cantará, também, a missa dominical das 10 horas de amanhã, na Igreja Paroquial de S. Vicente de Fora.

Cinema

Integrado no 10.º aniversário do Grupo «Seiva Trupe», começou, ontem, no Auditório Carlos Alberto, do Porto, um ciclo de cinema que inclui os seguintes filmes (sessões às 15.30 e 21.30): «Lágrimas e Suspiros» (hoje), «Monsieur Verdoux» (amanhã), «Deserto Vermelho» (dia 9), «Douby or not Douby» (10), «Não Toques na Mulher Branca» (11) e «ABC do Amor (14 e 15).

«Ecofil», Semana do Cinema Ecológico, começa hoje e prolonga-se até 15 do corrente, em Espinho, organizada pela Associação Cultural e Recreativa de Espinho, com projecções e debates no Salão da Piscina.

Exposições

Os IV Encontros de Fotografia de Coimbra têm, hoje, início no Edifício Chiado daquela cidade, este ano especialmente voltados para a reflexão sobre o principal veículo de divulgação das fotografias: o livro fotográfico.

Dario Alves expõe pintura na Galeria Diagonal do Hotel Cidadela, em Cascais. A exposição foi, ontem, inaugurada e está aberta ao público até 26 do corrente. Horário: de 2.ª a 6.ª, das 16 às 20 horas; aos sábados e domingos, das 14 às 20.

«Sesimbra – o mar, a terra e as gentes», exposição de fotografia de Américo Ribeiro, promovida pelo município sesimbrense, encerra, amanhã, no Externato Santa Joana, em Sesimbra.

INATEL – TURISMO SOCIAL

Informam-se os interessados que ainda existem vagas para as seguintes excursões a realizar nas datas a seguir indicadas:

N.º 69 – Fim S. Estremenho – Dias 14 e 15/5	1 540$00
N.º 70 – Minho e Gerês (V. Castelo e Braga) – De 20 a 22/5	5 220$00
N.º 72 – Mafra, Ericeira e Sintra – Dia 22/5	370$00
N.º 73 – Tomar, Coimbra e F. Foz – Dias 28 e 29/5	3 480$00
N.º 544 Capitais da Europa Central – De 7 a 14/8	54 500$00
N.º 553 – Benidorm (Madrid) De 28/5 a 7/6	15 450$00
N.º 554 – Benidorm (Madrid) – De 18 a 28/6	16 500$00

Informações e reservas: Secção de Turismo Social —
Calçada de Santana, 180-3.º andar – Telefone 53 88 71

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS
Banco Fundado em 186
BANCO CENTENÁRIO UM BANCO MODERNO

COTAÇÕES DE NOTAS	(Por unidade) COMPRA	VENDA
AFRICA DO SUL (rand)	75$25	81$25
ALEMANHA FED (marco)	39$75	40$85
AUSTRIA (xelim)	5$50	5$70
BÉLGICA (franco)	1$807	2$07
BRASIL (cruzeiro)	$060	$160
CANADÁ (dólar – notas de 1 a 2)	79$00	81$00
(notas de 5 a 1000)	79$50	81$50
DINAMARCA (coroa)	11$10	11$50
ESPANHA (peseta)	$675	$795
EUA (dolar – notas de 1 a 2)	96$85	98$85
(notas de 5 a 1000)	97$35	99$35
FINLÂNDIA (marka)	17$85	18$45
FRANÇA (franco)	13$15	13$85
HOLANDA (florim)	35$30	36$30
INGLATERRA (libra)	153$15	157$15
IRLANDA (libra)	125$95	129$95
ITÁLIA (lira)	$060	$070
JAPÃO (iene)	$374	$409
NORUEGA (coroa)	13$65	14$15
SUÉCIA (coroa)	12$95	13$55
SUÍÇA (franco)	47$15	48$25
VENEZUELA (bolivar)	7$70	8$70

Observações:
1. – No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
2. – Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 3 por mil.

rádio

Antena Um

18.00: Informativo de trânsito – turma da um – livros e gente; **19.00**: Mosaico; **20.00**: Teatro radiofónico; **21.00**: Livre e directo; **23.30**: Último jornal. Noticiários intercalares às **16.00**, **17.00**, **18.00**, **21.00**, **22.00** e **23.00** horas.

Programa 2

14.30: Ópera comentada; **16.36**: Solos de órgão; **16.55**: Transmissão directa, do Teatro Municipal de São Luiz, de um concerto pela Orquestra Sinfónica da Radiodifusão Portuguesa, **19.00**: Transmissão, em diferido, de um concerto no Estúdio «A», **19.37**: Duas peças, para um conjunto de 102 violoncelos, de Pablo Casals; **19.55**: Sonatina n.º 1, em dó, op. 36, de Clementi; **20.10**: Música de bailado; **21.00**: Para além da leitura; **21.40**: Efeméride; **23.00**: Intercâmbio musical; **01.00**: Fecho. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL
Onda Média (283, 290 e 397m)

15.00: Fim-de-semana, **20.00**: Quando o telefone toca (3 edições); **21.30**: Tempo de desporto; **23.00**: 24.ª hora; **01.00**: Mercador de sonhos, **02.00** Uma noite com... Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Dançatlântico; **18.00**: Country music – música da América; **19.00**: Ler para crer; **20.00**: As voltas da chanson; **21.00**: Blues index; **22.00**: Baile mandado, **01.00**: Mercador de sonhos Noticiários de hora a hora

RÁDIO RENASCENÇA
Rede Nacional de OM e FM

15.00: Sintonia fim-de-semana; **17.00**: Cantigas à portuguesa; **18.00** Magazine regional; **18.30**: Espaço musical; **19.00**: Saltitão; **20.00**: Horizonte; **21.00**: Hora de música; **21.30**: Transmissão do terço; **22.30**: Espaço musical; **23.55**: Meditando Noticiários intercalares a todas as horas

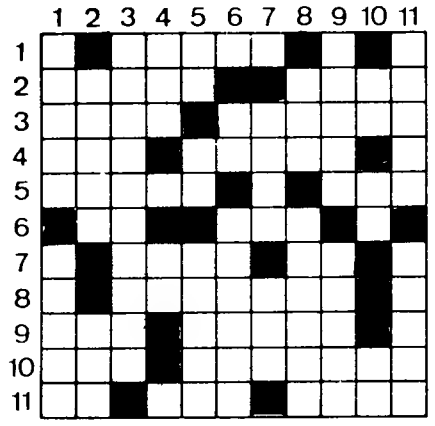
Rede Sul de FM

14.00: Duas vezes seis; **21.00**: Quando o telefone toca; **21.30**: Pentagrama.

Tiragem média diária do mês anterior: 42 150 exs.

palavras cruzadas

COM PROVÉRBIO PROBLEMA N.º 13 731

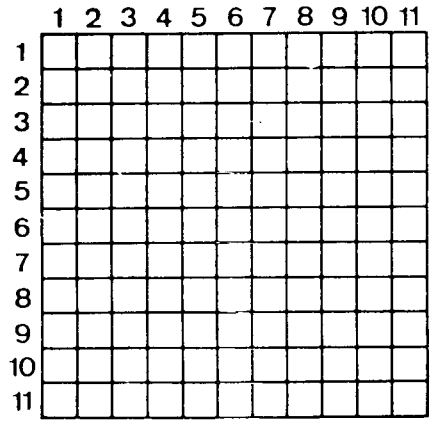


HORIZONTAIS:
1 Artigo definido. Amante. Conjunção. Artigo definido.
2 Homem de trabalho agrícola. Vantagens
3 Vila e concelho do distrito de Portalegre. Sente desgosto.
4 Tempo do verbo ir Automóvel de grande categoria
5 Natural da Arábia. Transpira.
6 Sufixo que designa estado. Membro de ave.
7 Dar aviso de alguma coisa em voz alta. Duas consoantes desiguais.
8 Calculaste.
9 Ninho. Detesto.
10 Tens. Esfarrapado
11 O sono das crianças. Frívolas. Sufixo que designa abundância (pl).

VERTICAIS:
1 Amante (Bras). Bebedeira. (fig).
2 Avarento. O mesmo que ion.
3 Preveniremos.
4 Conjunção. Cério (s q).
5 Satélite de Júpiter Berilo (s.q) Venera.
6 Clima. Estéreis
7 Artigo definido Em mais alto grau Catedrais.
8 Utensílios domésticos. Arcaico.
9 Vagueias. Mulheres de mau génio (fig).
10 Rei de Basa, morto por ordem de Moisés Artigo indefinido. Compaixão.
11 Cidade do Japão. Palmatoadas

Resolveu completamente este problema? Procure agora, em segundo passatempo o provérbio nele inscrito

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 9582



HORIZONTAIS:
1 Freguesia do concelho de Melgaço. Freguesia do concelho de Cantanhede.
2 O Arão da Bíblia. Pecado.
3 Preposição e artigo (pl). Arara.
4 Berilo (s.q). Lantânio (s.q).
5 Acorrentar Transpiro.
6 Tapume. (Bras). Pátria. Reis.
7 Rumores. Espécie de macaco do Amazonas. Rádio (s q)
8 Sadia. Brisa. Colocar.
9 Giraras.
10 Cidade da Arábia Interjeição de dor.
11 Lavrou Juízo.

VERTICAIS:
1 Post scriptum. Freguesia do concelho e distrito de Goa.
2 Camareira. Mecânica Palavra latina pela qual começam muitos documentos pontifícios de interesse para Portugal
3 Que têm crómio Doutor
4 Primeira das três palavras que formam o nome de uma freguesia do concelho de Anadia Série.
5 Apelido Bromo (s.q) Organização das Nações Unidas.
6 Vila e sede de concelho (Aveiro)
7 Ondas curtas Vassourara o forno depois de aquecido
8 Rio da Rússia Rádio (s.q) Nome de homem
9 Sacas Carne de porco metida em tripa de intestino grosso
10 Magnete natural Freguesia do concelho de Mogadouro
11 Vê Tornar rosado. Boro (s.q)

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 13 730

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 AS. PAREDES.	1 Azogues. TEM.
2 Zio. Manatas.	2 Sipario. Hum!
3 Opulência.	3 OUVIDOS. Pi
4 Gavinha. Kg.	4 Li. Abé.
5 Uri. Aoro. Ou	5 Amena. Krona.
6 Eido. Tri.	6 Ranho. Uai!
7 Soo. Kuanon.	7 Encartaram.
8 Sarara. Pi.	8 Dai. Ornados.
9 Th. Boiada.	9 Eta. Io. Ati.
10 Eupen. Motes.	10 Sa. Ko. Np. És.
11 MMI. Ás. Siso.	11 Segui. Isso.

SOLUÇAO DO PROBLEMA N.º 9581

HORIZONTAIS:	VERTICAIS:
1 Rias. Acatar.	1 Re. Saltério.
2 Empo. Morada.	2 Impor. Ruela.
3 Platina	3 Aplaina. Aa.
4 Soa. Horas.	4 Soa. Assalta.
5 Ária. Be	5 Tu. Ácis.
6 NS. Acorda.	6 Ami. Barrava.
7 Trás. Rem. Or.	7 Conhece. Sor
8 Eu. Aar. Arre!	8 Arão. Amo
9 Realças.	9 Ta. Rir. Read.
10 Ilativos. As.	10 Adiá. Dor. Sa.
11 Asaradão.	11 Ra. Suarem.

Provérbio: AS PAREDES TÊM OUVIDOS.

cartaz de cinemas e teatros

abCINE 803055

Centro Comercial de Alvalade

SALA A

Às 14.30, 16.30, 18.30, 21 e 23
– N. ac. men. 13 a
YANKS

SALA B

Às 14.45, 17, 19.05, 21.20 e 23.30
Int. m 13 anos
VICTOR VICTÓRIA

ALVALADE 897480

Av. de Roma

Às 14.00 – 16.30 – 19.00 – 21.30
– N. ac. men. 18 a
FANNY HILL, A SUECA ENDIABRADA
2.ª Semana

APOLO 763319

Av. Júlio Dinis, 10-A

As 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Não ac. men. 13 anos
6.ª Semana

AVIS 547163

Av. Duque de Ávila, 45

Às 15.30, 18.30 e 21.30
Int. men. 13 a 0
COMANDOS DO SINAI

BERNA 776098

Av. Marquês de Tomar

As 14, 16.30, 19 e 21.30
Para Todos
E. T., O EXTRATERRESTRE
20.ª Semana

CALEIDOSCÓPIO 795093

Campo Grande

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Para Todos
O GAROTO DE CHARLOT

CASTIL 530194

Rua Castilho

Às 15.30, 18.30 e 21.30
N. ac. men. 13 a
TOOTSIE. QUANDO ELE ERA ELA
7.ª Semana

CINE 222 579460

Av. Pr. da Vitória, 37 (ao Saldanha)

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O GRANDE CONQUISTADOR
c/ Woody Allen

CITY CINE 49999

R. Tomás Ribeiro, 34

As 14.30, 16.45, 19 e 21.30
Int. men. 13 a
A PASSAGEM
2.ª Semana
As 23.45
NOITES DE SINGAPURA

CINE BLOCO 556824

Gaveto Av. 5 de Out. a Pinh. Cnagas

As 21.30 – M. 12 a
ENIGMA
As 14.30, 16.45 –
SEM SOMBRA DE PECADO

CINE CAMÕES 32[illegible]94

Rua do Loreto, 15

As 14, 16.30 e21.30
– N. ac. men. 13 a
A ÓRFÃ

CONDES 322523

Av. da Liberdade, 2

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 18 a
MOMENTOS ÍNTIMOS

EDEN 320768

P. dos Restauradores, 21

As 21.30 – N. ac. men. 18 a
SCANNERS
Às 14, 16.30 e 19
A GRANDE LUTA

ESTÚDIO 555134

Alam. Afonso Henriques, 35

Às 15.30, 18.30 e 21.30
– Int. men. 18 a.
BRIGADA DO VÍCIO

ESTÚDIO 444 779095

Av. Defensores de Chaves, 83-B

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
DINA E DJANGO
c/ Maria Santiago e Luís Lucas
As 24
AMOR ENTRE MULHERES

IMPÉRIO 555134/5

Al. Afonso Henriques, 35

As 15.15, 18.30 e 21.30
– N. ac. men. 13 a
O PODER DO DINHEIRO
2.ª Semana

LONDRES 801313

Av. de Roma, 7-A

Às 15.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
A NOITE DE VERENNES

POLITEAMA 326[illegible]16

R. Portas S. Antão, 109

Às 14.15, 16.30, [illegible] e 21.30
1990, OS GUERREIROS DE BRONX
– M. 16 a

MONTECARLO 581117

Av. Pedro Álvares Cabral, 37

As 14.15, 16.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
A TURMA DOS MALANDROS

MONUMENTAL 555131

P. Duque de Saldanha

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O IMPÉRIO CONTRA-ATACA

NIMAS 574362

Av. 5 de Outubro, 42-B

As 14, 16.15, 18.30 e 21.30
– Int. men. 13 a
O REGRESSO DO ESPIÃO

ODEON 328283/4

R. Condes, 12 a 20

Às 15.15, 18.15 e 21.30
– Int. men. 13 a.
OS HERÓIS DE TELEMARK

PATHE 821933

R. Francisco Sanches, 122

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
EU SOU MINHA

Uma cena do filme «A cidade branca». Realizado por Alain Tanner. Em exibição [illegible]

QUARTETO 771378

R. Flores de Lima, 16

SALA 1
As 14, 16, 18, 20 e 22
ANGÚSTIA DE VIVER
As 24
OS CAVALEIROS DA LENDA

SALA 2
As 14, 16, 18, 20 e 21.15
PERIGO IMINENTE
As 23.30
A GRANDE FARRA

SALA 3
As 14, 16, 18, 20 e 22
CONTOS DA LOUCURA NORMAL
Às 24
A MARQUESA D'O

SALA 4
As 14.30, 16.45, 19 e 21.15
– M. 18 a.
CIDADE BRANCA
As 23.30
A VIDA É BELA

ROMA 887778

Av. de Roma, 14 M-N

Às 15, 17, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a.
TIGER JOE
2.ª Semana

ROXY 548560

Av. Almirante Reis, 20

Às 14, 16.30, 19 e 21.30
– N. ac. men. 13 a.
O REGRESSO DA TURMA DOS MALANDROS

S. JORGE 579144-579344

Av. da Liberdade, 175

S. JORGE SALA 1

As 13.45, 17.30 e 21.15
N. ac. men. 13 a
GANDHI
6.ª Semana

S. JORGE SALA 2

As 14, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
VICTOR, VICTORIA
13.ª Semana

S. JORGE SALA 3

Às 21.45 – Int. men. 13 a
THE GRADUATE
(A PRIMEIRA NOITE)

SATÉLITE 562632

Av. Fontes Pereira de Melo, 61

As 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30
N. acons. m. 13 anos
DO FUNDO DO CORAÇÃO
Às 24
CARRIE

7.ª ARTE 730715

Av. Republica, à Est. de Entre Campos Junto ao n.º 68

As 14.30, 17, 19.10, 21.30 e 23.45
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE, QUANDO ELE ERA ELA
Domingo às 11.15
OS 12 TRABALHOS DE ASTÉRIX

STAR

Av. Guerra Junqueiro

Às 15, 18.1[illegible]
– N. ac. me[illegible]
A VIDA É UMA FES[illegible]
3.ª Semana

TERMINAL 371573

Estação do Rossio

As 11, 13, 15, 17, 19 e 23.30
– N. ac. men. 13 a
TOOTSIE, E QUANDO ELE ERA ELA
6.ª semana

TIVOLI 570595

Av. da Liberdade, 18[illegible]

Às 21.30 – N. ac. men. 13 a.
A BATALHA DE MIDWAY
Às 14, 16.3[illegible]
ENIGMA

VOX 680808

Av. Fr. Miguel Contreiras, lote 379

Às 15, 18.15 e 21.40
– N. ac. men. 13 a
OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS
42.ª Semana

XENON 368480

Av. da Liberdade, 9

Às 14.15, 16.30, 19 e 21.30
– Int. men. 13 a
EU SOU MINHA
Às 23.45
ACQUASANTA

outros cinemas

Lisboa

ALFA-1 – «Scauners», às 21.30 (18 anos)
ALFA-2 – «E. T. o Extraterrestre» às 21.15 (6 anos)
ALFA-3 – «A Fúria do Herói», às 21.45 (16 anos)
QUINTETO – «Suru o Rebanho» às 21.30 (13 anos)
ZODÍACO – «Táxi Driver», às 21.30 (18 anos)
CINE-ESTÚDIO ACS – «A Rainha dos Diamantes», às 21.30 (18 anos)
MUNDIAL – «E. T. o Extraterrestre» as 21.30 (13 anos)
às **CAPITOLIO** – «Delírios de Prazer», 21.00 e 23.00 (18 anos)
OLÍMPIA – «A Casta Matulona», sessões permanentes (18 anos)
2000 – «A Felina», às 21.30 (18 anos) anos)
ROYAL – «Sobe e Desce», às 21.30 (6 anos)
RESTELO – «Fuga para a Felicidade», às 21.30 (18 anos)
PROMOTORA – «O Terror dos Bárbaros», às 21.30 (13 anos)

Linha de Cascais

ALGÉS – Stadium – «A Estrangeira», as 21.30 (13 anos)
PAÇO DE ARCOS – Chaplin – «Rolling Stones», às 21.15 (13 anos)
OEIRAS – Oeiras-Cine – «Os Deuses Devem Estar Loucos», às 21.15 (13 anos)
PAREDE – Royal-Cine – «A Espada e o Feiticeiro», às 21.30 (18 anos)
SÃO JOAO DO ESTORIL – Cinelândia – «Os Salteadores da Arca Perdida», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Casino – «Átila», às 21.15 (13 anos)
ESTORIL – Palácio – «A Homenagem», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Impala – «Na Pista da Pantera», às 21.30 (13 anos)
CASCAIS – Oxford – «O Poder do Dinheiro», às 21.30 (13 anos)

Linha de Sintra

AMADORA – Cine-Plaza – «Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão», às 21.30 (13 anos)
AMADORA – Lido – «O Soldado», as 21.30 (18 anos)
AMADORA – Cinestúdio – «A Diva e os Gangsters», às 21.30 (13 anos)
CACÉM – Cine-Estúdio Flores – «Os Rapazes da Companhia C», às 21.30 (18 anos)
MEM MARTINS – Cine-Chaby – «Vingança Forçada», às 21.30 (18 anos)
SINTRA – Carlos Manuel – «O Varredor», às 21.30 (6 anos)
ERICEIRA – Cinestúdio – «Febre de Velocidade», às 21.15 (13 anos)

Outra banda

COSTA DE CAPARICA – Silcine – «Rocky III», às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Cine-Estúdio – «Uma Comédia Sexual numa Noite de Verão» às 21.30 (13 anos)
ALMADA – Incrível – «007 Missão Ultra-Secreta», às 21.15 (13 anos)
ALMADA – Academia – «A Fúria do Herói», às 21.15 (16 anos)
TRAFARIA – Pavilhão Jardim – «Os Homens da Montanha», às 21.15 (13 anos)
SETUBAL – Júpiter – «O Demolidor» às 21.15 (13 anos)

Porto

AGUIA – «A Sombra do Passado» as 21.30 (13 anos)
PASSOS MANUEL – «E. T., o Extraterrestre», às 21.45 (6 anos)
SÃO JOÃO – «A Bênção do Anjo Negro» 21.30 (18 anos)
TRINDADE – «Átila», às 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-A – «O Último Acto» as 21.30 (13 anos)
LUMIÈRE-L – «O Meu Sócio Invencível», às 21.45 (13 anos)
CHARLOT – «O Padrasto», as 21.30 (18 anos)
JULIO DINIS – «A Turma dos Repetentes», às 21.30 (13 anos)
OLIMPIA – «Perseguição sem Regresso», às 21.30 (13 anos)
PAIONE – «Absolvição», 21.30 (13 anos)
PEDRO CEM – «A Diva e os Gangsters», às 21.30 (13 anos)
RIVOLI – «Os Gloriosos Malucos das Maquinas Voadoras», às 21.30 (6 anos)
BATALHA – «Os Guerreiros de Bronx», às 21.40 (16 anos)
FOCO – «Rolling Stones», às 21.30 (13 anos)
VALE FORMOSO – «Shaolin desafia Ninja» 21.30 (13 anos)

farmácias

Lisboa

PERMANENTE
(Hoje)

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES: Pais, R. Abade Faria, 22-A (T. 883965); **ALVALADE: Brisália**, Av. Rio de Janeiro, 66-66-A (T. 882368); **AVENIDAS NOVAS: Fátima**, Av. 5 de Outubro, 147-A (T. 763107); **BAIRRO AZUL: Sirius**, R. Fialho de Almeida, 38-A (T. 544000); **BAIXA: Barral**, R. Augusta, 225 (T. 361534); **BELÉM: Bom Sucesso**, R. Bartolomeu Dias, 63-A (T. 611454); **CALHARIZ DE BENFICA: Rebocho**, R. Tenente-Coronel Ribeiro dos Reis, 12-B (T. 743871); **CAMPO D'OURIQUE: Pinheiro**, R. Campo de Ourique, 135 (T. 686640); **CHELAS -COLÉGIO VALSSASINA: Serra**, R. Luís Cristimo da Silva, lote 221, loja 133, Zona 2, Chelas; **LUMIAR: Alameda**, Al. das Linhas de Torres, 201-B (T 790942); **SANTOS: Fontoura de Carvalho**, R. Santos-o-Velho, 12 (T 662075). **ALGÉS: Dias & Saraiva**, R. Major Afonso Pala, 19 (T. 2114487); **ODIVELAS: Nabais Vicente**, R. A, lote 19-A, loja, Urbanização Codivel; **PONTINHA: Leitão Ribeiro**, R. A do Falcão, 3-A (T. 9939692)

PERMANENTE
(Amanhã)

ALVALADE: Líbia, Av. da Igreja, 4-B-C (T 891681); **ARCO DO CEGO - ESTEFÂNIA: Délio**, R. Açores, 32-34 (T. 572388). **AVENIDAS - DUQUE D'ÁVILA: Cosmos**, Av. João Crisóstomo, 44-C (T. 40592), **BENFICA -BAIRRO DE SANTA CRUZ: Lavinha**, R. Eng. Paulo Barros, 28-A (T 708242); **CAIS DO SODRÉ: Africana**, R. Bernardino Costa, 43-45 (T 369120); **JARDIM DOS ANJOS: Confiança**, Av. Almirante Reis, 46-B (T 821653); **LAPA: Paiva da Costa**, R. da Lapa, 105-107 (T 664414); **CHELAS: Sacramento**, R. Actriz Palmira Bastos, lote 42 (T 384904); **RATO: Cunha**, R. Escola Politécnica, 18 (T 325455), **SANTO AMARO: Botânica**, R. da Junqieora, 38-40 (T 638132); **XABREGAS: Salter**, R. Xabregas, 63-65 (T. 381185); **ALGÉS: Combatentes**, Av. Combatentes da Grande Guerra, 166 (T. 2104953), **BRANDOA: Brito**, R. do Colégio, lote 32-B (T 993351); **ODIVELAS: Leitão**, R. Guilherme Gomes Fernandes, 62 (T 910051), **REBOLEIRA -AMADORA: São Jorge**, R. Pedro del Negro, 3-D (T 938703)

Linha de Cascais

CAXIAS: Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A (T 242839). Até às 22 horas; **OEIRAS: Alcântara Guerreiro**, P. Residencial Dr. Augusto de Castro, lote 10 (T. 2430691) Permanente; **PAREDE: Macau**, R. J. Elias Garcia, 42 (T. 2471785) Permanente; **CASCAIS: Cascais**, R. Conde Monte Real, Bairro das Caixas (T 282407) Permanente

Linha de Sintra

AMADORA: Central, Av. Cardoso Lopes, 25 (T 932210). Permanente; **DAMAIA: Confiança**, R. Bartolomeu Dias, lote D (T. 9710231). Permanente; **QUELUZ: André**, Av. Elias Garcia, 151 (T 950043). Até às 22 horas; **CAMARATE;: Mendonça**, Apelação Até às 19 horas; **CACÉM: Rodrigues Garcia**, Av. dos Bons Amigos, lote 5-D (T 9243693). Permanente; **MEM MARTINS: Cristina**, Av. Vitorino Nemésio, 14-A (T. 9214820) Permanente; **MERCÊS: Claro Russo**, R. Abade Faria, 2-A (T 9215275). Até às 22 horas, **RIO DE MOURO: Riomouro**, Av. Óscar Monteiro Torres, 6 (T. 9260194). Até às 22 horas; **COLARES: Abreja** (T 9290088); **SÃO PEDRO DE SINTRA: Valentim** (T 980456) Permanente.

MOSCAVIDE: Varela, Av. Moscavide, 44-B (T 2518520) Permanente

Outra Banda

ALMADA – Reis, R. Comandante António Feio, 19 (T 2750504). Até às 22 horas; **COVA DA PIEDADE: Avelar da Silva**, R. Dr. Alberto Araújo, 19-A (T 2750337). Permanente; **LARANJEIRO: Oliveira Sérgio**, R. dos Álamos, 2-A (T 2296464). Até às 22 horas, **COSTA DE CAPARICA: Carlos**, Av. do Mar, 34-A, Quinta de Santo António (T 2401060)

Até às 19 horas; **SESIMBRA: Lopes**, R. Cândido dos Reis, 21 (T 2233028); **BARREIRO: Mascarenhas Neto**, R. D. Francisca Azambuja (T 2074446) Permanente; **AMORA: Duarte Ramos**, Cruz de Pau. Até às 22 horas. **SEIXAL Alves Velho**, L. Camões [illegible], Torre da Marinha (T. 221132). Até as 22 horas; **MONTIJO: Montepio**, R. Almirante Reis, 93 (T. 2310035) **MOITA: Silva Rocha**, P. da República, 16 (T. 239029), **ALHOS VEDROS: Portugal**, Av. da Bela Rosa, 8 (T 204250). **ALCOCHETE: Nunes**, L. Coronel Ramos da Costa, 10 (T. 234137); **SETUBAL. Higiene**, R. Frei Agostinho Cruz, 5. Permanente; **Portugal**, R. Camilo Castelo Branco, 34. Até às 22 horas

Porto

DE DIA E TODA A NOITE

GARANTIA, R. Fernandes Tomás, 696; **POMBEIRO**, Campo Mártires da Pátria, 152; **GUERRA**, R. de Costa Cabral, 43, **INVICTA**, R. do Bonfim, 330; **ALVES DA SILVA**, Av. da Boavista 1016

Coimbra

DAS 9 HORAS AS 9 DO DIA SEGUINTE

ESTÁDIO, R. do Brasil 348 r/c (T 72710).

teatros

Lisboa

VARIEDADES – «Há Mas Sao Verdes», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
CASA DA COMÉDIA – «A Marquesa de Sade», às 21.30 (13 anos)
VASCO SANTANA – «Guerra e Paz», às 21.30 (13 anos)
MARIA MATOS – «Os Padres Também se Confessam», às 21.45 (13 anos)
TEATRO ABERTO – «O Suicidário», às 21.30 (18 anos)
D. MARIA II – «Fernando, Talvez, Pessoa», às 21.30 (13 anos)
D. MARIA II – Sala Experimental – «Orpheu», às 21.45 (13 anos)
MARIA VITÓRIA – «Sem Rei nem Rock», às 20.30 e 22.45 (18 anos)
ABC – «E Sempre a Votar», às 20.30 e 23.00 (18 anos)
CONTRA-REGRA – «A Dança de Roda» 21.30 (13 anos)
ACADEMIA ALMADENSE – Teatro de Campolide – «Anastas», às 21.30 (13 anos)

Porto

CAMPO ALEGRE – «Um Cálice de Porto», às 21.45 (13 anos)

DL

PORTE PAGO

Propriedade, Composição e Impressão:
RENASCENÇA GRÁFICA, SARL
Administração Redacção Publicidade
e Serviços Técnicos
RUA LUZ SORIANO, 44 – 1200 LISBOA
TELEFONES 321154/5 – 320271/2/3
Publicidade 368740
Serviço de noite (depois das 21)
Porteiro 321154
Redacçao 320271/2/3

Depósito Legal n.º 1426/82
Endereço Telegráfico DIBOA
Telex 12363 LISBOA PORTUGAL
DELEGAÇÃO DO PORTO
Rua do Almada 30-2.º – 4000 PORTO
Telefones 20954/5

Distribuição INTERPRESS
Rua do Norte, 115-1.º – 1200 LISBOA
Telefones 322100-322204-320784

MARES DE HOJE
PREIA-MAR BAIXA-MAR
12.40 3,1 m 5.59 1,7 m
24 55 3,3 m 18.20 1,7 m
Dia 8
6.48 1,5 m
13 27 3,3 m 19.06 1,5 m

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS

V. CASTELO	15°
BRAGANÇA	12°
VILA REAL	12°
PORTO	14°
P. DOURADAS	9°
COIMBRA	14°
C. CARVOEIRO	15°
PORTALEGRE	15°
LISBOA	17°
ÉVORA	18°
BEJA	17°
SAGRES	16°
FARO	21°
P. DELGADA	13°
FUNCHAL	18°

tempo

PREVISÃO DO TEMPO PARA AMANHÃ

Céu pouco nublado tempo ameno vento muito nublado vento geralmente fraco

últimas

NA ALDEIA DAS AÇOTEIAS 600 agricultores de várias zonas do País participam hoje, nas Quintas Jornadas das Caixas de Crédito Mútuo Agrícola do Algarve. O encontro inclui uma exposição subordinada ao tema «Integração Horizontal e Desenvolvimento Regional Participado» e uma conferência sobre «O Pensamento Pedagógico de Sérgio e a Escola Portuguesa de 80», a cargo de Santana Castilho. Na agenda dos trabalhos figura também a discussão da problemática do sector com incidência para o regulamento da Caixa Central Agrícola, recentemente criada pelo Governo.

DE FACA EMPUNHADA foram roubados de uma mercearia situada na Rua João do Outeiro ao Socorro, em Lisboa, um fardo de bacalhau, 40 pacotes de tabaco, dois relógios e a própria faca com que foi intimidado o merceeiro, vítima dos três assaltantes. Um dos indivíduos ficou ao volante de um automóvel e os outros dois, de 25 e 30 anos, mais ou menos, entraram sem «ferramenta para assaltar», pelo que terão deitado a mão à faca que estava à vista e executaram o golpe, transferindo os artigos para o carro.

UMA SERVIÇAL DOMÉSTICA que atendeu à porta uma cigana, seria convencida a entregar 150 contos de valores pertencentes ao patrões para conseguir exorcizar uns malefícios que, segundo a pitonisa, se desenhavam nos horizontes da jovem criada. Passou-se numa residência da Avenida Duarte Pacheco em Lisboa

Eanes inaugura exposição

Continuação da pág. 1

forma singular e própria, se revelar através desta exposição do Conselho da Europa como um interlocutor natural e histórico e entre o continente europeu e esses novos mundos encontrados há quatrocentos anos».

No seu discurso, o secretário-geral do Conselho da Europa afirmou que «esta magnífica exposição demonstra como os portugueses foram os primeiros artistas destas descobertas, e por isso mesmo, muitas vezes os pioneiros da investigação científica na sua época». «Mas é igualmente manifesto que existia já, uma vasta cooperção entre os países europeus, que me apraz encontrar nesta exposição», sublinhou Franz Karasek.

O último discurso foi proferido por Lucas Pires. «Esta exposição, afirmou a dado passo, não quer trazer de volta os fantasmas do passado. Não estamos perante um exercício mitológico de autopurificação.»

Para Lucas Pires, a Exposição do Conselho da Europa «mostra que somos europeus há muitas décadas», razão por que ela «quer ser o laço de amizade entre todos os países europeus e do mundo, numa mesma esperança de Renascimento».

PSD: para lá da "aventura", para lá da Oposição...

Sociais-democratas em Conselho aguardam o "correio" socialista

O PSD está para lá da aventura — esta foi a expressão, repetidamente utilizada, por Mota Pinto, ontem na RTP, no tempo de antena que assinalava o IX aniversário do partido. Com este argumento, o líder social-democrata deverá fundamentar a opção maioritária da Comissão Política, esta tarde, perante o Conselho Nacional: o acordo governamental com o Partido Socialista.

E, parafraseando, um cantor português, o PSD está «para lá da aventura, para lá da Oposição», isto é, a minoria do partido — e só uma pequena minoria — estaria disposta a que os populares-democráticos passassem à oposição. Para além dos casos conhecidos e a que temos feito referência, Ângelo Correia, José Vitorino, Marcelo Rebelo de Sousa, Miguel Júdice, Rui Almeida Mendes, surge agora o nome de Cavaco Silva. Quanto às distritais, muitas delas afectas a Pinto Balsemão (13) poderão não hostilizar esta decisão da direcção política do partido. Antes do Conselho Nacional, alguns dirigentes distritais almoçaram com o prof. Mota Pinto.

Os prejuízos sem o Poder?

Acordo de incidência governamental ou acordo governamental são as duas opções que se colocam, esta tarde, ao Conselho Nacional do PSD. «Se temos de apoiar o Governo, ao menos que tenhamos uma palavra a dizer» — dizia-nos um destacado dirigente que apoia a solução governamental. Esta tarde, alguns dirigentes sociais-democratas, poderão protestar pelo facto de terem havido já contactos informais entre Mota Pinto e Mário Soares. Por parte da direcção política do PPD há o compromisso de convocar novo Conselho Nacional, antes da ratificação de qualquer acordo com o PS.

Ao contrário do que foi dito, Mota Amaral encontra-se em Lisboa. Curiosamente, o presidente do governo regional dos Açores estava instalado no mesmo hotel onde, ontem à noite, se realizava um colóquio de aniversário do PPD. No «hall» do hotel, Mota Amaral não se deslocou à sala da conferência.

programa de Governo, número de Ministérios, presidência da Assembleia da República, são algumas das alíneas que Mota Pinto e Mário Soares discutirão no primeiro encontro oficial, já na segunda-feira, depois desta tarde, o Conselho Nacional receber o convite do secretário-geral do Partido Socialista. Adiada parece a questão das eleições presidenciais. Tal como aqui afirmámos, os sociais-democratas vão exigir que Mário Soares não abandone o Governo para preparar as presidenciais, ou então, o acordo governamental tem uma incidência apenas para os próximos dois anos.

O fundador — o «chefe»

único fundador do PSD ainda no partido, para falar na rádio sobre o IX aniversário, Mota Pinto preenchia o tempo da antena na RTP. Dois discursos: o de Pinto Balsemão, a lamentar-se ainda de «traições» de «processos» pouco éticos de alguns dirigentes do partido. O de Mota Pinto, foi um discurso virado já para o Conselho Nacional desta tarde.

«Ninguém pode lavar as mãos quando está em causa o interesse nacional» – afirmou Mota Pinto.

Em sua opinião, «porque é o País, porque é Portugal que está em causa, não é apenas o PSD, que está vinculado a colaborar na superação da crise, ao contrário do estado de espírito colectivo que surpreendentemente se vem procurando criar».

E acresentou: «O interesse nacional vincula todos os partidos democráticos, sem excepção, e exige uma solidariedade autêntica e efectiva de todos os órgãos de soberania, no âmbito das suas competências».

À aventura, induzam-nos os nossos adversários declarados e os nosso falsos amigos, mas não no-lo peçam os nossos verdadeiros amigos». «Estes, porque o são, acreditam no ensinamento de Sá Carneiro, para quem estava primeiro o País e a Democracia e só depois a ideologia partidária» – acrescentou.

Referindo-se à comemoração do nono aniversário do PSD, o vice-presidente da Comissão Política Nacional dos sociais-democratas, frisou «a dimensão nacional» do seu partido, cuja «pujança foi confirmada pelas recentes eleições legislativas de forma inequívoca».

Sousa Tavares e Marcelo

Também ontem à noite, num colóquio em que se falava nos nove anos do PPD, foi colocada a questão de um acordo com os socialistas. Para além de Ângelo Correia e António Capucho, estiveram presentes Sousa Tavares e Marcelo Rebelo de Sousa.

Sousa Tavares disse ter sido sempre convicção sua que as circunstâncias históricas «obrigariam à coligação do socialismo democrático com a social-democracia», acrescentando que o PSD, na actualidade, «tem a responsabilidade histórica de viabilizar um Governo maioritário e estável», sem o que «a intervenção do Presidente da República será fatal».

Marcelo Rebelo de Sousa sublinhou que em democracia «o interesse nacional passa pela salvaguarda de alternativas de futuro», considerando logo a seguir de extrema gravidade o dizer-se que «o desbloquear de uma situação é caminhar-se para uma só saída».

Para Rebelo de Sousa, em Portugal «há dois grandes partidos de eleitores, o PSD e o PS, e dois grandes partidos de militantes, o PCP e o PSD».

Referiu, ainda, que o PSD não é um partido «colado ao Poder por definição» e que os socias-democratas «devem apostar no futuro».

«No futuro – acentuou – a derrota numa batalha não é a derrota numa guerra».

Governo cria Instituto de Estudos Africanos

Com base no incremento das relações com os países africanos, em especial com os de expressão portuguesa, o governo resolveu criar na dependência da reitoria da Universidade de Lisboa, o Instituto de Estudos Africanos. (IEA)

O IEA será dotado de personalidade jurídica e de autonomia administrativa e financeira e enquanto não dispuser de instalaçãoes próprias, funcionará nas instalações da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, na Universidade Nova de Lisboa.

Caberá ao IEA organizar e orientar actividades de ensino e investigação no domínio dos problemas relacionados com a antropologia, a etnologia, a sociologia, a história e outras áreas das ciências sociais.

O IEA poderá ainda prestar apoio técnico às acções de cooperação com os diversos países africanos, organização e realização de cursos de pós-graduação especializados em assuntos africanos e de cursos de divulgação ou de curta duração. A implementação e coordenação de projectos de investigação nos domínios da sua actividade específica.

O IEA fica sujeito a regime de instalação pelo período de um ano, prorrogável por igual tempo. A comissão instaladora será constituída por três membros, 1 presidente e 2 vogais, a nomear por despacho do ministro da Educação, ouvido a reitor da Universidade Nova de Lisboa.

Os professores e investigadores da Universidade Nova de Lisboa e de outras instituições de ensino, poderão ser convidados a colaborar nas actividades do IEA, mediante autorização do reitor, sob proposta da comissão instaladora.

"Envergonhamo-nos de ter feito isto mas a culpa não foi "nossa"

Director da "Stern" admite que são falsos os diários de Hitler

O semanário oeste-alemão «Stern» anunciou, oficialmente, a noite passada, que suspenderá a publicação do «Diário Íntimos» de Hitler, identificados como apócrifos pelo Departamento Criminal Federal e pelos Arquivos Federais

O director do semanário de Hamburgo, Henri Nannen, declarou, numa entrevista à primeira cadeia de Televisão, que a «Stern» «porá este caso a limpo». «Evidentemente, acrescentou, identificaremos a nossa fonte. Não podemos proteger um falsário».

Duas semanas exactas após o anúncio, grandemente apoiado pela publicidade, de que a «Stern» iria publicar 60 cadernos do «Diário Íntimo» de Hitler, o director do semanário reconhece ter sido enganado por um ou mais falsários.

O repórter da «Stern», Gerd Heidemann, que havia afirmado ter descoberto as notas íntimas do ditador após três anos de pesquisas, recusou, sempre, revelar o nome da pessoa que lhe entregou os documentos.

Contudo, num longo depoimento, publicado em 25 de Abril, Heidemann revelou como, após a compra do antigo iate do marechal Hermann Goering, o «Carina 2», recebeu informações sobre a existência do diário do ditador.

O director da «Stern» desculpou-se, hoje, para com os seus leitores, declarando: «Temos vergonha».

Para Nannen, trata-se, agora, de tentar reparar o mal que este caso causou ao semanário. Segura da autenticidade dos documentos, a «Stern» havia, mesmo, aumentado a sua tiragem para 2,3 milhões de exemplares, isto é, mais 400 000 que habitualmente.

«Se este caso der para o torto, havia recentemente declarado o chefe de redacção, Peter Koch, fretaremos o barco de Heidemann, «Carina 2», partiremos para o mar do Norte e abriremos as comportas.»

Nannen, por seu turno, nada quis dizer sobre as consequências pessoais deste caso para os responsáveis da redacção.

Entretanto, a revista «Paris-Match» decidiu não publicar mais excertos do «Diário de Hitler», em face do comunicado que o Ministério do Interior Federal acaba de publicar em Bona, negando autenticidade a esse documento, indicou a direcção da revista francesa.

«Quando a «Stern» propôs os referidos documentos – acrescenta – fê-los acompanhar de três peritagens internacionais, anexas ao contrato, que não deixavam lugar a dúvidas». Neste momento, a direcção de «Paris-Match» considera «seu dever suspender a publicação de qualquer excerto, enquanto não se esclarecer este caso».

O «Sundy Times», por seu turno, anunciou que não vai publicar excertos do «Diário de Hitler» cuja autenticidade acaba de ser negada pelos arquivos da Alemanha Ocidental.

Num comunicado publicado esta tarde, Athur Brittenden, um dos administradores do jornal, declara que «O «Sunday Times» aceita o pareier dos arquivistas alemães, segundo o qual os volumes examinados contêm material que prova que o diário não é antêntico». Nestas condições – acrescenta – «O «Sunday Times» abandona os projectos de publicação».

Em principio, o «Sunday Times» devia iniciar a publicação do «Diário Íntimo» de Adolf Hitler, na sua edição de 8 de Maio.

Finalmente, o semanário espanhol «Tiempo» decidiu suspender, também, a publicação do «Diário de Hitler», indicou, ontem, a revista em comunicado.

No seu documento, enviado à France Presse a «Tiempo», que tinha publicado, 5.ª-feira, o primeiro extracto do diário, afirma que aguarda explicações do semanário alemão federal, ao qual tinha comprado a exclusividade para Espanha, pela soma de 21 milhões de pesetas.

Recorde-se que os especialistas dos serviços oficiais alemães ocidentais chegaram à conclusão da falsidade dos documentos, após análise do papel, da tinta e dos sinetes dos elementos submetidos ao seu parecer.

As investigações históricas atestam, igualmente, a não-autenticidade do diário atribuído a Hitler, acrescentou o Ministério do Interior.

A revista «Stern» anunciara, há precisamente quinze dias, com um grande enquadramento publicitário, a «descoberta» de 60 cadernos manuscritos, apresentando-os como o «Diário Íntimo» do «Fuhrer». Iniciara, entretanto, a sua publicação, apesar das dúvidas formuladas por numerosos peritos sobre a autenticidade dos documentos.

Em face do cepticismo e das acusações de que estava a ser objecto, a «Stern» facultara, a passada quarta-feira três cadernos aos serviços oficiais de Bona para peritagem.

SÁBADO, 7 DE MAIO DE 1983

Diário de Lisboa

Sábado

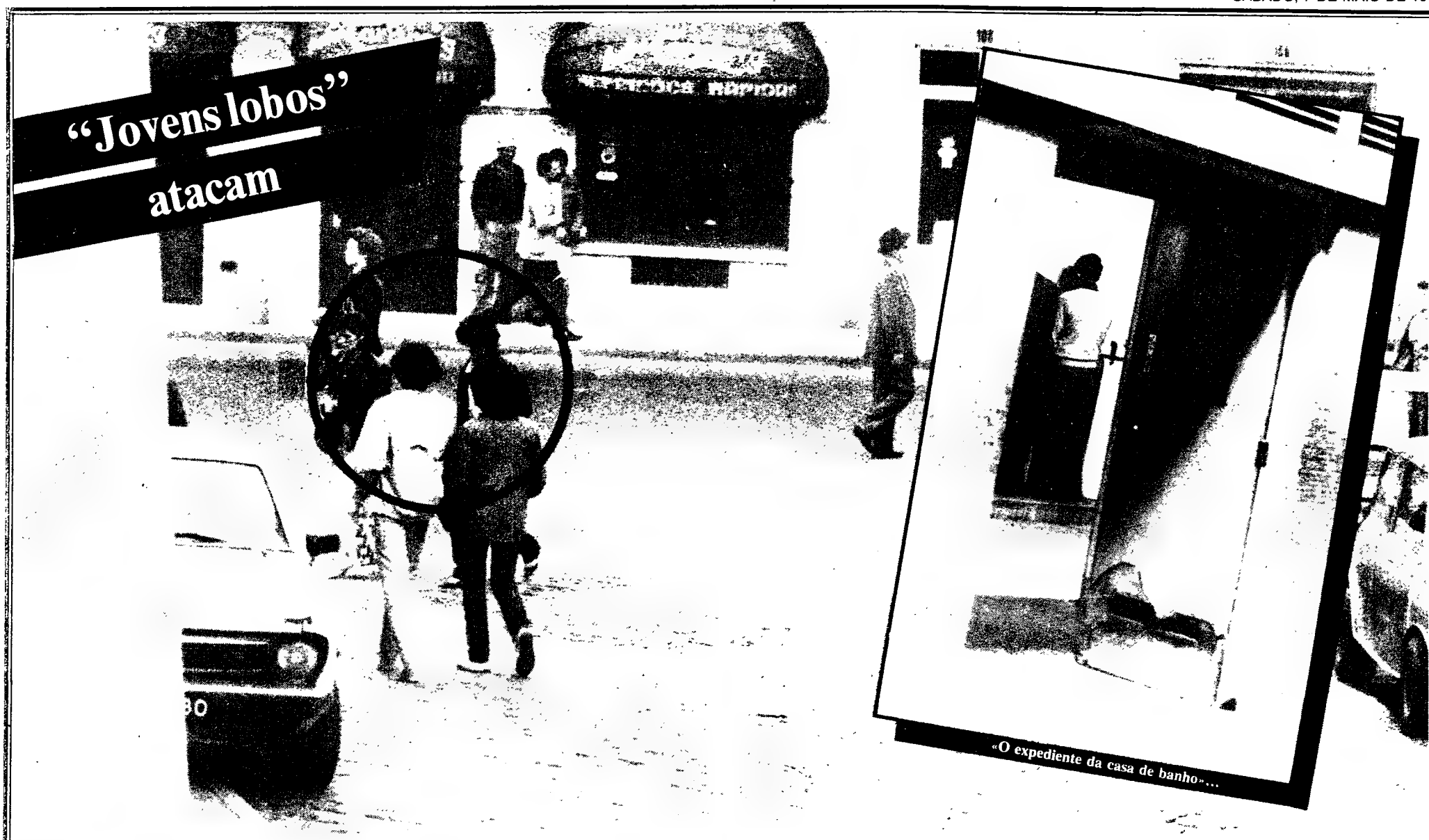
SUPLEMENTO SEMANAL

Natacha: a bela de hoje

Coppola megalómano genial

Nova Iorque: quando os muros são gritos

Em 1969, bandos rivais de jovens confrontavam-se nas ruas da cidade. Susan Keogh conseguiu canalizar esses actos de desespero para uma nova forma de arte: os murrais



O círculo assinala um casal de «jovens lobos» que abandona o centro comercial, depois de detectados. Minutos mais tarde já lá estavam de novo

«À porta, à espera de um sinal»...

O terminal da nossa marginalidade

Vestem um falso cabedal que esconde o seu desespero. Percorrem os corredores, olhares vagos para as montras. São jovens, uns ainda meninos. Mas quando a necessidade aperta, transformam-se em «jovens lobos» e atacam... no Terminal, ali no Rossio, ponta-pé de saída para a marginalidade.

«A escumalha do Cais do Sodré transitou para o Centro Comercial», diz, desabridamente, uma lojista do centro Terminal, no Rossio. Por detrás de uma afirmação bombástica, algo exagerada, se tivermos em conta a tipologia da frequência, fica o conhecimento directo de alguns problemas que se têm passado.

Centro de passagem apressada às horas de ponta, com montras de consumo, o Terminal passou a ser frequentado, como outros estabelecimentos do género, por olhos avidos de consumo que, em cada montra, vêem reflectida a sua imagem sobreposta a preços de seis ou mais números.

São jovens que olham para as calças «genuinamente americanas», segundo se pode ler no triângulo de cartolina que, em algarismos vermelhos, marca a fronteira entre o desejo e a realidade. Outros, ainda meninos, bocas coladas ao vidro, olham para as pastelarias onde estrategicamente expostos, bolos e iguarias estão mais longe do que a espessura do vidro. Estranhamente, muitos deles ignoram as miniaturas coloridas e teleguiadas na vitrine da loja dos brinquedos.

Os bandos de «pixotes»

«Há cerca de um mês, mês e meio, andava por aqui um bando de putos, os mais velhos com dez anos, que roubavam. Agora desapareceram. Parecia um bando de «pixotes». Na comparação com o filme brasileiro, fica a experiência de um jovem empregado de livraria que comenta: «Dizia-se que eram comandados por um tipo mais velho, de Almada. O gajo utilizava os putos, que não podiam ser presos...»

A utilização de juventude é, aliás o próprio tema do cenário. Lojas de cores garridas, jovens empregadas, fazem parte de um novo sistema comercial que consiste em reunir num pequeno espaço várias lojas.

A mensagem comercial é, assim, massiva. Os apetites estimulados. Os frequentadores são apanhados na luta entre o desejo — imaginário e a realidade.

A maior parte deles são dsempregados», constata uma lojista. Outra, a D. Luísa, encarregada de um supermercado, elabora a lista de produtos roubados da sua loja. «Chocolates, que escondem nas malas, e bebidas alcoólicas. Olhe, até tive que mudar o sítio das garrafas para detrás do balcão».

D. Luísa conhece os «ratos» mais assíduos e aponta-os à distância. Quem também os conhece são os guardas de uma empresa privada de segurança que, às horas de ponta, concentram a sua atenção nas escadas rolantes de acesso à plataforma de embarque.

Um casal de jovens, depois de ter tentado a aproximação clássica — encostar ao indivíduo que vai à frente — é descoberto. Umm grito dos guardas faz com que se afastem e acabem por sair do centro. Minutos mais tarde, os «jovens lobos» já voltavam ao ataque.

O «expediente» da casa de banho

Outros, sobretudo rapazes, esperam nos corredores ou nos largos de acesso à estação do Rossio, por um gesto de simpatia.

Então, vagarosamente, dirigem-se à casa de banho da estação, a única que não tem guarda, e a troco de dinheiro, por lá ficam longos minutos.

Numa sala reduzida, portas escancaradas, cheiro intenso, a urina, estão outros que observam os mínimos movimentos dos utentes. Os enganos sucedem-se e, por vezes, as cenas de violência.

Tivemos que cerrar as portas das casas de banho para podermos contar as pernas. Quando lá etão quatro é porque a coisa não está bem». Este processo engenhoso contado por uma empregada dos sanitários do centro comercial, onde depois de instaurado um sistema de controlo não existem problemas, não vigora nos sanitários junto às plataformas de embarque, onde o terreno é dos «arrebentas».

De expediente em expediente, os «jovens lobos» lá estão. Perfilados junto às colunas do «hall», espalhados nos corredores, esperam. Depois é o roubo, a prostituição, pontapé de saída para a marginalidade. Num centro comercial são peões de consumo, para poderem consumir.

N.R.

Quiosques de Lisboa

A indiferença está a dar conta deles

Começaram a povoar a Baixa e zonas ribeirinhas da capital a partir de 1869. Ponto de encontro e de convívio dos pequenos burgueses e operários de uma cidade em contrução, encontram-se ameaçados de extinção. Apenas umas duas dezenas resistem ainda à voracidade da expansão urbana: são os quiosques.

Pequenas construções de estilo oriental, em madeira, ferro, cimento ou pedra, vendem, tal como no passado, bebidas, jornais, lotarias, tabacos, revistas.

Entre o café frequentado por políticos e artistas e os salões da aristocracia dilletante, surgem para ocupar um espaço arquitectónico e social precisos no quotidiano lisboeta do terceiro quartel do século passado.

A sua história é um pouco a do próprio lisboeta. Utilizados por funcionários e comerciantes e mais tarde pelos operários da cidade, os quiosques constituem ponto de encontro dos habitantes da cidade velha, na Baixa e zona ribeirinha, em jardins e passeios.

Ali, em pé, se toma um copo e trocam dois dedos de conversa: à sombra das suas abas protectoras, a coberto do sol violento ou das chuvas arreliadoras.

Mas hoje os quiosques de Lisboa morrem. De velhice e indiferença.

Envelhecimento e indiferença

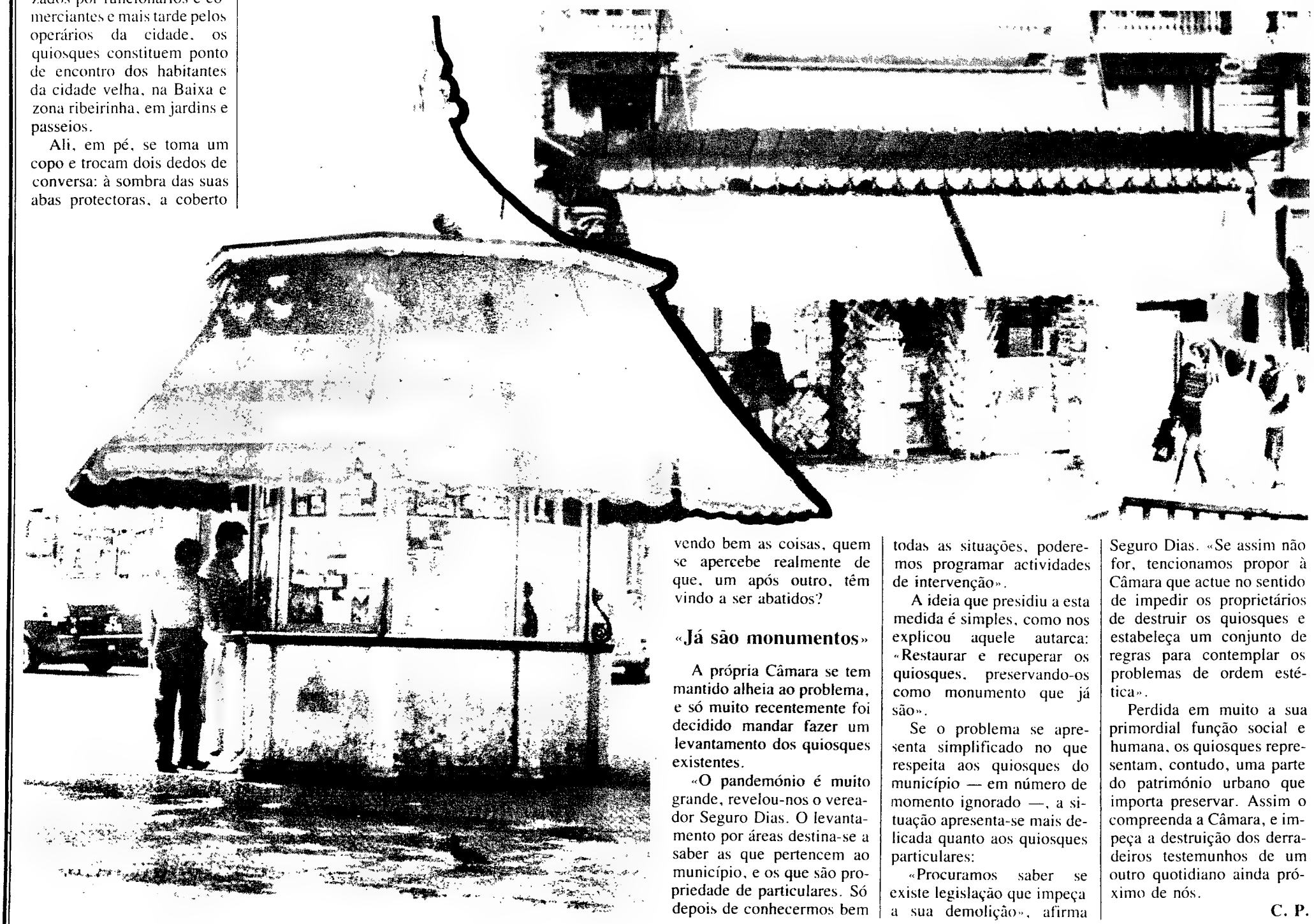
Nas suas funções tradicionais, foram rapidamente ultrapassados. Impotentes para suportarem a concorrência dos cafés, «snack-bares» e cervejarias, os quiosques projectam no nosso tempo os últimos ecos de um passado recente, mas definitivamente encerrado.

Não é negócio próspero o da exploração de um quiosque. E só os lucros justificariam as obras de conservação que não se fazem, ou a recuperação impensável. Não admira, por isso, que as portas se vão fechando e os taipais sejam corridos de vez. Agonizantes, até definitivamente morrerem, em mil bocados inúteis transformados.

Particulares ou municipais, os quiosques ainda existentes resistem mal às mazelas que o tempo subtilmente encrusta nos seus corpos feridos.

Mas, pior do que esse natural processo de envelhecimento, é a indiferença a que se encontram votados.

Na pressa que caracteriza os tempos modernos, pouca atenção lhes prestamos. Dir-se-ia que quase nem ocupam lugar na cidade e na memória, tal a sua reduzida dimensão e volume. E, vendo bem as coisas, quem se apercebe realmente de que, um após outro, têm vindo a ser abatidos?



«Já são monumentos»

A própria Câmara se tem mantido alheia ao problema, e só muito recentemente foi decidido mandar fazer um levantamento dos quiosques existentes.

«O pandemónio é muito grande, revelou-nos o vereador Seguro Dias. O levantamento por áreas destina-se a saber as que pertencem ao município, e os que são propriedade de particulares. Só depois de conhecermos bem todas as situações, poderemos programar actividades de intervenção».

A ideia que presidiu a esta medida é simples, como nos explicou aquele autarca: «Restaurar e recuperar os quiosques, preservando-os como monumento que já são».

Se o problema se apresenta simplificado no que respeita aos quiosques do município — em número de momento ignorado —, a situação apresenta-se mais delicada quanto aos quiosques particulares:

«Procuramos saber se existe legislação que impeça a sua demolição», afirma Seguro Dias. «Se assim não for, tencionamos propor à Câmara que actue no sentido de impedir os proprietários de destruir os quiosques e estabeleça um conjunto de regras para contemplar os problemas de ordem estética».

Perdida em muito a sua primordial função social e humana, os quiosques representam, contudo, uma parte do património urbano que importa preservar. Assim o compreenda a Câmara, e impeça a destruição dos derradeiros testemunhos de um outro quotidiano ainda próximo de nós.

C. P.

Nova Iorque: o povo grita nas suas paredes

Quando Susan Keogh se incorporou no projecto «Guerra à pobreza», do ex-«mayor» de Nova Iorque, John Lindsay, o seu trabalho consistia em actuar junto dos bandos juvenis que assolavam os bairros da baixa nova-iorquina e encontrar um qualquer incentivo que constituísse alternativa à sua conduta anti-social.

Nessa época, 1969, os bandos juvenis rivais encontravam-se permanentemente em luta. Nos «ghettos», a droga, o crime, a prostituição e a gravidez não desejada, constituíam a trama do quotidiano. A frustração e o vazio de esperanças eram o resultado de um círculo vicioso de pobreza. Os edifícios dessas zonas tinham sido abandonados pelos seus proprietários quando a carga fiscal se tornara demasiado pesada. Os inquilinos permaneceram nos velhos imóveis em ruínas, sem aquecimento, muitas vezes sem energia eléctrica.

A ira intensifica as cores

Quando Susan conheceu esses bairros onde chineses, italianos, negros, porto-riquenhos e muitos outros étnicos viviam num mundo à parte, compreendeu que a raiva que levava jovens a uma vida de violência não podia ser ignorada. Não era o momento de se sentar e ensinar coisas sem relação com o dia-a-dia. Assim, abandonando livros e cadernos, encaminhou-se para uma parede nua e começou a pintar um mural. Mostrava todas as facetas da vida no «ghetto»: morte, droga, fome, falta de habitação, polícias e corrupção.

Depressa alguns rapazes guardaram as navalhas nos bolsos dos «jeans» para pegar no pincel. A ira intensificava as cores, o simbolismo era tão transparente como um punho cerrado. Pintavam sobre aquilo que conheciam bem: polícias recebendo subornos, traficantes vendendo heroína. Descobriram uma outra maneira de expressarem a raiva e frustração. E constatavam que, o novo método não conduzia à prisão, antes do reconhecimento da crítica sisuda atraída por «... uma arte de descontentamento, de luta, esperança e revolução. Em resumo, uma arte do povo, uma alternativa ao sistema de galerias de arte e à sua desconexão com a crescente consciência da pobreza deste país».

Hoje os murais fazem parte da paisagem do Lower East Side, onde as demolições deixaram à nu grandes paredes.

Nenhuma destas obras de arte popular mostra flores ou paisagens idílicas. São testemunhos do que pensam os marginalizados, as minorias raciais, os jovens ou o florescente movimento feminista operário.

Como nasce um mural

A experiência inicial de Susan Keogh é hoje centralizada por uma entidade sem fins lucrativos, a Cityarts Werkshop.

Um dos membros da Cityarts efectua um primeiro encontro com o grupo para averiguar o que pretende expressar. Pode ser que se trate de problemas de habitação, de corrupção policial ou de escassez de oportunidades educacionais. Escolhido o tema, o grupo começa a trabalhar em esboços que simbolizem a sua mensagem.

Os esboços circulam pelo bairro onde será pintado o mural, já que se considera muito importante dar origem a um processo de retroalimentação através dos residentes. «Desejamos que toda a gente participe, não que se afaste da arte», explica uma dirigente da Cityarts. Surgem problemas delicados: motivos que podem ofender algumas das raças que convivem em certas zonas. Esse foi, por exemplo o caso do mural Multi-Étnico, no qual se havia colocado, no centro, um enorme crucifixo, o que deixava de fora os judeus. O problema solucionou-se convertendo a cruz num antigo símbolo egípcio de fertilidade e vida.

Finalmente, uma vez limadas todas as arestas e aprovado o projecto, inicia-se a execução. Erguem-se andaimes e prepara-se a superfície do muro.

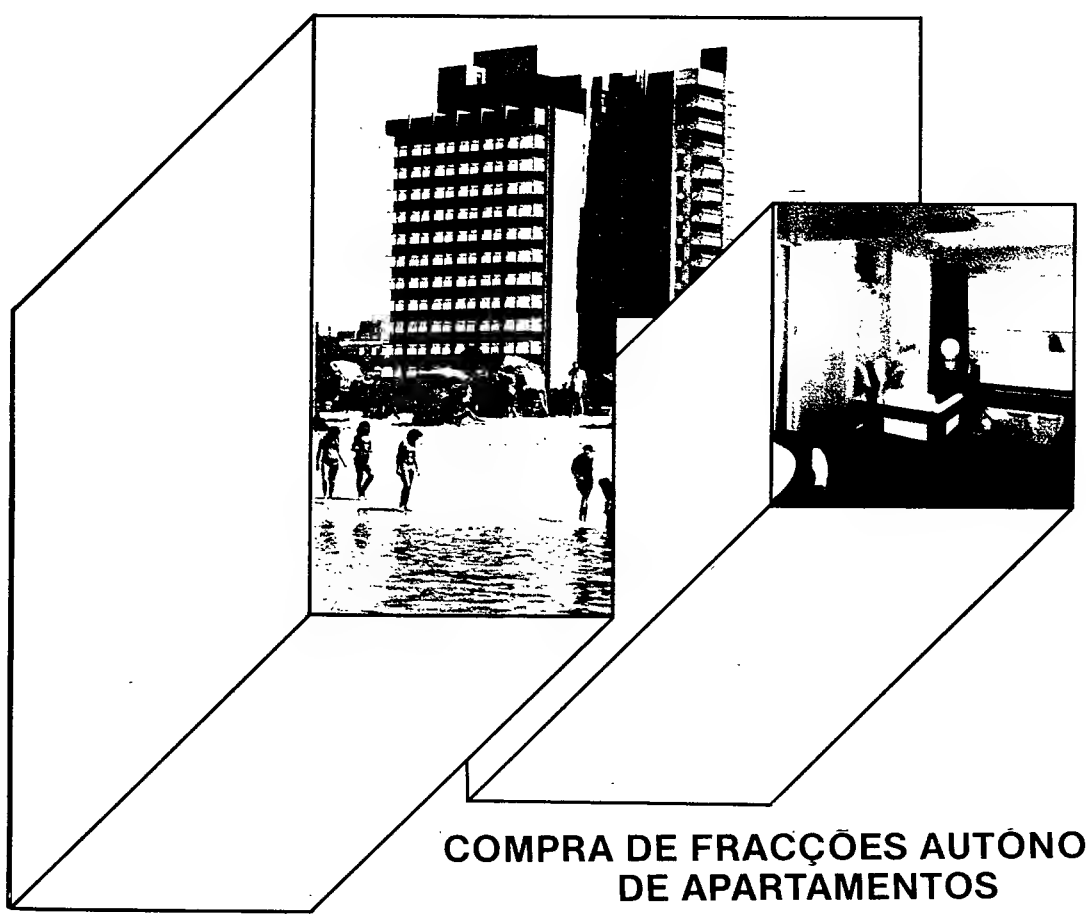
A falta de experiência dos «muralistas» supera-se com uma técnica engenhosa: um exemplo é a projecção de figuras de pessoas em movimento, desenhando-se o contorno da silhueta. O desenho é finalmente ampliado à escala requerida e grupos de 10 a 15 adolescentes dedicam-se a pintar o mural durante o Verão, recebendo frequentemente uma «mãozinha» dos transeuntes.

Pese embora a temática anti-imperialista, os fundos para o financiamento do mural — entre 10 e 20 mil dólares — provêm habitualmente de importantes firmas comerciais. A recessão económica reduziu os projectos da Cityarts que, no entanto, continua a patrocinar uma média de oito murais por ano no Lower East Side.

Como compensação para esta perda de vigor no seu lugar de nascimento, a prática dos murais começou a ser imitada noutras zonas de Nova Iorque e mesmo em Estados vizinhos. Um outro grupo de Mhanattan, o Citty Walls, procura agora alegrar a deprimente paisagem urbana. Contrata artistas profissionais para que desenhem murais e paga a pintores de cartazes para os executarem. É a comercialização da iniciativa de Susan: como presente de aniversário para a mulher, um marido mandou pintar um mural abstracto, usando as suas cores favoritas, colocado de tal maneira que ela o possa ver todas as manhãs, quando se dirige para o emprego...

Os bairros tipo da baixa novaiorquina produziram um novo tipo de arte: murais do povo, pelo povo e para o povo

SEJA PROPRIETÁRIO DAS SUAS FÉRIAS COMPRE EM ESPAÇO T



COMPRA DE FRACÇÕES AUTÓNOMAS DE APARTAMENTOS

A FRACÇÃO AUTÓNOMA DE UM APARTAMENTO TURISTICO funciona no regime de propriedade horizontal, devidamente fraccionada, não por segmentos horizontais mas por quotas-partes temporais.

Desta forma, as pequenas e médias poupanças poderão participar, com total segurança, na jovem e rigorosa indústria do turismo, tornando-se proprietárias de fracções de Apartamentos Turisticos.

AS FRACÇÕES AUTONOMAS DE APARTAMENTOS TURISTICOS são vendidas por escritura notarial e registadas a favor do comprador na respectiva Conservatória do Registo Predial, e serão observadas, com as necessárias adaptações, as regras vigentes para a propriedade horizontal, constando do seguinte:

a) — O inicio e o termo de cada período semanal (1/52 avos) a que corresponde a fracção autónoma do apartamento;
b) — Os direitos do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
c) — Os deveres do proprietário da fracção autónoma do apartamento;
d) — Os poderes e deveres da empresa turística que administra o imóvel.

O proprietário da FRACÇÃO AUTONOMA DO APARTAMENTO TURISTICO poderá onerá-la ou aliená-la, bem como ceder o seu direito de habitação periódica.

A administração do edificio, incluindo as suas fracções autónomas, respectivos equipamentos e recheios, incumbem à empresa turistica que administra o imóvel. O seu preço varia segundo a estação do ano, de acordo com as tabelas turísticas que determinam o preço de aluguer dos apartamentos turisticos em que as fracções estão inseridas.

Em Portugal considera-se o ano turistico dividido em três estações:

ESTAÇÃO BAIXA: Janeiro, Fevereiro, Março, Novembro e Dezembro.
ESTAÇÃO MEDIA: Abril, Maio, Junho e Outubro.
ESTAÇÃO ALTA: Julho, Agosto e Setembro.

Poderá comparar-se um ano turistico com um prédio de andares, com apartamentos todos iguais, mas com preços de venda e rendimentos diferentes, de andar para andar, correspondendo cada andar a uma Estação Turistica. E assim como um prédio pode ser vendido em propriedade horizontal, andar por andar, um apartamento turistico pode ser vendido semana a semana, formando os seus proprietários um condominio de 1/52 avos; isto é, uma FRACÇÃO AUTONOMA DE APARTAMENTO.

ESPAÇO T — um departamento TORRALTA

Quero receber, sem qualquer compromisso, informação sobre FRACÇÕES DE APARTAMENTOS TURISTICOS ESPAÇO T

NOME

MORADA

COD. POSTAL LOCALIDADE

TEL.

Corte e envie para ESPAÇO T, Av. Duque de Loulé, 24
1098 LISBOA CODEX

Origens arranca com pouca força

Depois dos aplausos a «Vila Faia», a nova telenovela parece destinada às reticências ou mesmo aos assobios. De facto alguma coisa não engrena no reino da Abrunheira.

Um estúdio de mil metros quadrados, quarenta décores, meia centena de personagens, uma série de histórias tecidas e entretecidas por Francisco Nicholson, cerca de cem técnicos e actores: é este o **background** de Origens, a telenovela portuguesa em curso, 120 episódios de 25 minutos cada, para preencher o imaginário português a seguir ao jantar.

Actores, muitos e conhecidos: Nicolau Breyner, Paula Guedes, Lia Gama, Florbela Queirós, Curado Ribeiro, Varela Silva, Rui Mendes, Helena Isabel, Mariana Rey Monteiro, Rui de Carvalho, Glória de Matos, etc., etc. Um realizador firmado: Nuno Teixeira. Produção experiente: Thilo Krassmann.

E no entanto aquilo não cola.

A princípio pareceu que o frenesim era a pedra de toque. Todos falavam muito, as cenas eram curtíssimas, saltava-se de uma acção para outra sem motivo. Depois a febre acalmou um pouco. Mas os vícios perenes vieram ao de cima. Personagens mal estruturados (Duarte/Rui Mendes, Luís/Nicolau Breyner, Teresa/Lia Gama), outros indefinidos (Sara-/Helena Isabel), outros sobrecarregados (Julieta-/Glória de Matos, Nando-/António Feio, e, sobretudo, uma grande falsidade nos locais (quer a «Catacumba», quer o hotel são completamente inverosímeis) e nas situações (a relação entre Duarte e Sara, que não anda nem desanda, é mesmo de quem anda aos papéis). Há a sensação de que se multiplicaram as histórias para se conseguir encher o tempo, mas cada uma delas é contada tão devagar que pouca paciência vai sobrando.

A crítica de televisão não tem deixado de anotar estes e outros pontos negativos de j3Origens (um dos mais graves udos quais é a imagem que se dá de como se passa e se consome droga entre a juventude: aquela **boîte** é um disparate pegado, não há nenhum sítio com aquela permissividade). Essa mesma crítica que, oportunamente, soube tecer elogios a **Vila Faia** e, portanto, não parece possuída de apriorística má-vontade.

E o público, como reage? O público vai vendo, vai sempre vendo (é falado em português, feito em Portugal, à partida há um mínimo de audiência garantido), mas será que vai gostando? Valia a pena sondar nesse sentido.

O que parece, porém, certo é que **Origens** não vai conseguir a quase unanimidade de **Vila Faia.** Embora o comboio ainda vá no primeiro apeadeiro e seja sempre possível meter-lhe mais combustível para que ande com outra ligeireza.

Há até quem diga que a campanha eleitoral do CDS na televisão (fabricado pelos homens da Abrunheira) tinha outra dinâmica que **Origens** não atingiu. Más línguas, é claro. Mas é pena que esta segunda telenovela não seja um passo em frente em relação à sua antecessora. Todos tínhamos a ganhar com isso. E, vá lá, com pouco mais de vinte episódios emitidos não vale a pena desanimar por completo. Ainda há tempo de dar a volta a muita coisa.

Henry Kissinger

Alexander Haig

Rock Hudson

Danny Kaye

Dez minutos para salvar um coração

Há quem já fale de revolução. A palavra é excessiva. No fundo trata-se de uma intervenção que pouco ultrapassa os domínios da pequena cirurgia. E não resolve todos os problemas cardíacos. O seu grande mérito reside na simplicidade e na rapidez da aplicação. Isto num domínio em que o factor tempo pode salvar uma vida. A nova técnica não requer mais de 10 minutos para desviar o sangue das coronárias obstruídas.

Barbara Geddes

É uma nova técnica. Bastam 10 minutos para a aplicar. Alguns especialistas até a classificam de "divertida". Até hoje ajudou a salvar políticos e estrelas de cinema conhecidas em todo o mundo.

«Bypass» (desvio) é o nome utilizado por cirurgiões de todo o mundo ao referirem-se a esta técnica operatória destinada a desviar o sangue de artérias doentes.

No que se refere ao coração, limitava-se até agora a uma complicada e dispendiosa operação. Neste momento, especialistas norte-americanos estão convencidos que o novo «bypass», desenvolvido na Universidade da Califórnia, em Los Angeles, permitirá, *nalguns casos*, substituir a demorada intervençao cirúrgica anteriormente utilizada e contribuir para salvar a vida a qualquer coisa como 700 mil doentes/ano, só nos EUA.

Mas atenção: este «revolucionário» processo, que leva apenas 10 minutos a ser executado, não substitui completamente a cirurgia tradicional de «bypass», que só o ano passado salvou a vida a 140 mil americanos, entre os quais nomes famosos da política, do desporto e do espectáculo.

Basta um médico

«Funciona maravilhosamente», afirma o prof. Eliot Corday, um dos especialistas da Universidade da Califórnia, alertando no entanto para o facto da cirúrgia cardíaca tradicional continuar a ser a grande solução.

Segundo o prof. Corday, o que há de espectacular no novo «bypass» é o facto de poder ser aplicado por um único médico, num curto espaço de tempo, além de requerer uma quantidade mínima de equipamento.

Ele explica:

«Introduz-se uma agulha na artéria femural, na virilha, e aplica-se um tubo oco ao extremo da agulha. O tubo passa, depois, pelo exterior do corpo, até uma outra agulha introduzida na veia jugular, no pescoço. Com a ajuda de uma pequena bomba, mantém-se o sangue a circular no tubo. Este processo permite que o sangue corra directamente para o coração através da jugular, «desviando-se» da artéria, ou artérias, trombosadas que provocaram o problema cardíaco».

O prof. Corday acrescenta que se a artéria, ou artérias, não desobstruírem por si próprias, o novo «bypass» permite ao médico injectar, através do tubo, produtos que actuam para dissolver o(s) coáguio (s). Eliminado o problema, tubo e agulhas são removidos.

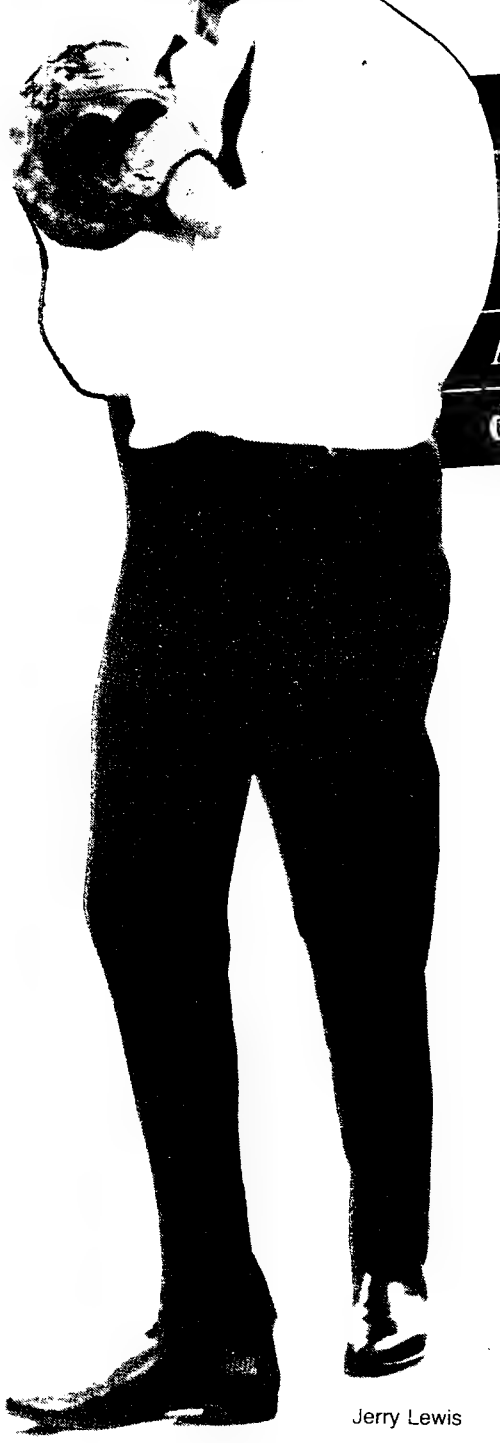
Quando e como

«Desde que o doente seja levado para um centro de emergência no mais curto espaço de tempo, depois de um ataque cardíaco, poderemos provavelmente aplicar-lhe esta técnica», afirma o prof. Corday.

O processo, que nesta altura é suposto estar jé em experimentação em cinco centros médicos norte-americanos, está muito longe da cirurgia convencional de «bypass», a qual requer peito aberto, coração exposto, remoção da veia de uma perna e sua ligação à artéria trombosada.

No entanto, apesar de demorada e dispendiosa,a operação de «bypass» tradicional continua a dar magníficos resultados, além de ser a única possível em casos complicados.

Para o dr. Michael De Bakey, cardiocirurgião de fama mundial, que trabalha na Universidade Baylor, em Houston, Texas, «temos 18 anos de experiência e só no nosso centro ja operamos cerca de 15 mil pacientes pelo método convencional».


Jerry Lewis

«Não vivem apenas mais do que os doentes que não foram submetidos a um bypass , como também são normalmente capazes de retomar a sua actividade anterior». O dr. DeBakey conta que 50 por cento dos doentes com menos de 65 anos, que trabalhavam antes de serem submetidos à operação, regressam aos seus empregos.

Corações famosos

Um dos casos do dr. DeBakey diz respeito a um amigo íntimo, o comediante Jerry Lewis, que em Dezembro passado foi operado depois de sofrer obstrução de duas coronárias. Como muitos outros doentes tratados pelo método de «bypass», Jerry, com 56 anos, chegou ao hospital queixando-se de dores no peito. Enquanto se encontrava em observação, sofreu um segundo e mais grave ataque que não deixou outra opção senão a operação. A sua vida, depois da cirurgia, atesta as vantagens do «bypass».

Uma amiga de Jerry, a actriz Barbara Bel Geddes, de 60 anos, a Ellie de «Dallas», e Danny Kaye, de 70 anos, também foram operados recentemente ao coração. Ambos tinham obstrução de quatro artérias.

Arthur Ashe, de 36 anos, um dos grandes do ténis norte-americano, sofreu um quádruplo «bypass», enquanto a estrela de Hollywoos dos anos 60, Rock Hudson, de 58 anos, bateu todos os recordes: obstrução quíntupla! Em ambos os casos o «bypass» deu resultado e Ashe até já regressou ao ténis.

No mundo da política, o método também tem provas dadas. Alexander Haig e Henry Kissiger, desencontrados na política, empataram em termos de coração: triplo «bypass» em ambos os casos. Só com uma diferença: Kissinger foi reincidente. Haig estreante. No coração como na política.

O dinheiro vai vencer a barreira do sexo

O lendária Arábia Saudita é decididamente o país dos contrastes: riquezas imensas e a provocante pobreza; Universidades e laboratórios ultramodernos e um fanatismo religioso medieval; mulheres obrigadas a usar um véu, impedidas de conduzirem uma viatura, ir a um cinema ou a um café, mas — incrível! — possuindo treze bancos, quatro em Jeddah, nove outras cidades.

Estas empresas são, antes de tudo, consequência directa da mentalidade segregacionista do árabe. Mas não é. A verdade é que as mulheres sauditas possuem neste momento uma percentagem considerável da riqueza nacional.

Apesar do Corão

Trinta e quarenta por cento do total da enorme fortuna da Árabia, eis quanto se calcula que esteja na posse de mulheres, a despeito do direito corânico e saudita que reduz a parte das filhas nas heranças a apenas 50 por cento. Numa família onde existem dois filhos e duas filhas, um legado de doze milhões de riads dá, por exemplo, quatro milhões a cada um dos herdeiros masculinos e dois milhões à parte feminina).

Isto porque, na Arábia Saudita como noutras partes do Mundo, a longevidade feminina é claramente superior à masculina — 6 a 8 anos. Depois porque — e este argumento é muito importante — elas fazem circular menos o seu dinheiro, já que não frequentam os casinos e outros círculos de jogo (geralmente no estrangeiro) os quais lhe estão entreditos pela lei corânica.

Presentes de adeus

Acrescente-se — e trata-se de um detalhe a não negligenciar — que são as mulheres aquelas a quem os homens cobrem de jóias e de presentes de grande valor, sobretudo se elas são jovens e belas. É nesta categoria que se deverão classificar os «presentes de adeus» que os maridos (ricos) oferecem às esposas, mães de diversos dos seus filhos, no momento em que decidem «passá-las à reforma» de serviço. Traduzindo: considerá-las demasiado «usadas» para o amor.

No Médio Oriente, onde floresce a poligamia, esta idade varia entre os 35 anos (máximo) e os 30, mas frequentemente fica-se mesmos pelos 26, 25 ou 24 anos.

Quanto aos presentes, são coisas «simples»: um palácio, quilos de jóias, importantes somas em dinheiro.

... que elas vão gerir

Alá — mas sobretudo o seu Profeta — interditou diversas coisas às mulheres. Mas não as proibiu de serem ricas e gerirem (com inteligência) as suas fortunas.

Quem diz fortuna, diz Banco. Ora, como consequência das relações sociais equívocas entre sexos, as mulheres não são livres de recorrerem a empregados do sexo oposto. Muitas vezes são os próprios maridos — ah, esse velho ciúme do macho! — que as interdita de negociar com homens. Para o fazerem com um vulgar banco, tinham que utilizar os serviços de um parente ou, frequentamente... do seu motorista. Reconheça-se que não é nada cómodo...

Foi somente em 1980 que as autoridades deram «luz verde» à abertura de bancos exclusivamente femininos — simples filiais de outros bancos conde prepondera o elemento masculino.

Logo de início estas sucursais foram um êxito, o que deixa prever que novos bancos alarguem a iniciativa dos treze já existentes.

Sem véu nos negócios

Dado que às raparigas é reconhecido o direito, desde há vários anos, de seguir estudos superiores (médicos, técnicos, comerciais, etc.) não foi difícil encontrar quadros para dirigir os novos bancos. Assim, nestes locais da alta finança, clientes e empregadas estão à vontade. Podem, como nas suas casas, levantar os véus, tomar o seu chá ou o seu café com os clientes em pequenos e luxuosos salões enquanto falam de negócios, investimentos, Bolsa, abertura de contas...

O Corão — sempre Corão — proíbe qualquer lucro proveniente de empréstimos, o que não impede a usura de existir e de prosperar em todos os países islâmicos, sem excepção. Na Arábia Saudita, todavia, os bancos (em geral) não oferecem mais do 5 por cento de juros, correspondendo aos 3 ou 4 por cento da taxa de inflação anual. O que é sempre preferível a esconder o dinheiro ou os lingotes de ouro de baixo do tapete.

Preparar o futuro

Recentemente, um destes bancos femininos, revelou que nalgumas semanas tinha efectuado compras de ouro para os seus clientes no valor aproximado de quinze milhões de dólares.

Mas estes bancos utilizam igualmente o crédito para criar médias e pequenas empresas femininas — casas de modas, salões de beleza, e ainda restaurantes, e fábricas de dimensões modestas.

«Elas não pensam unicamente no presente, mas igualmente no futuro, quando a actual segregação sexual chegar ao seu termo inevitável», afirma a senhora Mouneira Abdellatif, directora de um dos bancos femeninos de Jeddah. «A nossa emancipação está em curso e ninguém a poderá parar»

Política suicida

Citemos alguns números: em 1980, em toda a Arábia, apenas existiam 210 escolas para raparigas; em 1985 deverá haver 4035, enquanto o número de estudantes, incluindo aquelas que o fazem no estrangeiro, aumentou 47 por cento no último ano. Perante este avanço espectacular do nível de conhecimentos femininos, a resistência masculina pode, e deve, recuar pouco a pouco.

Para além do mais — sublinham os observadores — o reino saudita, imensamente rico mas dramaticamente carenciado de população, não pode dar-se ao luxo suicida de continuar a importar cada vez mais técnicos e especialistas estrangeiros (os operários «importados» se as estatísticas não mentem, já são mais do que os autóctones) em vez de apelar para a população feminina.

Conhecem-se já os «mistérios» da população saudita. Oficialmente, são 8 milhões. Na prática, há apenas 4 milhões. E destes, dois milhões e meio são estrangeiros: um milhão de iemenitas, novencentos mil sudaneses, mais uns milhares de paquistaneses, palestinianos, egípcios.. e até algumas dezenas de portugueses.

Perante um tal quadro, seria pura loucura excluir por mais tempo as mulheres da comunidade nacional produtiva.

Léon Saquime

A existência de treze bancos femininos na Arábia Saudita presagia o fim relativamente próximo da segregação sexual da mulher no país do Rei Fahd

ARÁBIA SAUDITA

Diário de Hitler: a grande mistificação?

A descoberta por um jornalista do magazine oeste-alemão «Stern», do «Diário Íntimo» de Hitler, foi anunciada no final do mês passado. Segundo aquela publicação, a divulgação pública dos 60 cadernos das «memórias» do ditador, culminava um trabalho de investigação de três anos, que levou os investigadores à RDA, Áustria, Suíça, Espanha e América Latina.

O «Diário Íntimo» de Hitler, cuja publicação começou a ser feita na passada quinta-feira, cobre o período que vai de 1932, quando o marechal Hindemburgo foi reeleito para a presidência da República, até meados de 1945, ou seja, praticamente até ao suicídio do «fuhrer» no «bunker» da Chancelaria de Berlim.

O documento insere as reflexões do dirigente nazi acerca de todos os acontecimentos marcantes do nazismo e da Segunda Guerra Mundial: a tomada do poder em 30 de Janeiro de 1933, a dissolução do Partido Comunista em Março do mesmo ano, a criação da Gestapo e dos campos de concentração, e as grandes decisões da Segunda Guerra Mundial até ao fim do «Reich de mil anos».

O «Sunday Times», que publicou grandes extractos do diário, foi peremptório em afirmar que o «Diário Íntimo» tinha sido evacuado de Berlim nos últimos dias da guerra a bordo do «Junker 352» do comandante Friedrich Gundlfinger, que acabaria por se despenhar perto de Boernersdorf, na região de Dresden (RDA).

Uma polémica gigantesca sobre a autenticidade dos documentos tem vindo a desenvolver-se na Alemanha e em todo o mundo, um caso a que muitos investigadores e antigos colaboradores do «fuhrer» chamam já de a «grande mistificação do século». Mas as dificuldades para a revista o magazine «Stern» começaram na própria cerimónia de apresentação da obra atribuída a Hitler.

Foi uma surpresa

O ataque de surpresa de dois académicos, um inglês e um americano, deixou sem fala os proprietários do diário, do ditador Nazi, o magazine «Stern», durante a cerimónia de apresentação da obra, em Hamburgo. Pior: Lord Dacre e o prof. Gerhard Weinberg, da Carolina do Norte, tinham sido convidades para... testemunhar a genuinidade do diário.

O seu peso como historiadores deveria dar ao recém-descoberto diário um cunho de autenticidade, numa altura em que outros académicos o olhavam já com suspeição.

Lord Dacre, que chegou a aceitar organizar a publicação do suposto diário de Hitler, em fascículos, nas colunas de «The Times», foi peremptório:

«Fui enganado. A ligação entre o avião que transportou os documentos de Hitler e este diário, não foi provada. Toda esta história é instável. Os textos necessitam de uma investigação profunda. Assim, cheiram a coisa forjada».

A pedrada final foi dada pelo prof. Weinberg quando, inesperadamente, para surpresa dos jornalistas, declarou publicamente que a identificação da caligrafia de Hitler havia sido feita através de outros documentos do ditador e não das próprias páginas do dito diário.

Para os dirigentes da «Stern» foi dramático: sentados atrás de uma bateria de microfones, empalideceram subitamente quando os dois académicos, que deveriam pôr cobro às dúvidas sobre a autenticidade do diário, fizeram exactamente o contrário.

«Um avião caiu»

E no entanto tudo tinha começado bem. Primeiro, os jornalistas assistiram a uma gravação vídeo, com uma hora de duração, em que se contava a história do avião que transportava os papéis pessoais de Hitler, a partir de Berlim, em 1945, e de como o seu rasto acabou por conduzir os investigadores até à Alemanha Oriental. O homem que teria reconstituído a pista, o repórter da «Stern» Ger Heidemann, de 51 anos, aparecia sorridente, num dos écrans gigantes de televisão.

Via-se e ouvia-se o general Hans Bauer contar, uma vez mais, como dera a notícia a Hitler.

Bauer: *Um avião caiu*

Hitler: «Que avião? Não *o* avião?... Oh, o meu testamento para o Mundo está perdido!»

Segundo a «Stern» não foi isso que aconteceu. Os documentos não se perderam. Uma misteriosa jovem teria recuperado todos os papéis

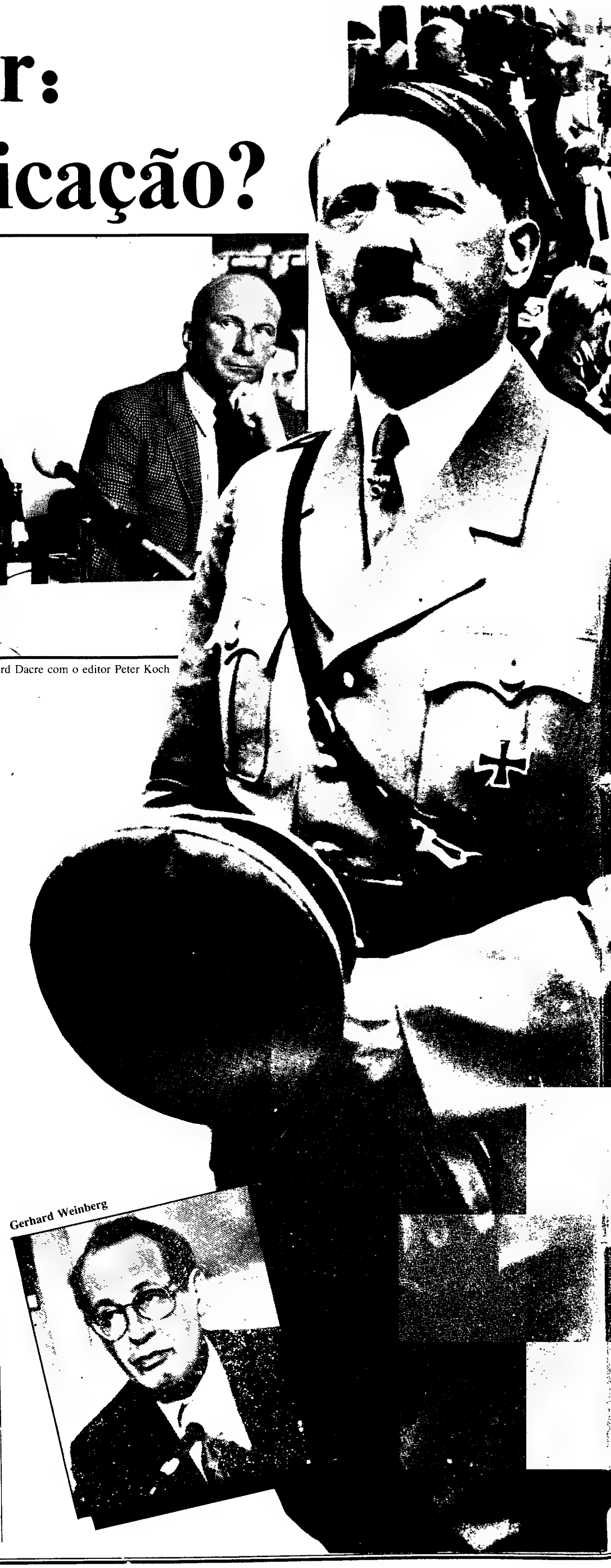
Lord Dacre com o editor Peter Koch

contidos num embrulho pardo que teria sido colocado a salvo. Entre esses papéis estaria o tão falado diário. Metros e metros de filme foram apresentados em apoio da sua autenticidade.

Até aqui, tudo corria sem problemas, que só começariam quando Lord Dacre respondeu a perguntas dos jornalistas.

Toda a questão — disse — *reside na história inseparável do diário e daquele avião. Temos provas de que importantes documentos de Hitler estavam realmente a bordo do aparelho destruído. Mas os documentos que temos perante nós estão necessariamente ligados à história desse avião? A primeira vez que os vi, em Zurique, pensei, talvez erradamente, que a ligação estava estabelecida. Para mim era claro que um homem tinha sido responsável pela segurança dos documentos, em 1945, e que esse mesmo homem reaparecia hoje com eles. Mas agora entendo que as coisas não se passaram como eu julgava.*

Na verdade — prosseguiu — *a ligação entre os documentos e o avião abatido não foi estabelecida. Assim, a prova da autenticidade dos papéis só pôde ser verificada pelo seu exame minucioso. Um julgamento final só poderá ser feito depois de todos os documentos serem examinados. E, a este respeito, devo dizer*



Gerhard Weinberg

Um aspecto da Conferência de Imprensa promovida pela «Stern»

Os alemães parecem ter perdido a sua última grande batalha da II Guerra Mundial — provar que o recentemente descoberto ultravalioso diário de Hitler é genuíno.

Gerd Heidmann, o jornalista que «recuperou» o diálogo de Hitler

que os métodos normalmente utilizados pelos historiadores não foram respeitados, sendo a verificação científica sacrificada ao sensacionalismo jornalístico.

Perguntas e respostas

Diversas perguntas andavam no ar.

Seria verdade que a «Stern» tinha oferecido uma larga soma de dinheiro a um jornal britânico como penhor, caso se provasse que os documentos eram falsos?

Seria verdade que não foi feito qualquer exame laboratorial à tinta com que os documentos foram escritos?

E seria verdade que grafologistas e outros peritos só foram chamados para um exame poucos dias antes da apresentação dos documentos?

Um dos jornalistas presentes colocou a questão directamente a Lord Dacre: «Acredita realmente que este diário é genuíno?»

Dacre: *Não é uma resposta simples. Talvez sejam genuínos, mas ainda há diversas dúvidas por esclarecer. Quero ter acesso aos testes que estão a ser feitos. Para já, não estou seguro de que a ligação entre o avião que transportou os papéis de Hitler e estes documentos tenha sido claramente estabelecida. A «Stern» não me revelou as fontes em que se baseia para gantir a autenticidade dos documentos.* **Pergunta:** A menos que a ligação entre o avião e os documentos seja feita, nunca será possível eliminar todas as supeitas?»

Dacre: *Sem dúvida. Interroguei o jornalista Heidemann. Mostra-se reticente em fornecer as provas que diz ter. E sem isso não haverá garantias de autenticidade. Não dúvida que estes documentos têm todos os elementos necessários para se poder acreditar na sua genuinidade. Mas qualquer documento pode ser forjado. Assim, nada mais posso fazer do que esperar pela opinião dos peritos*

Pergunta: Porque ficou satisfeito quando tomou conhecimento dos documentos, em Zurique, e se manifesta agora tão reticente?

Dacre: *Segundo entendi na altura, os documentos haviam passado apenas pelas mãos de uma pessoa — um oficial da Wermacht — que teria sido responsável pela sua recuperação do avião abatido em 1945. E teria sido este mesmo homem, segundo percebi, que passara os documentos a Heidmann. Perguntei à «Stern» se conhecia a identidade do homem que entregou os documentos. Responderam-me que sim. Agora dizem-me que não foi bem assim. Pode ser que eu tenha percebido mal, mas a verdade é que esta nova posição introduz um elemento diferente em todo este caso. A «Stern» baseia-se apenas na confiança que deposita em Heidemann. Pela minha parte estou certo de que ele fez um trabalho duro e honesto. Mas qualquer um pode ser enganado.*

Um milhão de lucro

O editor da «Stern», Peter Koch, reagiu fortemente. Evocou o «caso Watergate» e frisou que o nome do «garganta funda» não foi, até hoje, revelado, embora tudo o que disse tenha sido aceite, e provado. Defendeu Heidemann, recordando que trabalha há 27 anos para a «Stern» e tem sido responsável por alguns grandes «furos» jornalísticos.

Foi um gesto a todos os títulos meritório, o de Peter Koch. Só que, na sequência da sua intervenção, gerou-se nova reacção na sala onde decorria a conferência de Imprensa para apresentação do diário de Hitler. Ela veio de Gerhard Weinberg:

Todas as provas grafológicas que me foi dado ver foram obtidas de outros pertensos documentos de Hitler e não do seu diário. Com excepção do exame de uma página separada do resto do diário. Por outras palavras, o memorando de grafologistas americanos e da polícia alemã refere-se à caligrafia de Hitler, mas não à caligrafia de Hitler no seu diário. Penso mesmo que é possível que esses peritos nem sequer soubessem da existência do diário quando lhes foi solicitado o teste».

Enquanto aumentava a inquietação na sala, Weinberg prosseguiu:

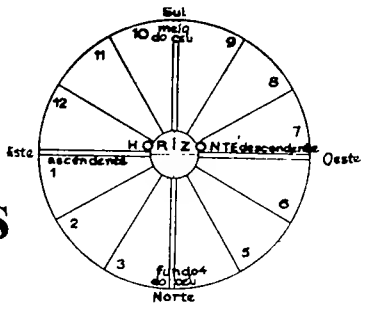
Há um problema que me perturba desde o início: tanto quanto sei, nenhum perito do Terceiro Reich foi autorizado a ver a totalidade do diário a fim de confirmar a veracidade do texto. É vital que seja dada oportunidade a peritos de todo o mundo de testarem a veracidade do documento.

Da parte da «Stern» não houve qualquer dúvida em garantir que essa oportunidade será dada. A um coro de «Quando?», a resposta foi: «Quando o valor jornalístico do documento tiver sido completamente avaliado».

Mas o que significa essa «avaliação jornalística ?». Obter um milhão de libras de lucro, como a revista espera conseguir através da publicicação do diário?

O que não há dúvida é que, se a «Stern» não consegue demonstrar o valor histórico do documento, verá o seu prestígio seriamente afectado.

Pequeno Curso de Astrologia



Do cosmos ao homem

HOJE passaremos a estudar um dos aspectos mais interessantes da Astrologia: as CASAS. Consideradas em geral como uma espécie de parentes pobres dos SIGNOS, estas por vezes não merecem a atenção que lhes é devida, pois para efeito de **interpretação** astrológica, correspondem cada uma delas a um domínio particular da vida, aos fenómenos **concretos** da existência.

É evidente que não podemos dar aqui uma explicação técnica das CASAS e dos diversos processos de **domificação** ou orientação do Zodíaco. Desde a mais alta antiguidade os astrólogos têm-se debruçado sobre este problema e criado vários sistemas de domificação, mas todos estão de acordo sobre as significações principais das CASAS, o que prova a importância destas no conjunto da **carta do céu** ou **cosmograma.**

Doze divisões

As CASAS astrológicas, para um dado lugar, são constituídas pela divisão do espaço, ficando assim dividida a **esfera celeste** em **doze** sectores.

Como se processa esta divisão?

Em termos bastante simplificados, podemos dizer que o **horizonte** do lugar de nascimento divide a **esfera celeste** em dois hemisférios. Depois, temos ainda o **merediano** do lugar de nascimento que «corta» novamente a esfera celeste em duas metades, uma oriental, outra ocidental, o que dá por intercepção, **quatro** partes.

Cada uma das quatro partes é dividida, por sua vez, em três partes, obtendo-se desta forma uma divisão em **doze** partes da esfera celeste, divisões a que se deu o nome de CASAS.

O leitor pode pensar, com justa razão, que esta divisão é arbitrária, mas de facto a prática demonstra que cada um destes sectores da esfera celeste, quando relacionados com posições planetares, tem uma significação muito concreta para efeito de interpretação do **cosmograma.**

Casas e destino

A importância das CASAS reside no facto de representarem áreas de **concretização** das chamadas influências planetares, mostrando as suas direcções de materialização, de efectivação.

Enfim, podemos desde já e de uma forma muito simplificada adiantar que o **1.º sector** ou CASA, tem relação com a personalidade e a constituição física; a II CASA, com as substâncias e matérias-primas em geral, com a posse e perda de bens materiais, com a assimilação, etc.; a III CASA, com as formas de comunicação e relação com todos aqueles que nos são próximos; a IV CASA, com o meio ambiente imeditado: local de trabalho, família, bairro, cidade, etc. e as **reacções** do ambiente **sobre** o indivíduo, etc., etc.

Portanto: na prática, as CASAS de certa forma representam a **orientação** do cosmograma ou carta do céu em relação aos **pontos cardeais.** De facto, em virtude do movimento da esfera celeste (movimento diurno) de Este para Oeste, há sempre um SIGNO que se ergue no horizonte oriental e um outro que culmina. Calcular as CASAS significa, por outras palavras, determinar **que** SIGNOS e a quantos **graus** destes **signos** se encontram tais posições.

Quatro direcções

O ponto do **Zodíaco** que se eleva no Oriente, no horizonte do lugar considerado, e que é determinado pela intercepção do horizonte com a **Eclíptica,** chama-se ASCENDENTE, o famoso SIGNO ascendente de que tanto se fala e que corresponde à **cúspide** ou ponta da 1.ª CASA. O DESCENDENTE situa-se a Oeste e corresponde à **cúspide** da VII CASA. E o ponto do Zodíaco que culmina no meio-dia, é determinado pela intercepção do **merediano** do lugar de nascimento e a **Eclíptica**, chamando-se MEIO DO CÉU (MC) ou X CASA, enquanto que o extremo oposto corresponde à cúspide da IV CASA e chama-se FUNDO DO CÉU (FC) e fica a Norte.

No final de contas, estes quatro pontos cardeais dividem o **cosmograma** em quatro partes ou sectores, que por sua vez são divididos em três partes. O conjunto desta divisão ou sistema de **domificação,** orienta o **Zodíaco** em relação a um ponto considerado: o lugar de nascimento, por exemplo.

V.Q.

A seguir: COMO FAZER UM COSMOGRAMA

Paula Guedes:

Só com Vila Faia› é que descobri o que é trabalhar para 8 milhões

Paula Guedes, 29 anos, actriz de Teatro, Cinema e Televisão, acualmente trabalhando no Novo Grupo de Teatro, a companhia residente do Teatro Aberto, onde faz parte do elenco da peça «O Suicidário», de Nicolai Fredman, ao mesmo tempo que desempenha um dos principais papéis da nova telenovela portuguesa Origens, onde é a dr.ª Patrícia, conservadora do museu.

«Sábado» — Paula, com a educação que recebeste na adolescência, não pensavas seguir a carreira de actriz, pois não?

PG — Não, nunca pensei, a não ser o facto de haver da minha parte uma certa paixão pelo homem que vivia em minha casa, que foi um grande actor e que, por acaso, também era meu pai.

«Sábado» — Então quais eram os teus planos para o futuro?

PG — A minha mãe queria que eu acabasse o sétimo ano e me matriculasse em Histórico-Filosóficas, o que aconteceu em 1974, quando me matriculei em Filosofia na Universidade do Porto. Entretanto, deu-se o 25 de Abril e comecei a andar numa excitação muito grande, tendo abandonado os estudos e partido para Genebra, integrada num grupo de dinamização do MFA, para fazer teatro para emigrantes. Trabalhava de dia a tomar conta de crianças e à noite fazia teatro. Em 1975, como acabasse a verba concedida pelo MFA, regressei a Portugal e foi então que recebi um telefonema do Artur Semedo a convidar-me para um pequeno papel no papel no filme o Rei das Berlengas, que aceitei. Foi a partir daí que começou a germinar a ideia de me dedicar à carreira de actriz, embora já tivesse feito em 1966, a convite da Alda Rodrigues, um papel na peça infantil Pluff, O Fantasminha.

«Sábado» — Qual foi a trajectória desse caminho?

PG — Bem, em 1975, numa das minhas vindas a Lisboa, porque então eu já não conseguia ficar quieta no Porto, apareceu-me um convite para a Casa da Cultura da Margem Sul, onde estive relativamente pouco tempo, tendo só feito dois espectáculos, A Excepção e a Regra, de Brecht, e o Planeta Azul, esta última, uma peça infantil que me deixou más recordações pela forma como em Portugal se fazia teatro para crianças.

«Sábado» — Gostas de crianças?

PG — Tanto posso adorar como detestar crianças, mas tenho muito respeito por elas para lhes transmitir mensagens de atrasados mentais.

«Sábado» — Porquê?

PG — A minha relação com elas é muito difícil, penso que as crianças são terrivelmente verdadeiras, para se ter com elas aquela conversa de palhaços, que eu odeio, dos adultos para elas. Claro que a limitação é minha, pois não consigo fazer teatro para crianças.

«Sábado» — Como é que tu és como pessoa?

PG — Sou muito angustiada e nervosa. Tenho quase trinta anos e não me sinto feliz com o que tenho feito. Quero fazer cada vez mais e melhor. Isto é o comportamento de uma miúda que não cresceu a não ser no tamanho e que quer estar muito agarrada à infância, que para mim é a única maneira de se viver a sorrir.

«Sábado» — Entretanto, surgiu-te o convite da Barraca?

PG — Sim, paralelamente à minha actividade na Casa da Cultura da Margem Sul, eu andava a frequentar um curso na Comuna, dirigido pelo Boal que era na altura o encenador da Barraca, quando se deu a saída da Adelaide João daquele grupo. O Boal falou à Maria

feira popular de lisboa 1983

MANHÃS INFANTIS • TARDES PARA A TERCEIRA IDADE • GALERIAS DE ARTE • MOSTRA DE TEATRO AMADOR • MERCADO LIVRE AOS DOMINGOS DE MANHÃ

Ela é a dra Patrícia na telenovela «Origens». Antes disso, participou em «Vila Faia». Chama-se Paula Guedes, tem 29 anos, muito teatro e oito passagens pelo cinema. Para ela, Nicolau Breyner é o homem dos sete instrumentos... e toca-os todos bem

do Céu Guerra em mim, e no dia seguinte o Manuel Marcelino e ela entraram em contacto comigo, perguntando-me se eu estaria interessada em aceitar um papel na peça O Tiradentes. Fui assistir a um ensaio e decidi aceitar.

«Sábado» — Que espectáculos fizeste tu na Barraca?

PG — O Tiradentes, Ó Qu'isto chegou, Zé do Telhado, D. João VI, Preto no Branco e ainda comecei a ensaiar Fernão, Mentes?, mas saí.

«Sábado» — Foi boa a tua experiência na Barraca?

PG — Sim, foi, gostei muito! Se saí da Barraca foi porque tomei consciência de mim própria depois de tudo o que lá aprendi, tanto com a Maria do Céu como com os outros elementos, em relação a uma carreira, a uma prática teatral, à honestidade que uma pessoa tem de ter como actriz, em relação a um texto. Tudo isso agradeço-o à Barraca.

«Sábado» — Presentemente estás a trabalhar no Suicidário com um ex-elemento da Barraca, o Mário Viegas.

PG — Sim, foi ele que me propôs para sócio da cooperativa, e a minha presença neste grupo tem directamente a ver com ele e com a nossa experiência anterior. Também me aliciou o facto de ir trabalhar com pessoas que já tinham tido trabalhos muito válidos noutros grupos e agora juntos, partiremos todos para uma experiência nova, que foi fundar o Novo Grupo de Teatro.

«Sábado» — Tu tens viajado muito, tanto pela Europa como pelo Brasil. Foram muito úteis para ti as experiências adquiridas neste último país?

PG — Devo dizer-te que desde que conheci o Brasil em 1979, deixei de viajar pela Europa e já fiz três viagens ao Brasil, pois voltei lá em 1980 e 1982. Fiquei fascinada de qualquer das vezes. Quando em 80 estive lá com a Barraca, conheci muitos actores brasileiros que se tornaram meus amigos e me proporcionaram o acesso à Globo, de forma a eu poder estagiar como observadora naqueles estúdios, e assim eu aprendi muito em quatro meses de estágio que fiz.

«Sábado» — Tu és a companheira de um homem de espectáculo, o José Fonseca e Costa, que é um excelente realizador de cinema. Até que ponto influencia ele a tua carreira, a tua maneira de pensar, a tua escolha?

PG — Antes de eu me ligar ao Fonseca e Costa, já era actriz, ou seja, já me tinha estreado tanto em cinema como em teatro. Ele aparece na minha vida mais tarde quando um dia fui visitar o meu pai aos estúdios onde ele estava a rodar Os Demónios de Alcácer Quibir. A partir desse dia e depois de uma longa discussão que tivemos, decidi-me definitivamente pelo teatro e... a nossa ligação começou.

«Sábado» — Com quem é que tu mais gostaste de trabalhar em cinema?

PG — Foi com o José Álvaro de Morais, realizador do filme O Bobo, mas há outro cujos filmes me fascinaram sempre, o Fonseca e Costa, como homem-/personalidade e como realizador de talento que é. O Fonseca e Costa representa para mim, no cinema, a força viva e inovadora, que o teatro independente representou quando do seu surgimento. Ambos têm uma coisa em comum que me agrada, o gostarem muito de actores e tirarem deles o seu melhor, que para mim é muito importante.

«Sábado» — Já tens na tua carreira muitos filmes?

PG — Tenho oito e fiz uma média metragem com o Jorge Marecos Duarte, com quem muito gostaria de voltar a trabalhar, o filme O Outro, com o qual ele foi admitido na American Film Institut, de Los Angeles. Tendo voltado a Portugal, apresentou um projecto no IPC e até hoje não obteve resposta, o que demonstra como as instituições portuguesas sabem apreciar os seus cidadãos de mérito, como este homem, que foi escolhido entre milhares num país estrangeiro, e vê o seu valor ignorado na sua própria terra.

«Sábado» — Que pensas das tuas experiências televisivas?

PG — Sempre pensei que as telenovelas brasileiras tiveram uma grande função, que foi o pôr o povo português a ouvir de novo a sua língua. Depois entrei na Vila Faia e só então senti o que é o peso de um trabalho a nível nacional, ou seja, um trabalho visto por oito milhões.

«Sábado» — Gostas do teu papel em Origens?

PG — Gosto muito!

«Sábado» — E que tal o ambiente de trabalho?

PG — Foi para mim uma grande experiência ter conhecido verdadeiramente o Nicolau Breyner, eu já o conhecia pessoalmente mas nunca tinha trabalhado com ele. Foi uma grande revelação, pois é um profissional como raramente vi, com uma capacidade de trabalho excepcional. Parece-me o homem dos sete instrumentos, pois todos os instrumento que toca, toca-os bem, sabe sempre até onde pode ir e é isso que a mim me fascina nele.

«Sábado» — Quais os teus planos para o futuro?

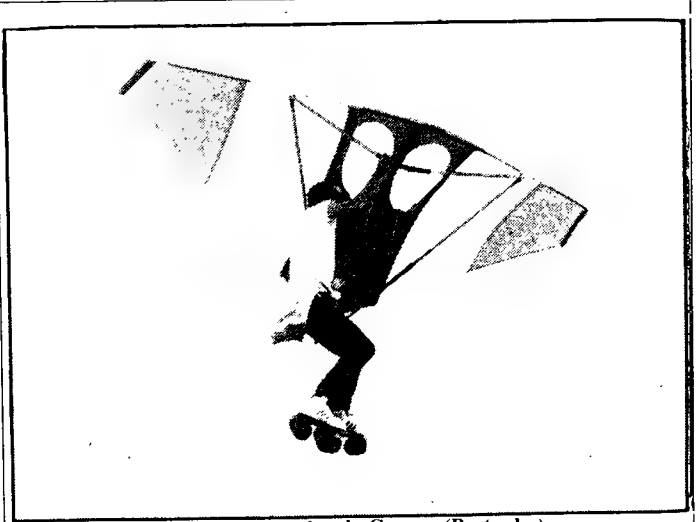
PG — Continuo no projecto do Novo Grupo de Teatro, onde brevemente iremos começar a ensaiar uma nova peça, espero continuar a fazer cinema e televisão e neste momento estou a ler o Livro do Desassossego, do meu querido Fernando Pessoa.

A. B.

Depois do windsurf chegou o windskate

Sulcar as ondas ou percorrer o areal a velocidades razoáveis obtidas pela força do vento, é a diferença entre o windsurf, tão na moda, e o windskate

Banhistas e curiosos vêm sendo surpreendidos com a passagem súbita de um homem agarrado a uma asa colorida, que desliza a grande velocidade sobre dois patins. O homem é Le Bail, um técnico de computadores. A asa colorida e os patins fazem parte de uma nova modalidade desportiva, o winsdskate, descoberta e aperfeiçoada pelo próprio. O cenário da experiência tem sido a praia de Carnac, na costa francesa da Bretanha, onde o areal espesso e duro é ideal para esta prática. Depois do Windsurf vamos ter o windskate?



Deslizando velozmente nas areias de Carnac (Bretanha)

No seu mais recente papel como inventor independente, Le Bail, fervoroso praticante de windsurf, esquiador alpino, fascinado pelo voo, aperfeiçoou agora esta asa, ou vela, que tanto pode ser usada com patins, esquis aquáticos ou esqui alpino.

«Observei o voo das gaivotas», explica, «e copiei a forma das suas asas de modo a obter uma vela curva, a qual lembrará a alguns as asas de um pássaro a quem tenha sido cortada a cabeça». Apropriadamente, Le Bail baptizou a sua invenção de «Asa de Pássaro».

É constituída por uma estrutura de metal e pesa cerca de 3,5 quilos. Com vento favorável pode facilmente atingir os 60 quilómetros horários e, se devidamente manobrada, permite saltos espectaculares e manobras a alguns metros do solo.

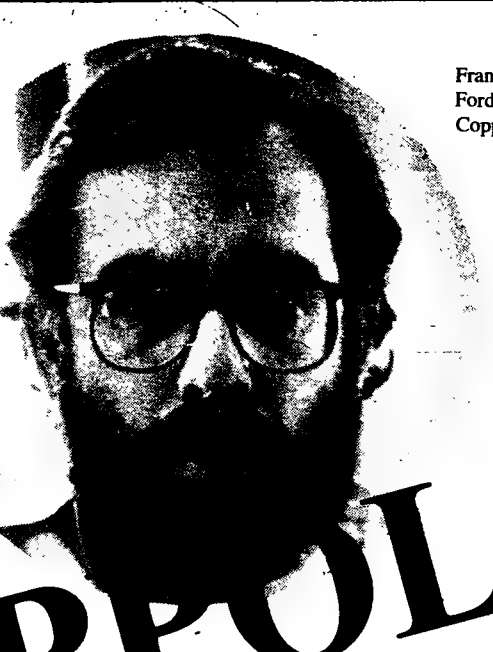
Já em produção

Numa oficina da sua casa de Carnac, Le Bail trabalha, presentemente, no aperfeiçoamente do seu invento como primeiro passo para a sua produção em série. Até agora já chegaram ecomendas de países estrangeiros, especialmente da Arábia Saudita, onde as areias do deserto fornecem uma pista excelente.

Qualquer par de vulgares patins serve perfeitamente. Mas Le Bail aconselha o envolvimento das rodas com uma matéria plástica — o neoprene — de modo a obter melhor aderência. Assim, explica, será mesmo possível praticar windskate sobre pedra.

Não há dúvida que Le Bail é um homem de visão. Todos os estudos de mercado, na Europa como nos Estados Unidos, demonstram que tanto a patinagem como o windsurf estão em período de «alta» no mercado.

Um bom exemplo da popularidade dos patins será a próxima tentativa que o francês Pascal Jubault se propõe fazer: atravessar os Estados Unidos, à razão de 100 quilométros diários e ao longo de dois meses. Se o conseguir, lá irá mais um nome para o «Guiness Book».



Francis Ford Coppola

COPPOLA megalómano genial

A um produtor que o admoestava dizendo-lhe «vinte anos antes de você nascer já eu fazia filmes» ele retorquiu-lhe «eu hei-de fazer filmes vinte anos depois de você morrer». Ele é Francis Ford Coppola e algo é já certo: vinte anos depois de morrer os seus filmes continuarão a ser profundamente amados.

Dizer que os seus filmes **continuarão** a ser amados é, certamente, um erro de expressão. Porque se é verdde que poucos realizadores se podem gabar de ter averbado sucessos comerciais tão estrondosos como **O Padrinho** ou sucessos de crítica tão ditirâmbicos como **Apocalypse now** o certo é que a onda negativa que público e crítica americanos reservaram a **Do fundo do coração** (levando não só ao insucesso do filme como à quase falência financeira de Coppola) praticamente não tem paralelo.

E, no entanto, aquele que hoje é uma espécie de ídolo a abater pela poderosa indústria cinematográfica americana, aquele que soube desafiar todas as lógicas de produção de filmes (com **Apocalypse now**) e toda a lógica do cinema (com **Do fundo do coração),** ainda há pouco era um bem-vindo à indústria que lhe abria as portas dos cofres e os louvores das instituições.

Dez anos atrás, com *«O Padrinho»* campeão de receitas, Coppola via esse filme ser coroado de óscares (entre os quais o de «melhor filme» mas não o de «melhor realização») para, em 1974, *«O padrinho — parte II»* voltar a ser bastante premiado (e, desta feita, «melhor filme» e «melhor realização» foram parar às suas mãos). Entretanto, também em 1974, Cannes outorgava-lhe o «Grande Prémio» com *«O vigilante»*, tudo parecia sobre rodas.

É claro que a história de Coppola não começa em 1972. Natural de Detroit, onde nasceu a 7 de Abril de 1939, aluno da Escola de Cinema da U.C.L.A., os seus primeiros trabalhos no cinema datam do início dos anos 60 quando é um pouco um «homem para todo o serviço» (assistente, dialoguista, técnico de som, operador, realizador de segunda equipa) em vários filmes de Roger Corman. É aliás Corman quem lhe dá meia dúzia de milhares de dólares com que Coppola realiza o seu primeiro filme, *Dementia 13*, em 1963.

Argumentista na Seven Arts (ele trabalha, nomeadamente, em *«This property is condemned»* de Pollack, *«Paris já está a arder?»* de René Clément, *«Reflections in a golden eye»* de Huston) realiza em 1966 um segundo filme *(«You're a big boy now»*

As meninas do Playboy no inferno do Vietname, em «Apocalypse now»; Coppola desafia a lógica de produção americana.

«Do fundo do coração»: **o génio já não encontra interlocutores, é a ruína.**

filme que sai dos Zoetrope Studios e que os leva à ruína é talvez a obra mais agressivamente pessoal que Hollywood vê produzir-se desde *«Litizen Kane»*. Não é um filme de indústria (como *«Gandhi»*) nem de público (como *«E.T.»*) nem de efeitos especiais (como *«A guerra das estrelas»*) nem de actores. É *o* filme de Coppola, um filme em que um americano ousa fazer o *seu* filme, a *sua* paixão mesmo estando contra todos e exibindo esse orgulho.

O resultado é um dos mais geniais produtos cinematográficos de todos os tempos. Um filme completamente visionário, um sonho ou um pesadelo cheio de luz, som e desencanto.

Mas os dados estavam lançados. A campanha hostil da Imprensa e a rejeição pelo público levam *«Do fundo do coração»* ao abismo financeiro. Coppola vende quase tudo o que tem e recomeça. Há rumores que o seu filme seguinte também vai ser recebido com não pouca agressividade.

Pelo meio, Coppola sonha. Com uma Bayreth do cinema (ele lança as sete horas de *«Hitler»* de Syberberg e o gigantesco *«Napoleão»* de Gauce em sessões quase históricas), com uma ilha de onde emitir, via satélite, as suas produções para todo o globo, com o cinema electrónico.

Ele é um megalómano, é claro. Mas vinte, trinta, cinquenta anos depois de morrer os seus filmes serão amados. Ou então a Terra girará ao contrário e virá uma tempestade para tudo arrasar.

J.L.R.

Robert de Niro em «O padrinho — parte II»: **a indústria premeia-o com uma chuva de Óscares.**

que passou em Portugal sob o título *«A noite é perversa»*) que o torna notado.

Depois é o sucesso de *«Finian's Rainbow»* (*«O vale do arco-íris»*), uma comédia musical com Fred Astaire e Petula Clark e o fracasso de *«The rain people»*.

Aceita rodar «O Padrinho», para a Paramunt, para poder ganhar algum dinheiro. Nunca pensou ganhar tanto. E os filmes «pessoais» de Coppola só então começam.

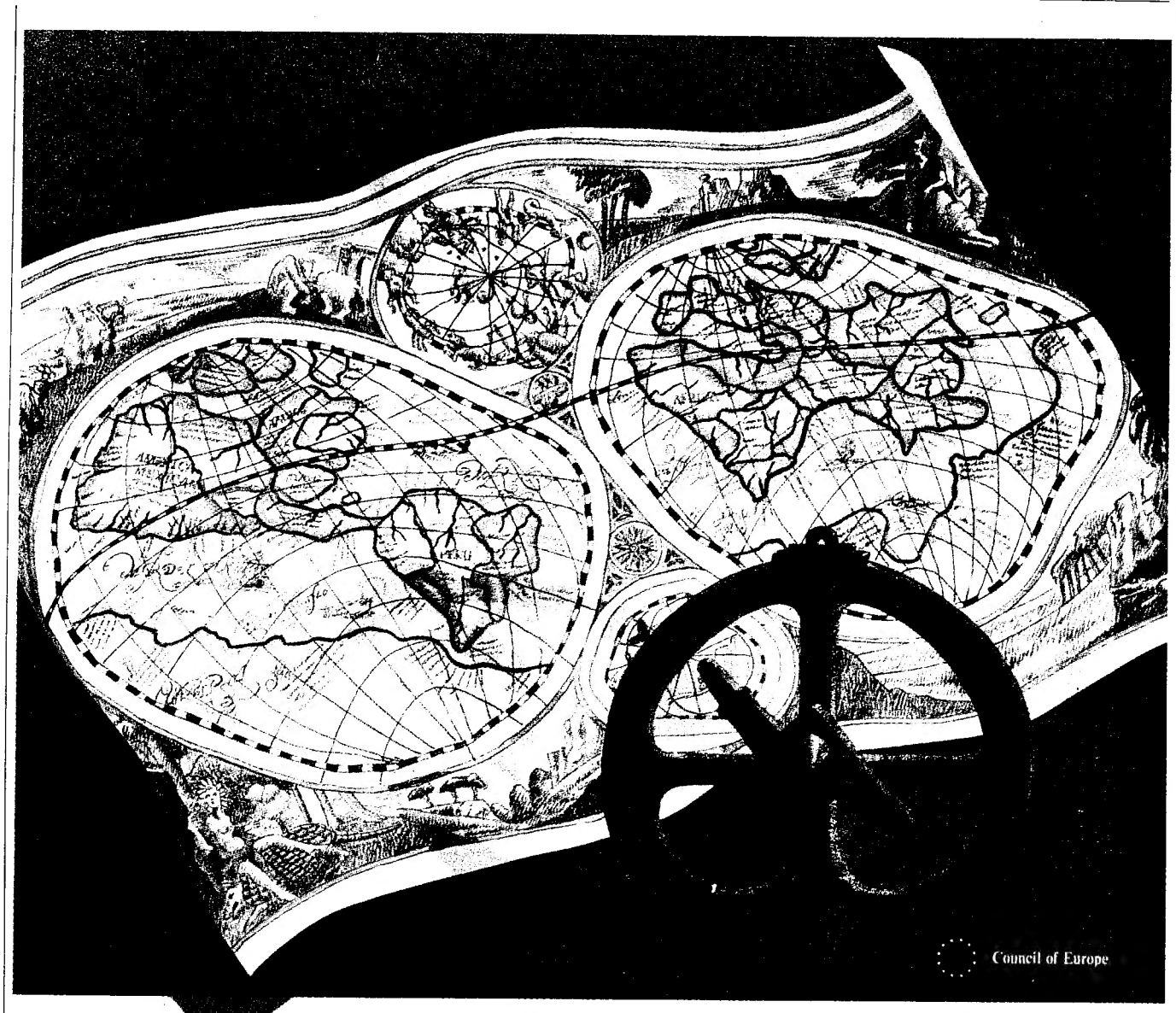
«O vigilante», em torno de um perito em escutas, é um filme sobre a solidão técnica.

«O Padrinho — Parte II» sai do tom do antecessor e torna-se uma reflexão sobre o capitalismo, é um filme sobre a solidão do poder.

E o sucesso deste dá-lhe hipótese para o seu primeiro projecto de desmesura: *«Apocalypse now»*, rodado nas Filipinas, com o argumento de Milius abandonado e à mercê das suas próprias ideias, Coppola ultrapassa em muito os orçamentos, gasta milhões e milhões e manda vir mais dinheiro dos financiadores com a displicência dos provocadores. E quando os banqueiros tentaram parar a aventura e tirar-lhe o filme das mãos, os seus enviados, depois de visionarem os quilómetros de material rodado, telegrafaram para Nova Iorque: o material não é montável, impossível parar, só Coppola pode, com ele, construir algo inteligível.

Vendo *«Apocalypse now»* e a sua construção visionária percebe-se porquê. Mas Coppola, tendo desafiado todas as lógicas de produção, não se afundou. *«Apocalypse now»* fez voltar aos cofres dos financiadores o seu dinheiro devidamente aumentado. O filme foi um sucesso, a crítica considerou-o o grande farol com que a década de 70 fechou, mas Coppola era um homem marcado: nenhum dos principais óscares lhe é atribuído e a indústria vê, com indisfarçada raiva, Coppola comprar os maiores estúdios de Hollywood e anunciar que a vai desafiar no seu próprio coração.

«One from the heart», o



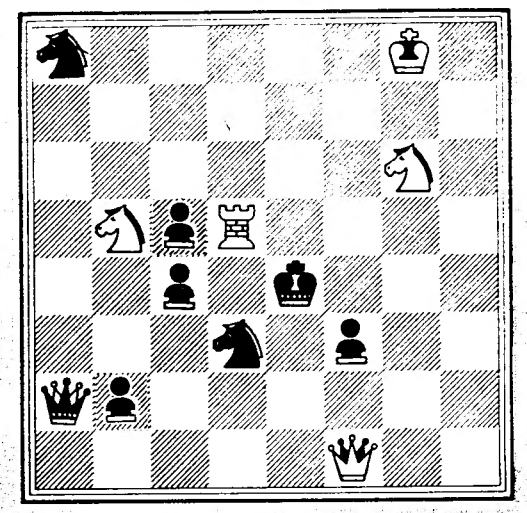
a XVII
Exposição Europeia
de Arte, Ciência e Cultura

constitui um acontecimento cultural da maior relevância, não apenas em Portugal, mas também na Europa e no Mundo.
O **Banco Totta & Açores,** ao celebrar 140 anos de existência, orgulha-se da sua participação nesta relevante iniciativa, concretizada no patrocínio de realizações que se estendem a todo o País e às comunidades portuguesas no Estrangeiro.

INTERMARCO ESPIRAL

BANCO TOTTA & AÇORES
Perto de si por muitas razões

XADREZ

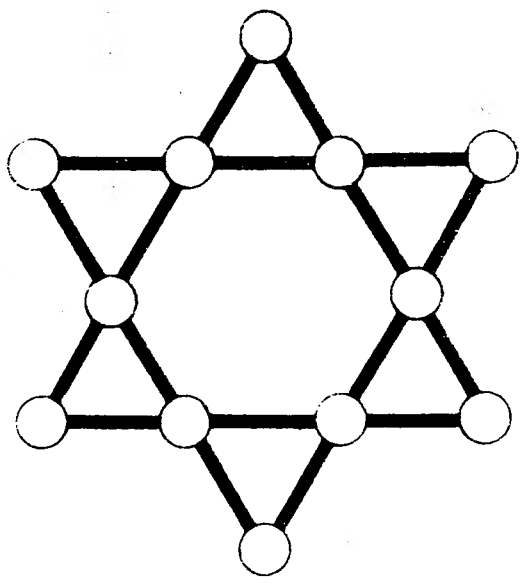


Chave, relativamente difícil encontrar, conduz a mates com o R em diferentes casas, após segundos lances de sacrifício.

SOLUÇÃO

1. Rf8 (am. 2. Dxd3 + cxd3 3. Te5 ++). 1...Re3 2. Txd3 +cxd3 3. De1 ++. 1...f2 2. De2 + Rxd5 3. Ce7 ++.

QUEBRA-CABEÇAS



Escreva números de um a doze nos diferentes círculos de modo a que a soma dos números em cada linha dê sempre um total de 26

Brincar faz bem à saúde (2)

Remar: endurece os braços e os músculos superiores das costas. Gabriel está virado para Lyon que o segura pelos punhos aproximando-o e afastando-o.

De cabeça para baixo: endurece os músculos dos braços, ombros e pernas. Lyon está de pé, direita, pés afastados. O Daniel, de cabeça para baixo, seguro pelos tornozelos. Para além do mais, ajuda a irrigação do cérebro da criança. Não manter a posição por demasiado tempo.

Olá!: endurece os braços, ombros e peito. Deite-se de costas com os joelhos flectidos. Lynn segura Daniel pelo peito com as palmas das mãos e eleva-o, flectindo e esticando os braços. Lembre-se: o contacto físico é mais importante do que atirar o seu filho ao ar, numa manifestação de alegria.

A cavalo: endurece os músculos da barriga das pernas e as coxas. O Daniel senta-se nos ombros de Lynn e agarra-lhe nas mãos. Ela eleva-se na ponta dos pés. Repete cinco vezes tentanto ir aumentando a contagem com a passagem dos dias.

Como da última vez, aqui vai a recomendação: estes exercícios podem e devem ser partilhados com o pai. É bom para a saúde e ajuda nas relações afectivas.

No último número de «SÁBADO» apresentámos alguns exercícios simples exemplificados pela actriz Jaime Lynn Bauer com os seus filhos Gabriel, de 4 anos, e Daniel, de 2 anos. Hoje concluímos.

BRIDGE

A vaza invisível

PHILIPPE BRUGNON

Certos jogos, mesmo quando resultam, são tão difíceis que nem olhando para as quatro mãos se percebe como foi possível fazê-los. Este que vamos ver foi jogado em partida livre na América e o herói foi o campeão australiano Bob Richman.

	♠A743 ♡AD ◇A7632 ♣D4	
♠D105 ♡753 ◇RD ♣R7652	N O E S	♠V982 ♡98 ◇V109 ♣A983
	♠R6 ♡RV10642 ◇854 ♣V10	

Não sabemos quais foram as vozes até às 4 Copas de Sul, e a pergunta é: depois da abertura com o 5 de Copas, *como é que Richman, em Sul, conseguiu as 4 Copas* contra qualquer defesa?

RESPOSTA

Parece impossível evitar a perda de dois Ouros e de dois Paus. Ora em casos destes há interesse em jogar uma cor longa apurada a fim de exercer pressão sobre o adversário, pois pode acontecer que este faça uma balda que o prejudique, seja por erro, seja porque não tem a hipótese de defender todos os naipes. Foi o caso para Este, quando Sul puxou a sua quinta Copa (depois de ter baldado no morto dois Paus e um Ouro). A Este restava o seguinte jogo:

♠V982 ♡—— ◇V109 ♣A9

Não podia deitar uma Espada porque o declarante apuraria quarta Espada depois de cortar a terceira; Este também não podia deitar um Ouro porque bastava ceder uma carta de Ouros para apurar duas ao adversário; Este foi assim obrigado a deitar o 9 de Paus *e de guardar seco o seu Ás de Paus*. Mas sendo assim, a defesa não podia fazer imediatamente as suas duas vazas de Paus, uma vez que o Ás bloqueava o naipe, e Richman avançou *dando uma vaza em Ouros!* Oeste apanhou a vaza e jogou Paus. Oeste toma a vaza e contra-ataca em Espadas, que Richman apanha com o Rei, jogando a seguir Ás de Ouros e outra de Ouros:

♠A7 ♠76 / ♠6 ♡4 ◇8 ♧V — ♠V98 ◇V

Este fez o Valete de Ouros e foi obrigado a jogar Espadas. O declarante faz então o Ás de Espadas, o 7 de Ouros *(a vaza invisível)* e o seu último trunfo.

ALTERNATIVA

Economia, reciclagem e bio-sanitários

A massa das coisas que se desperdiçam nas sociedades industriais aumenta à medida que cresce o chamado «nível de vida», como uma espécie de espectro que se avoluma e ameaça destruir irremediavelmente a nossa qualidade de vida e a sobrevivência planetar.

Em matéria de desperdícios domésticos, esse aumento está em constante ascensão, chegando a acontecer que em certas cidades, nos últimos 15 anos, houve um aumento de 4,5 vezes o desperdício anterior.

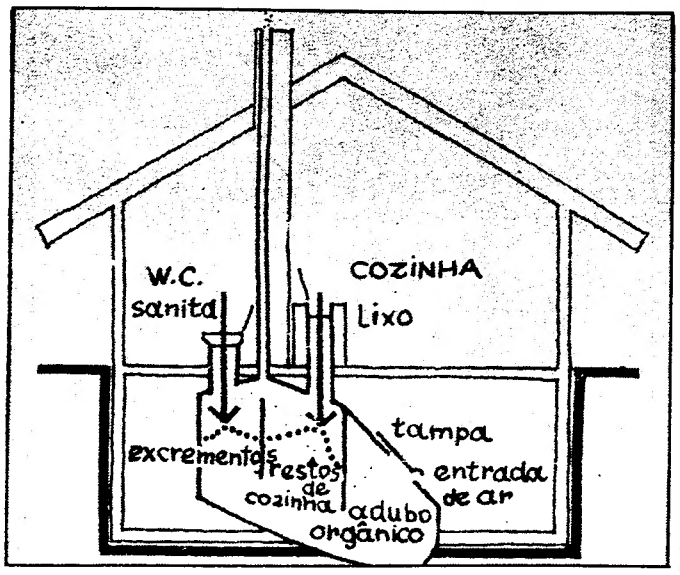
A gestão dos desperdícios — meta urgente a atingir por todos os países com um mínimo de consciência ecológica — visa, na medida do possível, a sua recuperação e reciclagem. Ou seja: reaproveitamento dos resíduos orgânicos (produção de adubos, gás metano, depuramento das águas), dos resíduos sólidos inorgânicos (metais, etc.), reintegrando os materiais recuperados, seja nos ciclos naturais, seja no circuito economico. A ausência de um plano de reciclagem ou a sua má gestão contribui para o crescente desperdício de recursos de primeira necessidade.

Um exemplo

Hoje descrevemos um modelo, que além de eliminar a água como veículo, torna possível a utilização da fermentação aeróbia para a produção de matéria orgância de fertilização.

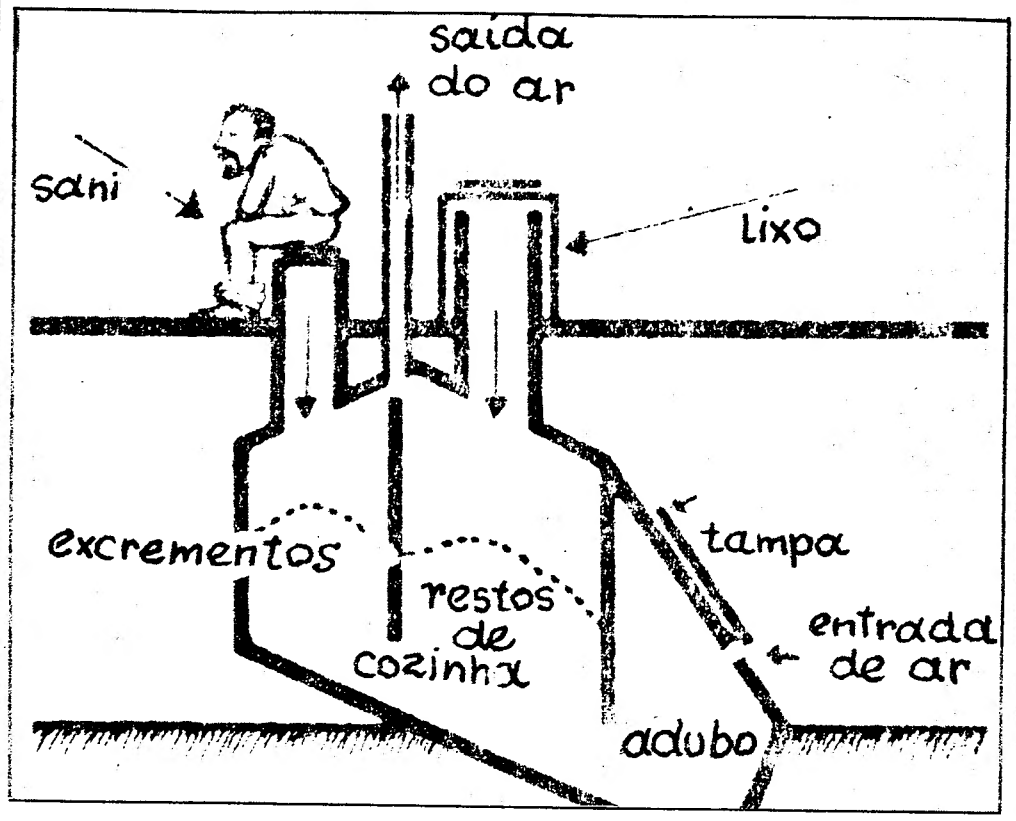
Trata-se da instalação sanitária chamada **clivus multrum,** com um compartimento para a decomposição dos excrementos e dos desperdícios orgânicos da cozinha (partes não utilizadas dos legumes, restos de comida, etc.). O sistema foi inventado em 1938 por um sueco chamado Richard Lindston e desde então numerosas instalações deste tipo funcionam no seu país.

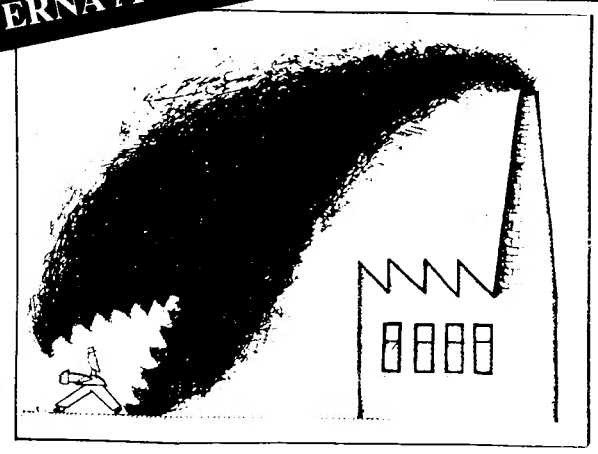
A instalação é constituída por um compartimento subterrâneo de decomposição aeróbia, em fibra de vidro e plástico, inteiramente estanque. O interior é dividido em sucessivos compartimentos, em plano inclinado. Os excrementos e os restos de cozinha são lançados no nível superior do reservatório. Durante o processo de decomposição os resíduos tomam, cada vez mais, uma consistência líquida e homogénea, deslizando esta pasta para o compartimento inferior, no qual é totalmente decomposta e em seguida utilizada como fertilizante orgânico.



Para acelerar a fermentação aeróbia pode-se acrescentar à pasta um activador biológico e, nos climas frios, deve-se instalar no compartimento de decomposição um sistema de aquecimento, por exemplo, a partir de **painéis solares.**

Para que a decomposição seja eficaz, é preciso uma boa ventilação (acelera a evaporação dos líquidos), sendo por vezes a circulação natural do ar insuficiente, sobretudo nos países quentes. Neste caso, será preferível acrescentar ao sistema uma forma de ventilação mecânica, com base, por exemplo, na captação do vento, numa corrente de água, na electricidade, etc..





Em busca de uma nova tecnologia

São já numerosos os animadores e os construtores de uma nova civilização que, por um lado, se preocupam com a protecção e reciclagem dos recursos planetares de primeira necessidade até agora esbanjados pelos países industrializados, e por outro, com novas formas de organização social, em que predominem as pequenas unidades de produção, a descentralização, a gestão e a directa participação do cidadão, relações de igualdade e condições de vida criativas, úteis e não alienantes, etc.

A opção em termos de uma **tecnologia alternativa** é, por isso, uma das mais importantes respostas à crise energética e civilizacional das sociedades actuais pois ela implica uma profunda mudança das técnicas, do seu processo de criação e do seu uso social. Enfim, um outro modelo de comunidade social...

Ao contrário do que muitos pensam e afirmam, a degradação do ambiente não é uma consequência inevitável do desenvolvimento económico. a degradação, a todos os níveis pode ser evitada e em certos casos minorada, dependendo das opções e da importância dos valores humanos.

Utopia e realidade

É Roben Clark que, num artigo intitulado «Techonology for an Alternative Society», publicado em 1973, descreve alguns dos valores que devem animar as sociedades de amanhã:

«... O Homem deve passar antes da máquina, o povo antes do Estado, a prática antes da teoria, o aluno antes do mestre, o campo antes da cidade, o pequeno antes do grande, a visão global antes do pormenor, a matéria orgânica antes da matéria sintética, o trabalho artesanal antes da especialização estreita, a qualidade antes da quantidade» (in New Scientist).

Segundo alguns, não basta edificar aqui e ali comunidades humanas voltadas para este tipo de concretizações e críticas «utópicas», dado que tais micro-sociedades criariam a ilusão de uma revolução total, quando de facto não é o caso. Mesmo assim, tais iniciativas, ainda que de carácter essencialmente experimental, são no plano comunitário muito importantes. Mas parece não ser suficiente difundir a ideia e multiplicar as comunidades sociais de alternativa, para que essa revolução ecológica possa alastrar e abandonar o seu carácter marginal e em muitos casos utópico.

Parece ser necessário passar este tipo de opções para o quadro mais concreto e próximo dos problemas e aspirações de cidadão, inserindo-as assim também no plano das opções políticas e sócio-económicas. E aqui há muito que fazer e por fazer!

Coordenação de Vitor Quelhas

O dente-de-leão amargo, mas cura!

UMA das plantas medicinais mais conhecidas e comuns, o dente-de-leão cresce em quantidade no campo, caminhos e jardins, chegando a ser cultivada como salada em certos países europeus.

É uma planta da família das **compostas**, com folhas recortadas, flores de um amarelo vivo, reunidas em capítulos que ao chegarem à maturidade formam um tufo esférico de sementes que se dispersam ao vento.

Toda a planta segrega um suco leitoso, abundante e dotado de um sabor amargo bastante agradável, contendo as folhas vitamina C e magnésio, até 24% das cinzas. Além deste princípio amargo ou inulina, contém tanino, sais minerais e outras substâncias activas.

A sua acção preventiva e terapêutica consiste em diminuir o colesterol no sangue e num poderoso efeito nas afecções crónicas do fígado. Por outro lado, a medicina popular e os fitoterapeutas atribuem-lhe também outras propriedades curativas:

— A observação clínica demonstra que o dente-de-leão em salada, restabelece com eficácia as funções hepato-biliares, suprimindo todas as manifestações dolorosas;

— Como purificador do sangue, tem tradição de suprimir certos eczemas, furúnculos e outras desgraciosas manifestações epidérmicas;

— Tem resultados excelentes na prevenção e tratamento dos problemas circulatórios, do estômago, da prisão de ventre, falta de apetite, arteriosclerose, diabetes, gota, reumatismo e «preguiça» renal.

Como fazer

O dente-de-leão pode ser preparado em tintura, extractos, soluções diversas, e as folhas e as raízes, utilizadas em infusão e decocção, são consideradas como um excelente tónico.

Salada: folhas e rebentos tenros, uma salada ao meio-dia e à noite, durante 15 dias, só ou misturada com alface, p.ex. Excelente!

Infusão: folhas frescas ou secas, 30 a 60 g num litro de água.

Decocção: utilizam-se as raízes cortadas em pequenos pedaços, 50 a 60 g num litro de água. Deixa-se ferver durante alguns minutos.

Tanto a infusão das folhas como a decocção das raízes, devem ser tomadas no correr do dia, de 3 a 6 taças, e se preferir adoçadas com um pouco de mel de rosmaninho.

Viagem aos confins da personalidade

APESAR de bem conhecidos e correntes, certos fenómenos psicológicos e fisiológicos continuam a ser, na sua essência, tão misteriosos e inexplicáveis como a telepatia, a força telecinética ou a estigmatização. Nestes fenómenos deparamos com uma estranha transição entre duas cateorias de situações, umas normais, e outras paranormais, de forma que a fronteira comum é quase imperceptível.

Entre esses fenómenos de fronteira, contam-se os de dissociação da personalidade e os chamados casos de calculadores prodígios, revelando ambos certas franjas do subconsciente verdadeiramente insólitas.

Com o decorrer do tempo, os psicólogos e os psiquiatras descobriram que não apenas existem casos simples de dissociação de personalidade, mas também casos que apresentam quatro, cinco e até mesmo seis «personalidades», cada uma delas apresentando o seu carácter particular, sentimentos específicos e crenças religiosas próprias.

Curiosamente, por vezes essas personalidades ignoram-se mutuamente e noutras circunstâncias, pelo contrário, conhecem-se e criticam-se, chegando a ter cada uma delas a sua forma característica de escrever e até mesmo a sua própria caligrafia!

O caso de Mollie

Descrito por Robert Tocquet no seu estudo sobre os poderes secretos do Homem, este caso é um dos mais significativos no que diz respeito às personalidades múltiplas e alternadas.

Em consequência de um grave acidente, ocorrido aos 16 anos, Mollie Fancher caiu numa espécie de ataque cataléptico que durou nove anos. Durante esse tempo os seus olhos permaneceram quase sempre fechados, embora ela não dormisse.

Outra característica peculiar de Mollie, era o seu braço direito, que ficou durante esse tempo contraído e erguido acima e atrás da sua cabeça. Apesar de tão estranha posição, durante os nove anos em que permaneceu nesse estado, ela escreveu 6500 cartas, fez trabalhos de lã e utilizou cerca de 2835 quilos de cera para confeccionar flores, que depois coloria com muita perfeição!

Com uma destreza fora de vulgar, Mollie Fancher executava todos esses trabalhos com gestos e movimentos feitos acima da sua cabeça, aproximando a mão esquerda da direita, segurando com ela a cera, a caneta e os restantes objectos de que necessitava, e isso no mais completo estado de inconsciência...

Novas personalidades

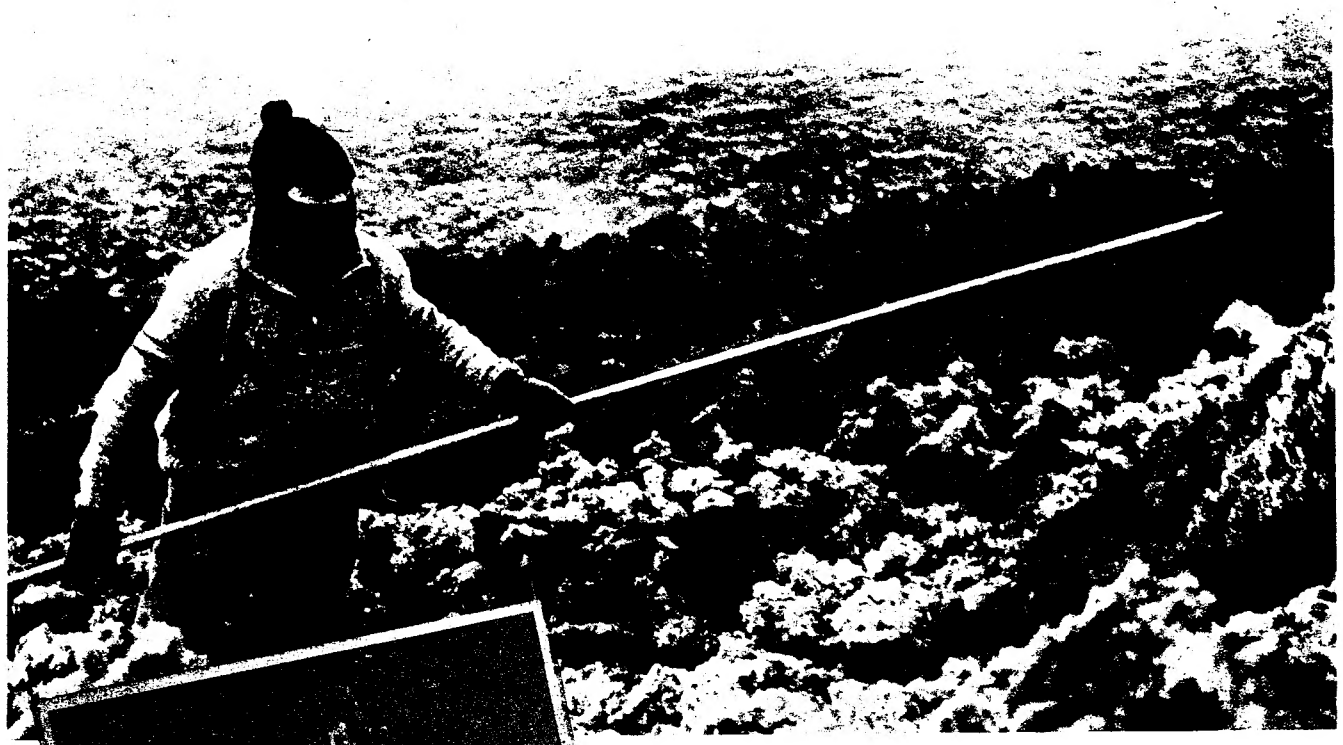
Um belo dia, Mollie despertou do seu estado de catalepsia, cessando então a imobilidade do braço direito. Grande foi a sua surpresa quando, ao pensar que apenas tinha dormido uma noite, lhe disseram que tinha estado inconsciente durante nove anos! E para cúmulo, Mollie não acreditou que tivesse sido ela a fazer aquelas flores magníficas, considerando-se incapaz de executar qualquer trabalho artístico.

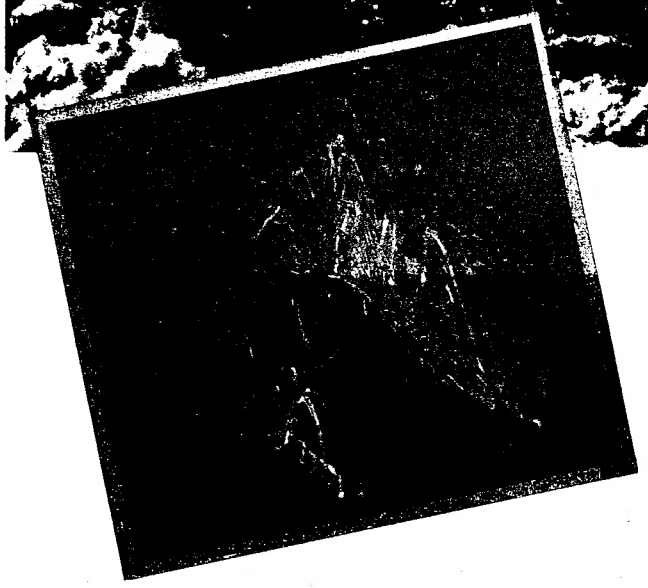
Mas a dissociação da personalidade de Mollie Fancher não ficou por ali. Sucederam-se à primeira, cinco outras personalidades, todas elas diferentes e intercalares por estranhas crises convulsivas que pareciam desarticular violentamente os seus membros. E as cinco novas personalidades tinham nomes diferentes: Sunbeam, Rosebud, Idol, Pearl e Ruby, o que em português quer dizer «raio de sol», «botão de rosa», «ídolo», «pérola» e «rubi». Nomes curiosos, sem dúvida...

Sunbeam representava a personalidade habitual de Mollie, de todos conhecida, mas bastante diferente da que teve durante os longos nove anos de inconsciência. À noite, no entanto, Sunbeam cedia o seu lugar à pequena Rosebud, que afirmava ter apenas sete anos de idade e que não acusou o menor desenvolvimento enquanto durou o processo. Depois sucedia Idol, em seguida Pearl e logo Ruby, viva e espirituosa.

É curioso assinalar que as lembranças de cada uma das personalidades limitavam-se a determinadas porções da vida de Mollie Fancher e que ela, durante este fantástico caleidoscópio de cinco personalidades, nunca dormiu!

V.Q.





Etna: entre o optimismo e o medo

Três metros/hora de lava eis quanto a cratera do Etna, na Sicília, está a «despejar» desde o passado mês de Março pelas encostas do monte com o mesmo nome. Numerosas casas têm sido subterradas pela lava, fazendo com que as aldeias vizinhas de Nicolosi e Belpasso vivam em estado de alerta permanente.

Mais de 20 mil pessoas estão ameaçadas por esta última erupção do Etna e a estrada de evacuação, que liga Nicolosi ao refúgio de montanha de Sapienza encontra-se cortada.

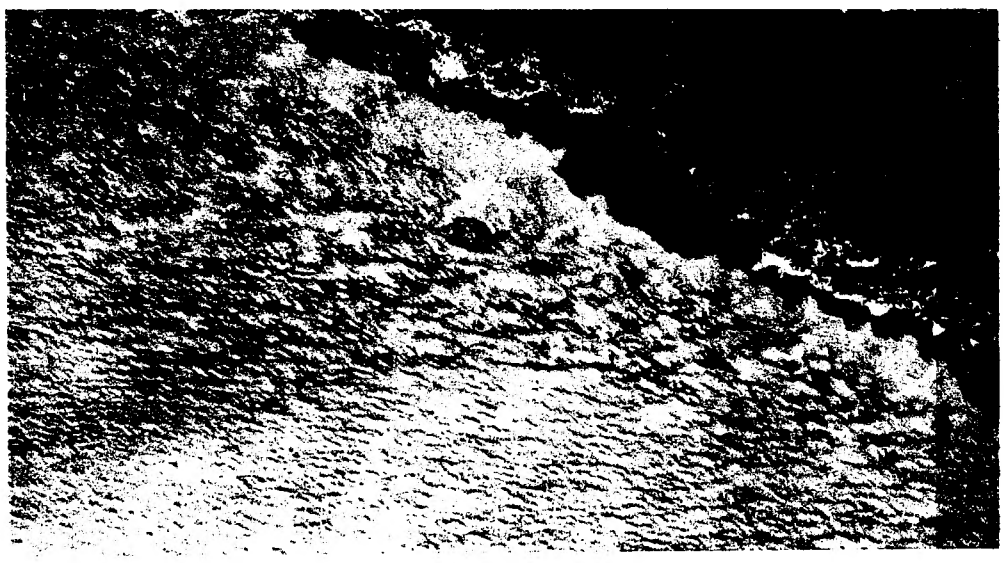
Uma montanha privada

Como muitas outras áreas rurais na Sicília, as encostas do Monte Etna são propriedade de camponeses. Isto dificulta as operações de combate aos efeitos desta última erupção, uma vez que um dos processos utilizados — a dinamitagem de zonas por onde passará a lava encandescente — necessita da autorização prévia dos donos das propriedades.

Para além disso, há ainda a Mafia. Por exemplo, Giovanni Sampinato, advogado do presidente da Câmara de Belpasso, prefere não revelar quem são os principais proprietários das encostas do Etna. No entanto, rumores correm de que à «muito dinheiro» e «gente influente» impedindo que qualquer acção seja empreendida no Etna, capaz de pôr em causa os seus direitos de propriedade.

Muitos turistas

Para a Sicília o Etna é uma espécie de «benção divina». O seu estado de semierupção atrai qualquer coisa como 200 mil turistas por ano.



Para além disso, é ainda uma fonte de estudo permanente para os vulcanologistas, que aproveitam os seus períodos de «calma» para estudos importantes.

Acrescente-se que, quando o vulcão entra em erupção, a sua actividade não constitui grande perigo para os milhares de pessoas que habitam sobretudo na vertente sul.

Claro que há algumas excepções. Em 1669 destruiu parcialmente a cidade de Catania e matou alguns milhares dos seus habitantes. É a recordação desta tragédia que torna os habitantes do Etna tão ansiosos sempre que há uma erupção mais violenta.

Sucede que a presente erupção assume aspectos preocupantes. Com efeito, nem sempre sucede um fluxo tão grande de lava a temperaturas tão altas que em alguns casos atinge os mil graus centígrados, descendo a uma velocidade de 2 metros por segundo.

Fim próximo

Supõe-se que a erupção esteja prestes a terminar. Se assim não suceder, então haverá razões para sérias preocupações.

Nicolosi será então a localidade mais ameaçada, não apenas pela torrente de lava, mas também pelas fendas que a actividade sísmica, subjacente à actividade vulcânica, poderá provocar.

Na verdade, se a uma boa equipa de vulcanologistas é fácil diagnosticar a proximidade de uma erupção, já lhes é mais difícil, senão impossível, prever o seu termo.

Mais importante ainda: mesmo que o período de erupção possa ser alvo de um cálculo aproximado, nada poderá deixar antever a magnitude das suas consequências.